

SABERES

EDIÇÃO COMEMORATIVA 20 ANOS DO CURSO DE PEDAGOGIA



ORGANIZAÇÃO:

Centro Universitário UNIFACEAR

SABERES UNIFACEAR

Edição Comemorativa
20 anos do Curso de Pedagogia

Organização:

Andreia Helena Pasini Guareski

Heloísa Pinheiro

Thais Barbosa Marochi

Thiago Boaventura

Araucária - PR, 2026



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFACEAR

Av. das Araucárias, 3802 - Tomaz Coelho, 83707-065. Araucária - PR
www.unifacear.edu.br Instagram @unifacear

Reitor José Corsino

Direção acadêmica Andreia Helena Pasini Guareski

**Organização e
normalização** Helóisa Pinheiro
Thais Barbosa Marochi
Andreia Helena Pasini Guareski

**Coordenação do curso de
Pedagogia** Thiago Boaventura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Saberes Unifacear [livro eletrônico] : edição comemorativa : 20 anos do Curso de Pedagogia / organização Andreia Helena Pasini Guareski...[et al.]. -- Araucária, PR : Centro Universitário Unifacear, 2026.
PDF

Vários autores.
Outros organizadores: Heloisa Pinheiro, Thais Barbosa Marochi, Thiago Boaventura.
ISBN 978-65-977931-0-5

1. Educação superior 2. Pedagogia 3. Relatos de experiências I. Guareski, Andreia Helena Pasini. II. Pinheiro, Heloisa. III. Marochi, Thais Barbosa. IV. Boaventura, Thiago.

26-400933.0

CDD-370

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação : Coletâneas 370

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Prefácio

Thiago Boaventura — Coordenação do Curso de Pedagogia

Vinte anos atrás, um grupo de pessoas acreditou que era possível formar educadores capazes de transformar salas de aula — e, com essa aposta, nascia o curso de Pedagogia da Unifacear. Dito assim, parece apenas uma medida de tempo. Duas décadas, uma data a celebrar. Mas basta olhar um pouco mais de perto para perceber que o tempo, quando atravessado pela educação, nunca é feito apenas de anos. É feito de pessoas, encontros, escolhas, desafios, sonhos e histórias que permanecem muito depois de terem acontecido.

Talvez ninguém pudesse imaginar, naquele momento, quantas histórias começariam a ser escritas a partir dali.

Este livro é fruto de tudo o que essa crença construiu: histórias de professores, egressos e estudantes que, cada um à sua maneira, deram corpo a esse sonho. Pessoas que chegaram trazendo suas próprias histórias e que, ao longo do caminho, também passaram a fazer parte da nossa.

Alessandra Giacomiti — Professora do Curso de Pedagogia

E o que cabe em vinte anos?

Cabem encontros e despedidas, chegadas e recomeços. Cabem salas de aula, corredores, livros, conversas, descobertas, inquietações e perguntas que talvez ainda hoje procurem respostas. Ainda me emociono quando penso nas primeiras turmas — nos rostos que hoje já nem lembro os nomes, mas cujo entusiasmo carrego comigo até hoje, que me fazem continuar na formação, acreditando que a educação transforma vidas.

Mas vinte anos também deixam marcas.

Algumas podem ser encontradas em fotografias, documentos e registros. Outras não. Permanecem guardadas na memória de quem viveu

esta história: naquele professor que nos fez enxergar algo de outro modo, no estudante que nos levou a rever certezas, nas amizades construídas pelo caminho, nos desafios enfrentados e nas pequenas cenas que, sem percebermos, tornaram-se inesquecíveis.

Talvez seja essa uma das coisas mais bonitas da educação: ninguém atravessa verdadeiramente um espaço educativo sem deixar um pouco de si e sem levar consigo algo que antes não possuía.

Ao longo desses vinte anos, muitas pessoas passaram pelo curso de Pedagogia. Cada uma chegou trazendo sua própria história e, ao partir, levou novas experiências, conhecimentos, afetos, perguntas e possibilidades. E também deixou algo para aqueles que continuaram.

É desse encontro entre o que ficou e o que seguimos levando que este livro é feito.

Thiago Boaventura — Coordenação do Curso de Pedagogia

Receber esse legado como coordenador, nos últimos cinco anos, é uma responsabilidade que carrego com o coração apertado de gratidão. Cada estudante que passa por aqui carrega um pedaço do que essas duas décadas construíram — e é emocionante ver que, apesar de todas as mudanças, o que nos move continua o mesmo: a certeza de que educar é um dos gestos mais generosos que existem.

Thiago Boaventura e Alessandra Giacomiti

Se você segura este livro nas mãos, é porque também faz parte dessa história — como leitor, como colega, como alguém que acreditou, como nós, que formar professores é formar futuro. As páginas que seguem não pretendem guardar tudo, nenhuma memória caberia inteira em um livro. Elas recolhem fragmentos de uma história construída por muitas mãos, muitas vozes e muitos caminhos. Porque talvez celebrar vinte anos seja justamente

isso: olhar para trás e descobrir que aquilo que vivemos continua caminhando conosco.

Que os relatos a seguir toquem você como tocaram a nós.

Thiago Boaventura

*Coordenação do Curso de Pedagogia
Centro Universitário Unifacear*

Alessandra Giacomi

*Professora do Curso de Pedagogia
Centro Universitário Unifacear*

SUMÁRIO

<u>1. Relato de experiência: ensino-aprendizagem na promoção da saúde da mulher em uma penitenciária feminina</u>	10
<i>Marcio Souza; Manuela Kaled; Mariana Farias</i>	
<u>2. Quando ensinar e aprender se encontram: relato da trajetória de uma professora na Unifacear</u>	15
<i>Alessandra Giacomiti</i>	
<u>3. Quando alguém acredita em nós: memórias de uma trajetória na educação</u>	20
<i>Josiane S. Machado</i>	
<u>4. Quando o estudante também ensina: protagonismo e aprendizagem na experiência de acadêmicas de Biomedicina em uma mostra de profissões</u>	25
<i>Gabriela Stadler; Kevilin Vitória Fênix de Oliveira; Larissa Moraes Moreira; Brenda De Paula Bozza</i>	
<u>5. Para além da sala de aula: uma experiência formativa com as ciências forenses na graduação em Biomedicina</u>	30
<i>Gabriela Stadler</i>	
<u>6. Na fronteira entre arte e vida: enunciados dialógicos e o vir a ser docente no curso de Pedagogia da Unifacear - Campus Araucária</u>	36
<i>Reinaldo Kovalski de Araujo</i>	
<u>7. Minha caminhada acadêmica</u>	40
<i>Bruna Karolina de Oliveira de Souza</i>	
<u>8. Literatura na educação básica: um direito humano</u>	44
<i>Magno Padilha</i>	
<u>9. Em metamorfose: memórias de uma formação</u>	48
<i>Lyandra Vitória Pereira de Sousa</i>	
<u>10. A produção de fanzine como metodologia ativa no ensino de letramento e literatura infantojuvenil no curso de Pedagogia</u>	52
<i>Fábio Roberto da Silva Vasconcelos</i>	
<u>11. A docência para além da sala de aula: experiências e vínculos na formação acadêmica</u>	57
<i>Valéria Cristiane da Silva dos Santos Zirhut</i>	
<u>12. A Pedagogia na minha vida</u>	62
<i>Luana Alves Gonçalves</i>	
<u>13. Entre desafios e descobertas: minha experiência na Pedagogia</u>	65
<i>Keysse Camara</i>	
<u>14. Muito além de um diploma</u>	70
<i>Gabriel Henrique Haluch</i>	
<u>15. O caminho que me trouxe até a Pedagogia</u>	76
<i>Anna Carolina Correia França Bozza</i>	

<u>16. O professor diante das dificuldades de aprendizagem: observação, intervenção e inclusão no contexto escolar</u>	81
<i>Elielton de Novais; Lavínia Mayara dos Santos</i>	
<u>17. Pedagogia Unifacear: um começo, de olho no futuro</u>	86
<i>Benéli Kosiba</i>	
<u>18. Minha trajetória e experiência na Unifacear</u>	90
<i>Nayra Marques de Azevedo e Azevedo</i>	
<u>19. O brincar no processo educativo</u>	95
<i>Kamile Oliveira de Paula; Camila Rodrigues de Oliveira</i>	
<u>20. Relato de experiência</u>	100
<i>Amanda Orchel</i>	
<u>21. Por trás da desatenção</u>	105
<i>Lyandra Vitória Pereira de Sousa; Khetelyn Fernanda dos Anjos de Freitas</i>	
<u>22. O erro: fracasso ou oportunidade de aprender?</u>	109
<i>Izabelle Rosa De Jesus; Renata Nunes Neves</i>	
<u>23. Minha história</u>	114
<i>Ana Maria Fritzen</i>	
<u>24. As experiências que transformam</u>	119
<i>Loriene Ribeiro Kukla</i>	
<u>25. O percurso para brilhar: memórias acadêmicas</u>	125
<i>Luiza Mendes de Campos</i>	
<u>26. Os diferentes tempos de aprendizagem no contexto escolar</u>	127
<i>Damaris Peres e Esther Batista Sornas</i>	
<u>27. Entre vivências e aprendizagens: minha trajetória na Pedagogia</u>	131
<i>Willian Opalinski</i>	
<u>28. Jornada acadêmica de Pedagogia da Unifacear Fazenda Rio Grande</u>	135
<i>Yasmin da Silva Ferreira Batista</i>	
<u>29. Aprendizagem ativa no ensino superior: dinâmicas de pareamento conceitual e investigação prática em Engenharia</u>	139
<i>Márcia Manfra, Heloísa Pinheiro e Lauri Lenz</i>	
<u>Agradecimentos</u>	143

Relato de experiência: ensino-aprendizagem na promoção da saúde da mulher em uma penitenciária feminina



Marcio Souza; Manuela Kaled; Mariana Farias

A promoção da saúde da mulher no sistema prisional constitui um importante campo de atuação da enfermagem, considerando as particularidades relacionadas às condições de vida, ao acesso aos serviços de saúde e às necessidades específicas dessa população. Nesse contexto, a formação acadêmica deve possibilitar aos estudantes experiências que ultrapassem o ambiente tradicional de sala de aula, favorecendo o desenvolvimento de competências técnicas, educativas, éticas e sociais.

As atividades práticas desenvolvidas em cenários reais de cuidado possibilitam ao acadêmico vivenciar diferentes contextos de saúde, compreender as necessidades da população e desenvolver estratégias de educação em saúde culturalmente e socialmente adequadas.

A utilização de metodologias ativas, recursos lúdicos e materiais educativos pode contribuir para tornar a aprendizagem mais significativa, tanto para os estudantes quanto para a população atendida. Dessa forma, este relato tem como objetivo descrever uma experiência de ensino-aprendizagem vivenciada por acadêmicos de enfermagem durante uma ação de promoção da saúde da mulher realizada em uma penitenciária feminina localizada na região Sul do Brasil.

2. Materiais e métodos

A atividade foi desenvolvida por sete acadêmicos de enfermagem, que participaram de uma ação de saúde da mulher em uma penitenciária feminina da região Sul do Brasil. A experiência foi planejada com o objetivo de integrar ensino, assistência e educação em saúde, proporcionando aos

estudantes a oportunidade de aplicar conhecimentos adquiridos durante a graduação em um cenário real de cuidado.

Antes da atividade, os acadêmicos foram orientados quanto à abordagem da população privada de liberdade, à importância do acolhimento, da comunicação respeitosa, da preservação da privacidade e da atuação ética durante as atividades de saúde. O planejamento também contemplou a organização dos materiais e a definição das estratégias educativas que seriam utilizadas durante a ação.

Entre as atividades desenvolvidas, foi realizada a coleta de 48 exames citopatológicos do colo do útero (exame preventivo). A participação dos acadêmicos nesse processo possibilitou aproximar os conhecimentos teóricos da prática assistencial, favorecendo o desenvolvimento de habilidades relacionadas ao acolhimento, à orientação da usuária, à preparação para o procedimento e à assistência de enfermagem durante a realização do exame.

Paralelamente às atividades assistenciais, foram desenvolvidas estratégias de educação em saúde, buscando estimular a participação ativa das mulheres. Uma das metodologias utilizadas foi um game de verdadeiro ou falso sobre higiene íntima. Foram apresentadas afirmações relacionadas aos cuidados com a higiene íntima e as participantes deveriam identificar se as informações eram verdadeiras ou falsas.

A utilização do jogo possibilitou transformar um tema frequentemente abordado de maneira exclusivamente expositiva em uma atividade participativa. Após cada resposta, os acadêmicos discutiam a afirmação apresentada, esclareciam dúvidas e corrigiam possíveis informações equivocadas. Dessa maneira, o jogo funcionou não apenas como recurso de entretenimento, mas como uma estratégia de identificação de conhecimentos prévios e construção coletiva do conhecimento.

Outra estratégia utilizada durante a ação foi a abordagem sobre a prevenção do câncer do colo do útero e do câncer de mama, utilizando protótipos anatômicos de mama e útero. Os modelos possibilitaram aos acadêmicos demonstrar de maneira visual e didática aspectos relacionados

à anatomia, aos sinais de alerta e à importância do acompanhamento periódico da saúde da mulher. Os protótipos foram utilizados como ferramentas facilitadoras da comunicação, permitindo que as participantes visualizassem estruturas anatômicas e compreendessem melhor as orientações fornecidas. A utilização dos modelos também possibilitou aos estudantes desenvolver maior segurança para explicar conteúdos relacionados à anatomia e à prevenção de agravos.

Durante a atividade relacionada às mamas, foram discutidos os cuidados com a saúde da mulher e a importância de conhecer o próprio corpo, identificar alterações e buscar avaliação profissional diante de sinais ou sintomas suspeitos. Em relação à saúde do colo uterino, foram reforçadas informações sobre a prevenção, a importância do exame citopatológico e o acompanhamento adequado.

A ação também permitiu que os acadêmicos vivenciassem a educação em saúde como um processo dialógico. Em vez de apenas transmitir informações, os estudantes foram estimulados a ouvir as participantes, identificar dúvidas, compreender conhecimentos prévios e adaptar a linguagem utilizada de acordo com as necessidades apresentadas.

3. Resultados alcançados

A experiência foi estruturada a partir da combinação de diferentes estratégias de ensino-aprendizagem, destacando-se a aprendizagem baseada na experiência, a educação em saúde, a gamificação e a utilização de modelos anatômicos.

A inserção dos acadêmicos em um cenário real de assistência possibilitou a aprendizagem pela experiência, permitindo que os conteúdos teóricos fossem relacionados às demandas concretas da população. A realização dos exames citopatológicos também favoreceu o desenvolvimento de competências técnicas e relacionais.

O jogo de verdadeiro ou falso foi utilizado como estratégia de gamificação, estimulando a participação, a interação e a discussão dos conteúdos. Essa metodologia também possibilitou identificar concepções

equivocadas relacionadas à higiene íntima e trabalhar a correção dessas informações de maneira participativa.

Os protótipos anatômicos funcionaram como recursos didáticos para facilitar a compreensão de conteúdos relacionados à anatomia e à prevenção dos cânceres de mama e do colo do útero. Para os acadêmicos, o uso desses recursos também representou uma oportunidade de desenvolver habilidades de comunicação e educação em saúde.

A experiência ainda se caracterizou pela aprendizagem ativa e colaborativa, uma vez que os sete acadêmicos participaram diretamente do planejamento e da execução das atividades, assumindo diferentes responsabilidades durante a ação.

A realização da atividade possibilitou aos acadêmicos vivenciar uma experiência de cuidado em saúde da mulher em um contexto diferenciado daquele habitualmente encontrado nos serviços convencionais. A realização de 48 exames preventivos representou uma importante oportunidade de aproximação entre formação acadêmica e assistência, permitindo aos estudantes compreenderem a relevância da prevenção e do diagnóstico precoce do câncer do colo do útero.

As estratégias educativas favoreceram a interação entre acadêmicos e participantes, criando um espaço para esclarecimento de dúvidas e compartilhamento de conhecimentos. O formato lúdico do jogo de verdadeiro ou falso contribuiu para tornar a abordagem sobre higiene íntima mais dinâmica, enquanto os protótipos anatômicos facilitaram a compreensão dos conteúdos relacionados à saúde da mulher.

Para os acadêmicos, a experiência contribuiu para o desenvolvimento de competências relacionadas à comunicação, educação em saúde, trabalho em equipe, abordagem humanizada, realização de procedimentos, planejamento e adaptação das práticas educativas ao contexto social da população atendida.

A vivência também possibilitou uma reflexão sobre a importância da enfermagem na garantia do cuidado integral às mulheres privadas de liberdade. O cenário prisional apresentou aos estudantes uma realidade de

saúde com necessidades específicas, contribuindo para ampliar a compreensão sobre equidade, acesso à saúde e responsabilidade social da profissão.

4. Conclusões e considerações finais

A experiência demonstrou que a integração entre ensino e prática assistencial em cenários reais constitui uma estratégia relevante para a formação de acadêmicos de enfermagem. A ação de saúde da mulher realizada na penitenciária feminina possibilitou associar procedimentos assistenciais, como a coleta de exames citopatológicos, a estratégias educativas participativas, como o jogo de verdadeiro ou falso e a utilização de protótipos anatômicos.

A participação dos sete acadêmicos favoreceu o desenvolvimento de competências técnicas, educativas e relacionais, além de proporcionar contato direto com uma população que apresenta necessidades específicas de cuidado.

A experiência reforça a importância de utilizar metodologias ativas na formação em enfermagem, especialmente aquelas que articulam teoria, prática, educação em saúde e responsabilidade social. A inserção dos estudantes em contextos reais de cuidado contribui para uma formação mais crítica, humanizada e preparada para atuar diante da diversidade dos cenários de saúde.

Quando ensinar e aprender se encontram: relato da trajetória de uma professora na Unifacear



Alessandra Giacomiti

“Ter vivido alguma coisa... dá o direito imprescritível de escrevê-la.” Com o pensamento da autora Annie Ernaux, abro espaço para compartilhar um fragmento da minha história como professora do curso de Pedagogia da Unifacear — uma narrativa feita de tudo o que foi vivido e sentido ao longo dos anos.

Falo de um fragmento porque a jornada docente é sempre coletiva. Foram momentos tão intensos e múltiplos que seria impossível resumir toda essa vivência em poucas páginas. Meu caminho se entrelaçou ao de tantas vidas inesquecíveis, nutrindo em mim o orgulho e a gratidão de ter participado ativamente da formação dos alunos que por mim cruzaram.

Se tive o privilégio de impactar a trajetória dos meus alunos, o impacto que eles causaram em mim foi igualmente profundo. Cada desafio superado e cada conquista compartilhada ao longo desses anos na Unifacear lapidaram a minha identidade profissional e redefiniram a minha própria visão sobre o que significa educar.

A memória da minha primeira aula na disciplina de História da Educação permanece viva. Recordo-me do frio na barriga, dos olhares profundos que acompanhavam cada palavra minha e do desejo genuíno de fazer a diferença na vida de cada um. Naquele início, eu buscava aprovação, mas encontrei algo muito maior: um encontro verdadeiro entre ensinar e aprender. Prefiro não citar nomes para guardar a todos com o mesmo afeto, mas tenham certeza de que aquele semestre transformou a educadora que sou hoje.

Conforme o tempo passou, recebi o convite para ampliar minha carga horária na instituição. Com isso, novos desafios se apresentaram: noites de dedicação e o compromisso com disciplinas que me impulsionavam a buscar

mais conhecimento, movida pelo desejo constante de oferecer a melhor formação a cada turma. Nesta altura eu já estava nas duas sedes Araucária e Sítio Cercado.

É impossível não deixar registrado que, lado a lado com essa jornada acadêmica, eu via a minha filha Luiza crescer e, em 2015, ganhei mais um presente da vida: meu filho, Lucas. Guardo com muito carinho a lembrança do chá de bebê dele, organizado com tanto carinho pelos estudantes. Sensível, não contive as lágrimas diante de tamanha demonstração de afeto — uma amostra do acolhimento que sempre esteve presente ao longo de todos esses anos.

Licenciei-me por um período para vivenciar a maternidade e logo voltei à rotina acadêmica. A força desse momento me aproximou ainda mais da infância... e é justamente ela que me inspira, movendo minha busca por saberes voltados à educação de bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas.

Eu sonhava em lecionar a disciplina de Fundamentos da Educação Infantil, algo que já fazia parte da minha jornada fora da faculdade. Realizar esse sonho na Unifacear foi a minha conquista mais marcante, pois pude colaborar ativamente para ressignificar o olhar de novos profissionais sobre essa etapa tão fundamental da vida, sobre esta docência que é única e singular.

A imensa responsabilidade de formar educadores para a primeira infância me desafiou a querer ir além. Em 2019, dei um passo marcante na minha trajetória ao ingressar no doutorado da UFPR, movida pelo desejo de aprofundar minhas pesquisas na área. Foi essa experiência que consolidou a transformação do meu olhar sobre as questões da infância — compreendendo, na perspectiva de Maria Carmen Silveira Barbosa, a existência de múltiplas infâncias. É essa visão plural, respeitosa e sensível que busco compartilhar diariamente com meus alunos da Unifacear.

Cada aula — especialmente as dedicadas aos debates sobre a história da criança, as conversas com a minha orientadora e as leituras de

pesquisa me fortaleciam. Tudo isso me dava a sustentação necessária para, junto com os meus alunos, desvendar o universo singular da Educação Infantil.

Fácil? Não foi. Conciliar rotina, trabalho, família e estudo é um grande desafio. Registro isso porque sei que vocês, meus queridos alunos que leem estas linhas, vivenciam essa mesma maratona diariamente. Tenho um orgulho imenso da força de vocês, que me impulsiona a continuar. Por isso, peço que sigam firmes. Quando o cansaço bater, lembrem-se de que não estão sozinhos. Vai valer a pena a tão sonhada formatura e, acima de tudo, a conquista da profissão que vocês escolheram. Ser pedagogo é assumir uma missão gigante e tão desafiadora quanto a própria vida, mas de uma beleza inestimável.

Para os que já se formaram — e foram tantos! —, sei que também compartilham deste sentimento. Quando me contam sobre os caminhos que estão trilhando e os sonhos realizados, atuando hoje como diretores, pedagogos, professores, profissionais da saúde e em tantas outras áreas, alegro-me de tal forma que sou preenchida por uma “felicidade clandestina”, como dizia Clarice Lispector. E como não celebrar a continuidade dos estudos? Sim, temos orgulho de ver egressos da Unifacear avançando na pesquisa e conquistando seus espaços no mestrado!

E por falar em conquistas, preciso destacar um dos nossos maiores motivos de orgulho: a aprovação dos nossos estudantes em concursos públicos de diversas cidades, inclusive fora do Paraná. Trabalhamos diariamente por uma educação de qualidade e, quando vemos esse compromisso se traduzir na consolidação da carreira dos nossos alunos, temos a certeza de que todo o esforço vale a pena.

Esforço que também presenteou o curso de Pedagogia. Neste ano de 2026, em que se celebra seus 20 anos de trajetória, fomos presenteados com o maior reconhecimento de nossa dedicação: a nota 5.0 no ENADE.

Alcançar a pontuação máxima é enaltecer o esforço coletivo de professores, alunos e colaboradores que, dia a dia, constroem uma comunidade acadêmica viva e transformadora. Essa conquista consolida duas décadas de compromisso com a formação profissional, cidadã e ética.

Como nos ensinou Paulo Freire, “A educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.” É com essa premissa que recebemos a nota 5.0 não como um ponto de chegada, mas como uma bússola. Nosso olhar permanece atento e constante para manter o primor pelo ensino de qualidade, garantindo que a busca pelo conhecimento continue a transformar vidas e realidades pelos próximos anos.

Também não poderia deixar de registrar aqui uma das marcas mais carinhosas e bem-humoradas dessa trajetória: as dicas que os veteranos dão aos calouros e a forma como passei a ser vista na instituição — a professora dos relatórios de estágio!

Os corredores costumam ecoar conversas sobre as 60, 70 e até 100 páginas de registros.

Mas sabe de uma coisa? Sinto um orgulho imenso ao ver a evolução da escrita de cada um. É nesses relatórios que testemunho a verdadeira magia acontecer: o momento em que eles se encontram na prática, pela vivência na Educação Infantil, descobrindo o encanto dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, compreendendo os desafios da Gestão Escolar ou se surpreendendo com as tantas outras possibilidades de atuação que a Pedagogia proporciona. O estágio deixa de ser apenas um cumprimento de carga horária para se tornar o lugar do encontro do estudante com profissional que ele escolheu ser.

Em tempo, nada do que foi construído até aqui seria possível sem a presença e a dedicação de tantas mãos e corações que caminham ao meu lado. É preciso reconhecer e celebrar os meus colegas de trabalho, coordenadores e diretores que, com generosidade, escuta e profissionalismo, partilham comigo o cotidiano acadêmico e ajudam a tecer a história do nosso curso.

Como bem ensina Paulo Freire, “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão”. Na Unifacear, a docência é esse exercício constante de comunhão. Cada reunião de planejamento, cada troca nos corredores, cada apoio nos momentos desafiadores e cada vibração conjunta pelas nossas conquistas reforçam que

a excelência do nosso ensino é fruto de uma construção verdadeiramente coletiva. Fazer parte desta equipe é ter a certeza de que nunca estamos sós na missão de transformar vidas pela educação.

Minha gratidão também aos colegas que já passaram pela instituição. Cada troca e convivência foram fundamentais para que eu compreendesse e aprimorasse a arte de ser docente no Ensino Superior.

Por fim, dedico a minha mais profunda gratidão àqueles que são a razão de ser de toda esta caminhada: os nossos alunos. Obrigada por partilharem comigo esta jornada e por me lembrarem, diariamente, da grandiosidade de trabalhar com o ser humano. A Pedagogia é feita por pessoas e para pessoas; o lado humano, o acolhimento e o respeito à singularidade sempre foram os pilares do meu trabalho.

Como bem nos ensina Lev Vygotsky, o desenvolvimento humano e a aprendizagem acontecem no afeto das interações sociais e na mediação sensível com o outro. As leis, as concepções e as metodologias são fundamentais, mas, sem o acolhimento sincero a cada indivíduo em sua trajetória única, nada do que celebramos hoje seria possível.

Viva o curso de Pedagogia da Unifacear, que há duas décadas transforma a vida e a história de tantos sujeitos!

Referências

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Práticas cotidianas na educação infantil: bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. Brasília, DF: MEC/Secretaria de Educação Básica/UFRGS, 2009.

ERNAUX, Annie. O acontecimento. Tradução de Marília Garcia. 1. ed. São Paulo: Fósforo Editora, 2022.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007

Quando alguém acredita em nós: memórias de uma trajetória na educação



Josiane S. Machado

Sempre que relembro minha trajetória na educação, penso em quantas pessoas acreditaram em mim antes mesmo que eu conseguisse reconhecer minhas próprias possibilidades. Foram professores no sentido mais amplo da palavra: pessoas que ensinaram, acolheram, incentivaram e enxergaram em mim algo que, naquele momento, eu ainda não conseguia ver. Cada uma, à sua maneira, ajudou-me a transformar minha realidade e a compreender a força que existe em uma palavra de incentivo.

A primeira dessas pessoas foi minha mãe. Ela sempre dizia que eu tinha vocação para ser professora ou advogada. Como acontece muitas vezes entre mães e filhos, eu não levava aquela percepção tão a sério. Minha formação, porém, exigiu persistência. Naquele período, estudar era caro e difícil para a minha realidade, e nada aconteceu de maneira simples. Ainda assim, em diferentes momentos, encontrei pessoas que me mostraram caminhos quando eu mesma não sabia ao certo por onde seguir.

Ainda durante minha formação escolar, uma professora de Língua Portuguesa do terceiro ano do Ensino Médio também deixou uma marca importante em minha trajetória. Na época, porém, eu não compreendia isso dessa maneira. Cheguei a acreditar que ela não gostava de mim. Meus textos nem sempre eram os melhores, mas eu percebia que recebia notas mais baixas do que alguns colegas cujas produções, aos meus olhos, apresentavam mais dificuldades que as minhas. Aquilo me incomodava até que, certo dia, criei coragem e perguntei por que ela era tão exigente comigo.

Sua resposta mudou a maneira como passei a enxergar não apenas as notas, mas também minhas próprias capacidades. Ela explicou que sabia que eu tinha potencial para escrever melhor do que havia escrito e que, por

isso, não poderia considerar excelente um trabalho no qual eu não tivesse dado o meu melhor. O que eu interpretava como uma injustiça era, na verdade, uma forma de dizer: “Eu sei que você pode mais.”

Naquele momento, compreendi algo que levei para a vida e, mais tarde, para minha própria prática docente: uma nota não define quem somos nem determina nossa capacidade. Ela representa um desempenho em determinado momento e pode, sobretudo, indicar um caminho para avançarmos. Mais importante do que buscar apenas uma nota alta é aprender a reconhecer o próprio potencial e não se acomodar diante daquilo que sabemos que podemos fazer melhor. Aquela professora, que por algum tempo pensei que não gostasse de mim, estava enxergando possibilidades que eu ainda não conseguia reconhecer. Sua exigência também foi uma forma de acreditar em mim. Desde então, procuro carregar comigo duas lições: uma nota não representa quem somos e, diante de uma oportunidade, devemos sempre buscar oferecer o nosso melhor.

Outra pessoa fundamental nessa caminhada foi minha cunhada. Foi ela quem me contou que a universidade em que estudava estava com inscrições abertas para o curso de Licenciatura em Letras Português-Espanhol. Minha primeira reação foi duvidar. Eu estava afastada dos estudos havia muitos anos, havia cursado toda a Educação Básica em escola pública do meu bairro e nunca tinha feito curso preparatório. Como poderia imaginar que conseguiria uma vaga em uma universidade estadual? Foi então que ela me disse uma frase que carrego comigo até hoje: “Só tem chance zero quem não tenta. Faça sua inscrição. Eu acredito que você pode passar.”

Eu tentei. Prestei o vestibular e conquistei a 32ª vaga entre as 50 oferecidas. A partir dali, começou uma etapa de quatro anos marcada por desafios, aprendizado e, principalmente, apoio. Eu tinha um bebê pequeno, não trabalhava e dependia muito da colaboração da minha família para continuar estudando. Minha sogra cuidava do meu filho para que eu pudesse frequentar as aulas, e meu marido não media esforços para me levar e buscar, inclusive de madrugada, em sábados e domingos, quando necessário. A universidade ficava a mais de duas horas de onde morávamos e não havia

condições financeiras para hospedagem. Sem essa rede de apoio, provavelmente eu não teria conseguido permanecer no curso.

Anos depois, já nos primeiros tempos de atuação docente, outra pessoa se tornou importante em minha trajetória: uma amiga que reencontrei quando passamos a trabalhar no mesmo colégio. Eu atravessava um período difícil e comecei a escrever narrativas como forma de organizar os pensamentos e direcionar minha atenção para algo que me fazia bem. Certo dia, pedi a ajuda dela para conferir uma palavra em inglês. Ao perceber o que eu estava escrevendo, perguntou se era um livro e se poderia ler e editar meus textos. A partir daquele momento, passou a dizer aos colegas que eu era escritora. Eu respondia que nunca havia publicado um livro e, portanto, não poderia me considerar assim. Ela insistia: eu ainda não havia publicado, mas um dia publicaria. Guardo esse incentivo com carinho, porque ele me ensinou novamente que, às vezes, outra pessoa enxerga primeiro aquilo que ainda estamos aprendendo a reconhecer em nós mesmos.

Outra experiência decisiva ocorreu quando um diretor da escola em que eu lecionava, que também era coordenador do curso de Pedagogia da Unifacear, convidou-me para ministrar uma palestra. Depois, surgiu o convite para atuar como professora modular em duas disciplinas. Minha reação foi, mais uma vez, de surpresa: “Eu? Professora universitária? Será que sou capaz?”. A resposta foi simples e transformadora: ele conhecia meu trabalho e acreditava que eu era capaz.

Assim, alcancei um lugar profissional que durante muito tempo nem sequer havia imaginado para mim: tornar-me professora em um curso de Pedagogia e participar da formação de futuros professores. A experiência ganhou um significado ainda maior por me permitir conversar com novos docentes sobre a responsabilidade de acreditar nos estudantes e de reconhecer a potência da educação desde os primeiros anos de vida. De certa forma, passei a ocupar o outro lado daquela história: depois de ter sido impulsionada por pessoas que acreditaram em mim, eu também poderia ser alguém capaz de incentivar outras trajetórias.

Hoje, procuro devolver aos meus alunos um pouco do que recebi. Tento ajudá-los a reconhecer suas possibilidades, a ampliar seus horizontes e a compreender que a realidade presente não precisa determinar todos os caminhos futuros. Aprendi, pela minha própria história, que uma palavra dita por um professor pode permanecer na memória de um estudante por muitos anos. Talvez quem a tenha pronunciado nem se lembre mais dela, mas quem a recebeu pode carregá-la como impulso para uma decisão importante.

Também aprendi com aquela professora de Língua Portuguesa que acreditar em um aluno nem sempre significa facilitar seu caminho. Às vezes, acreditar é desafiar, exigir, mostrar que ele pode ir além do que apresentou naquele momento. Essa experiência acompanha minha maneira de compreender a avaliação: uma nota não deve ser vista como uma sentença sobre a capacidade de alguém, mas como um registro de um momento do processo de aprendizagem e, principalmente, como uma possibilidade de orientação para os próximos passos.

Essa consciência me faz refletir sobre a responsabilidade das palavras e das atitudes no espaço educativo. Aquilo que dizemos pode marcar positivamente, encorajar e abrir possibilidades; mas também pode produzir marcas negativas. Por isso, acreditar no estudante não significa ignorar dificuldades ou idealizar a educação. Significa reconhecer que ensinar também envolve oferecer oportunidades, construir confiança, estabelecer expectativas e mostrar que aprender pode ampliar escolhas.

Ao olhar para minha trajetória, percebo que ela foi construída por muitas mãos. Minha mãe, aquela professora de Língua Portuguesa, minha cunhada, minha família, minha amiga, colegas e gestores participaram, de maneiras diferentes, da profissional que me tornei. Alguns me acolheram, outros me incentivaram, outros me desafiaram. Cada gesto de confiança teve importância. E é justamente essa experiência que desejo compartilhar com outros educadores: muitas vezes, não saberemos imediatamente o alcance de uma palavra, de uma cobrança feita com propósito, de um convite ou de uma oportunidade. Ainda assim, esses gestos podem transformar percursos.

Se pudesse deixar uma mensagem aos professores e futuros professores, seria esta: sejam presença, incentivo e possibilidade na vida de seus estudantes. Acreditem neles, mas também os ajudem a descobrir o quanto ainda podem crescer. Aos profissionais da Educação Infantil, especialmente, cabe a tarefa delicada de cultivar desde cedo a curiosidade, a empatia e o prazer de aprender. Às famílias, cabe acreditar e apoiar. E a todos nós, educadores, cabe continuar acreditando na educação como uma força capaz de ampliar horizontes e ajudar pessoas a construir novos caminhos.

Eu sei disso porque, em diferentes momentos da minha vida, alguém acreditou em mim. Algumas pessoas fizeram isso por meio do acolhimento; outras, por meio do incentivo; e houve também quem acreditasse em mim ao exigir que eu entregasse o melhor que era capaz de fazer. Talvez muitas delas nem imaginem o quanto suas palavras permaneceram comigo. Mas permaneceram. E essa confiança mudou a direção da minha história.

Quando o estudante também ensina: protagonismo e aprendizagem na experiência de acadêmicas de Biomedicina em uma mostra de profissões



Gabriela Stadler; Kevilin Vitória Fênix de Oliveira; Larissa Moraes Moreira;
Brenda De Paula Bozza

1. Contextualização

A formação universitária ultrapassa os limites da sala de aula, pois diferentes experiências acadêmicas favorecem o desenvolvimento de competências, relações, comunicação e compreensão do papel profissional e social. Nesse contexto, atividades que aproximam universidade e comunidade constituem espaços relevantes de aprendizagem. A participação em uma Mostra de Profissões representa uma dessas oportunidades. Ao apresentar um curso a estudantes diante da escolha profissional, o acadêmico também atua como mediador do conhecimento, comunicando o que aprende, respondendo dúvidas e traduzindo conteúdos específicos para uma linguagem acessível.

2. Relato de experiência

Três acadêmicas de Biomedicina da Unifacear participaram voluntariamente da Mostra de Profissões do Colégio Marista de Araucária, realizada em 29 de agosto de 2026. Convidadas pela coordenação, receberam orientações sobre a dinâmica do evento, a formação e as possibilidades de atuação profissional do biomédico.

Inicialmente pensada como oportunidade de representar o curso, a atividade também se revelou formativa para as acadêmicas. Após o evento, foi aplicado um questionário de vivência acadêmica para compreender percepções, aprendizagens e sugestões. O relato evidencia, assim, a relação entre ensinar e aprender, destacando protagonismo estudantil, desenvolvimento de competências e reflexão sobre a trajetória acadêmica.

A participação representou a primeira experiência das três acadêmicas em atividade dessa natureza (FIGURA 1). As expectativas foram distintas: duas acadêmicas definiram o sentimento inicial como “ansiedade” e outra como “nervosa, mas incrível”. Quanto à segurança para explicar a Biomedicina, duas se sentiram seguras e uma relatou estar “um pouco segura”, sobretudo pela dificuldade de encontrar as palavras adequadas. As respostas mostram que uma mesma experiência pode ser vivenciada de maneiras diferentes, conforme características, experiências e níveis de confiança individuais, produzindo processos particulares de aprendizagem e desenvolvimento.

FIGURA 1: Participação das acadêmicas de Biomedicina na Mostra de Profissões.



FONTE: Acervo do curso de Biomedicina/Unifacear (2026).

3. A biomedicina para além da sala de aula

Durante a Mostra, as acadêmicas conversaram com estudantes interessados na formação e nas possibilidades de atuação do biomédico (FIGURA 2). As dúvidas envolveram áreas de atuação, disciplinas, grade curricular, profissão. Responder exigiu reorganizar conhecimentos, pois

dominar um conteúdo em uma disciplina é diferente de explicá-lo a alguém em seu primeiro contato com o assunto. A experiência evidenciou a necessidade de síntese, clareza e adequação da linguagem. Comparações com outras profissões da saúde também foram utilizadas para facilitar a compreensão da identidade e das possibilidades da Biomedicina. As acadêmicas ainda avaliaram os recursos do espaço. Embora os visitantes demonstrassem curiosidade, consideraram o estande pouco interativo e sugeriram microscópio, lâminas, pipetas, tubos de ensaio, modelos anatômicos e outros materiais biomédicos. Essa avaliação revela postura crítica e percepção de possibilidades de aprimoramento.

FIGURA 2: Interação das acadêmicas com estudantes durante a Mostra de Profissões.



FONTE: Acervo do curso de Biomedicina/Unifacear (2026).

4. Quando o estudante também ensina

O desenvolvimento da comunicação foi um dos aspectos mais significativos. A experiência mostrou que oratória e interação com diferentes públicos são habilidades que precisam ser continuamente exercitadas. Uma acadêmica reconheceu a necessidade de “treinar mais” para superar a

vergonha, enquanto outra percebeu evolução ao longo do evento, aprimorando sua forma de falar, socializar e interagir conforme recebia novos visitantes. A repetição das explicações e o contato com diferentes públicos favoreceram maior segurança e possibilitaram exercitar comunicação, liderança, interação, trabalho em equipe e adaptação. A Mostra constituiu-se, portanto, como espaço pedagógico: as acadêmicas aprenderam ao explicar, responder, observar e refletir sobre o que poderia ser aprimorado. Embora não tenham relatado mudança imediata na visão sobre a Biomedicina, as acadêmicas identificaram repercussões subjetivas. O contato com estudantes do ensino médio despertou lembranças de suas próprias trajetórias, sonhos, desafios e escolhas. “Fiquei empolgada e emocionada, pois quando estava no lugar deles eu achava que não conseguiria. E ver eles empolgados, meu coração ficou tãoquentinho. Nunca vou esquecer que eu estava incentivando-os e saber que estou realizando um sonho e compartilhando ele. Eu agradeço a Deus, porque tudo isso foi uma oração.” (De Oliveira, 2026, depoimento escrito). A fala evidencia que representar o curso ultrapassou a dimensão institucional: ao incentivar jovens, a acadêmica também reconheceu sua trajetória e a conquista da graduação. “A mostra de profissões me marcou de uma forma muito especial, porque me levou lá atrás, quando eu também tinha o sonho de terminar o ensino médio e fazer uma faculdade, mas naquela época não tive muitas condições. Hoje, aos 30 anos, estou conseguindo realizar esse sonho e fazer a minha primeira faculdade. Estar ali com os adolescentes, vendo que eles já têm a oportunidade de pensar no futuro e ingressar tão cedo em uma faculdade, me fez refletir sobre a minha própria trajetória. Foi emocionante perceber que, mesmo tendo começado mais tarde, eu também estou conseguindo correr atrás dos meus sonhos e construir o meu caminho na Biomedicina.” (Moreira, 2026, depoimento escrito). A narrativa evidencia que trajetórias acadêmicas não são necessariamente lineares. Ao reconhecer o valor de sua trajetória, a acadêmica percebeu que sua presença também representava a concretização de um projeto pessoal e poderia inspirar jovens em suas próprias escolhas. A empolgação dos alunos com o curso, a ansiedade de

saber o que acontece quando se forma, me lembrou de mim no ensino médio. Então, diria que senti uma certa 'nostalgia' e me chamou a atenção para aproveitar o máximo da faculdade, o curso, explorar eventos e tudo mais." (Bozza, 2026, depoimento escrito). Nesse caso, a experiência provocou reflexão sobre o aproveitamento da graduação e a importância de participar ativamente das oportunidades oferecidas pela universidade. As três narrativas são distintas, mas convergem para aprendizagens que ultrapassam conteúdos técnicos. As acadêmicas foram desafiadas a falar, ouvir, responder, interagir e representar uma profissão, ao mesmo tempo em que revisitaram suas próprias histórias. O encontro estabeleceu uma troca: elas compartilharam conhecimentos e experiências, enquanto o contato com os jovens despertou lembranças, emoções e reflexões. Apresentar uma profissão significa também compartilhar possibilidades e trajetórias. O protagonismo estudantil esteve presente quando as acadêmicas assumiram a comunicação, responderam às curiosidades, representaram o curso e construíram uma ponte entre universidade e comunidade. Ao ensinar, também reconheceram o quanto avançam em sua formação.

5. Conclusão

A experiência na Mostra de Profissões evidenciou que o protagonismo estudantil pode constituir importante espaço de aprendizagem, especialmente quando o acadêmico é colocado diante do desafio de comunicar seus conhecimentos, interagir com diferentes públicos e representar sua formação profissional. Para as acadêmicas participantes, a atividade possibilitou não apenas o exercício da comunicação, da interação e do trabalho em equipe, mas também a reflexão sobre suas próprias trajetórias, sonhos e conquistas. O contato com os estudantes do ensino médio estabeleceu, assim, um movimento de troca no qual ensinar também significou aprender, reconhecer avanços e ressignificar experiências. Dessa forma, a Mostra ultrapassou a função de divulgação da Biomedicina e se consolidou como uma experiência formativa, na qual histórias compartilhadas podem ensinar e experiências vivenciadas podem transformar.

Para além da sala de aula: uma experiência formativa com as ciências forenses na graduação em Biomedicina



Gabriela Stadler

1. Contextualização

A formação em Biomedicina abrange diferentes possibilidades de atuação relacionadas à saúde, à ciência, à tecnologia e à investigação. Nesse contexto, a formação acadêmica não deve se restringir aos conhecimentos desenvolvidos em sala de aula e nos espaços laboratoriais institucionais, sendo importante proporcionar experiências que aproximem os conteúdos acadêmicos das diferentes realidades profissionais.

A aproximação entre estudantes e ambientes profissionais pode contribuir para a construção da identidade profissional, para a ampliação das perspectivas de carreira e para a compreensão da aplicação prática dos conhecimentos desenvolvidos ao longo da graduação. Experiências realizadas fora do espaço tradicional de aprendizagem possibilitam o contato com procedimentos, estruturas, equipamentos, profissionais e contextos que nem sempre podem ser integralmente reproduzidos no ambiente acadêmico.

Entre as diferentes possibilidades de atuação do biomédico encontram-se as Ciências Forenses, campo que articula conhecimentos científicos e tecnológicos à investigação e à elucidação de ocorrências. Nesse contexto, o curso de Biomedicina da Unifacear promoveu, em 16 de junho de 2025, uma visita técnica ao Museu Paranaense de Ciências Forenses da Polícia Científica do Paraná. A atividade envolveu dez acadêmicas de diferentes períodos do curso e teve como objetivo apresentar possibilidades de atuação na área da perícia científica, bem como proporcionar contato com aspectos históricos relacionados ao desenvolvimento das Ciências Forenses.

2. Relato da experiência

A visita técnica foi realizada no Museu Paranaense de Ciências Forenses da Polícia Científica do Paraná, espaço dedicado à conservação da história da Polícia Científica do Paraná e à divulgação das Ciências Forenses. O local apresenta instrumentos e equipamentos utilizados no desenvolvimento histórico das atividades periciais no Estado, além de livros, documentos, registros fotográficos, ossos e outras peças anatômicas.

Participaram da atividade dez acadêmicas de diferentes períodos do curso de Biomedicina. O objetivo pedagógico da visita foi apresentar às estudantes possibilidades de atuação na área da perícia científica e proporcionar contato com a trajetória histórica relacionada ao desenvolvimento das Ciências Forenses, favorecendo a aproximação com uma área profissional ainda pouco explorada no percurso acadêmico das participantes.

Durante a visita, as acadêmicas foram conduzidas por diferentes espaços relacionados ao desenvolvimento das atividades periciais. Foram apresentadas áreas da antiga instalação do Instituto Médico-Legal (IML), bem como informações sobre o desenvolvimento do trabalho realizado nos diferentes setores e as responsabilidades envolvidas em cada atividade.

O contato com os espaços históricos e com os materiais que compõem o acervo permitiu às estudantes observar, de maneira concreta, elementos frequentemente apresentados de forma predominantemente teórica durante a formação acadêmica. Instrumentos, equipamentos, documentos e registros históricos favoreceram uma compreensão mais ampla sobre a evolução das práticas e dos recursos científicos e tecnológicos utilizados nas Ciências Forenses (FIGURA 1).

FIGURA 1 – Acadêmicas do Curso de Biomedicina em contato com as antigas instalações.



FONTE: Acervo do curso de Biomedicina/Unifacear (2025).

3. A aproximação com as ciências forenses e a formação profissional

A experiência proporcionou às acadêmicas uma aproximação com uma área profissional que nem sempre está entre as primeiras possibilidades associadas à formação em Biomedicina. O contato com a realidade das Ciências Forenses permitiu relacionar os conhecimentos científicos, tecnológicos e técnicos desenvolvidos durante a graduação com um contexto profissional específico, ampliando a percepção sobre suas possíveis aplicações.

Conhecer presencialmente uma possibilidade de atuação apresenta uma dimensão diferente daquela proporcionada exclusivamente pela exposição teórica. Ao observar os ambientes, conhecer sua história e compreender a finalidade dos diferentes setores, as estudantes puderam estabelecer relações mais concretas entre os conhecimentos desenvolvidos durante a formação e sua possível aplicação profissional.

Nesse sentido, a visita técnica constituiu uma estratégia de aprendizagem baseada na experiência, ao possibilitar o contato direto com um ambiente relacionado à prática profissional e a reflexão sobre as possibilidades apresentadas. A experiência também aproximou as acadêmicas da dimensão histórica das Ciências Forenses, evidenciando que

os procedimentos e recursos atualmente empregados resultam de um processo contínuo de construção científica e tecnológica.

4. A experiência como elemento transformador

A dimensão transformadora da experiência esteve relacionada principalmente à ampliação das perspectivas das estudantes em relação às possibilidades profissionais associadas à formação em Biomedicina. Durante a visita, observou-se interesse das acadêmicas pela área das Ciências Forenses, e o contato direto com o espaço, sua história e as atividades relacionadas à perícia científica despertou curiosidade entre as participantes. Ao final da atividade, as estudantes identificaram a visita como uma experiência construtiva para sua formação.

Embora uma visita técnica isoladamente não permita afirmar uma mudança definitiva nas escolhas profissionais, a manifestação de interesse pela área e a percepção positiva sobre a atividade indicam sua contribuição para a ampliação do horizonte de possibilidades das participantes. Ao conhecer uma nova área de atuação, o estudante passa a reconhecer caminhos profissionais que anteriormente poderiam não fazer parte de suas perspectivas.

Essa ampliação é particularmente significativa durante a graduação, período em que o estudante constrói progressivamente sua identidade profissional. O contato com diferentes espaços de atuação contribui para que escolhas futuras sejam realizadas a partir de experiências mais concretas e de uma compreensão mais ampla sobre as possibilidades oferecidas pela profissão.

Nesse sentido, a visita ao Museu Paranaense de Ciências Forenses ultrapassou a dimensão de uma atividade extraclasse, constituindo um momento de aproximação entre formação acadêmica, história, ciência e profissão.

5. Reflexões para a prática docente

A experiência permitiu refletir sobre a importância da utilização de estratégias pedagógicas que ultrapassem os limites físicos da instituição de ensino. Embora a sala de aula permaneça como espaço fundamental para a construção do conhecimento, experiências complementares podem favorecer sua contextualização e contribuir para que o estudante compreenda a aplicabilidade dos conhecimentos desenvolvidos durante sua formação.

As visitas técnicas apresentam potencial para aproximar o estudante da realidade profissional, especialmente quando planejadas a partir de objetivos pedagógicos definidos. Neste caso, o objetivo de apresentar possibilidades relacionadas às Ciências Forenses direcionou a atividade para além do caráter de observação do espaço.

A escolha do Museu Paranaense de Ciências Forenses possibilitou trabalhar diferentes dimensões do conhecimento, incluindo a história da atividade pericial, a evolução dos instrumentos e tecnologias, a organização dos diferentes espaços e setores e as possibilidades de atuação profissional relacionadas ao campo.

Outro aspecto relevante foi a participação de acadêmicas de diferentes períodos (FIGURA 2). A diversidade de etapas da formação permitiu o contato simultâneo de estudantes com diferentes experiências acadêmicas com a área, favorecendo a troca de percepções e a construção coletiva da experiência.

A atividade também demonstra que experiências formativas significativas não precisam necessariamente envolver estruturas pedagógicas complexas. Uma visita técnica, quando planejada com intencionalidade e acompanhada de reflexão, pode constituir uma importante ferramenta para despertar interesse, ampliar conhecimentos e aproximar o estudante das possibilidades profissionais existentes.

A partir dessa experiência, considera-se pertinente a continuidade de atividades semelhantes, contemplando diferentes campos de atuação da

Biomedicina e proporcionando aos acadêmicos oportunidades de conhecer profissionais, instituições, tecnologias e ambientes relacionados às diversas possibilidades profissionais.

FIGURA 2 – Acadêmicas do Curso de Biomedicina.



FONTE: Acervo do curso de Biomedicina/Unifacear (2025).

Na fronteira entre arte e vida: enunciados dialógicos e o vir a ser docente no curso de Pedagogia da Unifacear - Campus Araucária



Reinaldo Kovalski de Araujo

O presente relato de experiência ancora-se no processo formativo vivenciado na disciplina de Fundamentos e Metodologias das Artes, ministrada no primeiro semestre do ano de 2026, no âmbito do curso de Pedagogia da Unifacear Campus Araucária. Esta escrita justifica-se pela premente necessidade de registrar e analisar sistematicamente o papel da arte e da dimensão estética na constituição profissional e humana do professor pedagogo, transcendendo estereótipos que limitam o ensino de arte à mera recreação ou utilitarismo (Barbosa, 1999).

Este relato objetiva demonstrar de que maneira o processo de construção das aulas, as vivências corporais e a manipulação ativa de materiais verbo-visuais propiciaram às futuras pedagogas uma relação dialógica profícua entre arte e vida. Para a análise dessas interações, adota-se o aporte teórico da Análise Dialógica do Discurso (ADD), tendo em Bakhtin e seu círculo os principais referenciais teóricos.

Prática e método: um olhar dialógico

A disciplina, de caráter polivalente e carga horária de 66 horas-aula, objetivou instrumentalizar os futuros professores para o trabalho na Educação Infantil a partir das artes visuais, dança, música e teatro. As atividades foram desenvolvidas na sala de aula convencional e na "brinquedoteca", garantindo a indissociabilidade entre a fruição teórica e o fazer estético (Barbosa, 2010).

Ao longo do semestre, as estudantes vivenciaram um percurso de reflexão e criação. Ações como encenar, recortar, pintar ou contar uma história tornaram-se articulações estéticas em diálogo direto com a existência.

A disciplina culminou na criação de produções artísticas estruturadas sob a perspectiva da verbovisualidade, com o intuito de sintetizar os sentidos, medos e aprendizados do itinerário formativo. Dentre os oito trabalhos elaborados e debatidos coletivamente, destacam-se dois eixos temáticos para este relato.

Diálogos e Análise

As produções estético-enunciativas ultrapassaram a dimensão de produtos utilitários, constituindo-se como enunciados concretos que comunicaram afetos, angústias e interrogações. O primeiro eixo temático analisado refere-se ao olhar do outro, a alteridade e a exotopia.

Durante o processo formativo, produziu-se um total de oito projetos artísticos — compreendendo experimentações cênicas, objetos estéticos e pinturas. Tais materialidades foram fundamentadas na perspectiva da verbovisualidade, matriz na qual os enunciados verbal e visual exercem relações dialógicas mútuas para a construção de sentidos semióticos. Para fins de exemplificação, este artigo recorta e destaca duas obras concebidas ao longo desse percurso metodológico:

FIGURA 1: Obra - O olhar do outro



FONTE: acervo do autor - 2026

A obra intitulada "O Olhar do Outro" materializou-se como um objeto estético tridimensional em formato de olho negro, semelhante a uma caixa

relicário. Ao espiar o interior iluminado da caixa, o espectador deparava-se com múltiplos olhos que também o observavam. Na perspectiva dialógica, este objeto sintetizou a condição humana: o sujeito não se constitui no isolamento, mas no encontro inescapável com o outro (BAKHTIN, 2010). Nas vivências da disciplina, o debate sobre ser olhado e avaliado revelou como a mirada do outro tensiona a identidade docente. As hesitações corporais e o medo do julgamento, frequentes nas encenações, suscitaram debates fundamentais sobre o lugar do erro e da vulnerabilidade na práxis educativa, ressignificando o não sabimento como matéria-prima criativa.

O segundo eixo temático refletiu sobre as dúvidas do caminho, materializado na obra "A encruzilhada enunciativa". Trata-se de uma composição em lápis de cor que ilustra uma mulher de costas diante de uma bifurcação. À esquerda, um caminho colorido representa os "Sonhos" por meio da arte, dança e teatro. À direita, um cenário soturno com correntes e cadeados traz enunciados como "medos", "isso não dá futuro" e "desista".

FIGURA 3: Obra - A ENCRUZILHADA ENUNCIATIVA



FONTE: acervo do autor - 2026

A obra espelhou ideologicamente o "ser artista" e o "ser professor", demonstrando que ambas as trajetórias carregam a potência da criação, mas são assombradas pela precarização do trabalho e discursos desvalorizadores. Contudo, ao desenhar o caminho da arte e da criação com proporções equivalentes ao caminho das interdições, a obra recusou o

fatalismo. Assumindo uma orientação profundamente ancorada no "esperançar" (FREIRE, 1992), o trabalho afirmou a viabilidade da resistência e da invenção docente.

Considerações Finais

A experiência reiterou a centralidade da arte na formação do pedagogo, afirmando-a como campo epistemológico capaz de gerar desestabilizações e sentidos profundos. O percurso permitiu ressignificar o erro como princípio pedagógico e confirmou que a formação docente é um inacabamento contínuo. Compreende-se que o ensino da arte e a visão dialógica convocam o futuro professor à ação ética e política, consolidando a práxis pedagógica como um espaço de humanização e reinvenção sensível da vida.

Referências

- BAKHTIN, M. M. Estética da criação verbal. 5. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. Para uma Filosofia do Ato Responsável. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. Teoria do romance I: a estilística. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BARBOSA, A. M. Arte: educação no Brasil. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Notas de Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GUÉNON, D. O teatro é necessário? São Paulo: Perspectiva, 2004.
- ZAGURY, Tania. O professor refém: para onde caminha o ensino? Rio de Janeiro: Record, 2006.

Minha caminhada acadêmica



Bruna Karolina de Oliveira de Souza

Quando penso na minha caminhada acadêmica, percebo que ela não foi um caminho completamente planejado. Na verdade, foi sendo construído aos poucos, entre dúvidas, mudanças de ideia, inseguranças e novas oportunidades. Minha relação com a faculdade começou com muita expectativa, mas também com aquela sensação de não saber exatamente se eu estava fazendo a escolha certa. Entrar em uma instituição de ensino superior pela primeira vez foi uma experiência importante, mas sair dela também acabou fazendo parte da minha formação.

Na primeira vez em que entrei na faculdade, eu ainda estava tentando entender o que realmente queria para o meu futuro. Existia uma vontade de começar, de ter uma profissão e de construir minha própria trajetória, mas ao mesmo tempo havia muitas perguntas. Será que eu tinha escolhido o curso certo? Será que eu estava preparada? Será que eu estava começando cedo demais? Essas dúvidas pareciam ainda maiores porque a questão da idade pesava bastante para mim.

Ser jovem e estar diante de uma decisão que parecia definir o futuro fazia tudo parecer muito definitivo. Eu tinha a impressão de que precisava saber exatamente quem eu queria ser e qual caminho deveria seguir. Só que, com o tempo, fui entendendo que não é assim que funciona. A faculdade também é um espaço para descobrir interesses, mudar de direção e perceber que algumas escolhas fazem sentido em determinado momento e depois podem deixar de fazer.

Por isso, quando acabei saindo da faculdade pela primeira vez, não vejo essa etapa apenas como uma interrupção. Na época, provavelmente foi difícil lidar com a sensação de que eu estava deixando algo para trás, principalmente porque existe uma ideia de que, depois que começamos uma graduação, precisamos seguir até o final sem mudar de caminho. Hoje

consigo olhar para aquele momento de outra forma. A saída também me permitiu amadurecer, pensar melhor sobre minhas escolhas e entender que o meu tempo não precisava ser igual ao de outras pessoas.

Entre dúvidas e recomeços

Uma das coisas que mais marcou essa primeira experiência foi justamente a dúvida relacionada à idade. Eu me perguntava muito se estava atrasada, adiantada ou simplesmente fazendo as coisas no momento errado. É estranho como a idade pode virar uma espécie de cobrança, principalmente quando começamos a comparar nossa trajetória com a de outras pessoas. Enquanto algumas pessoas parecem ter certeza do que querem, outras ainda estão descobrindo, e isso pode fazer parecer que estamos ficando para trás.

Com o passar do tempo, comecei a perceber que não existe uma idade perfeita para descobrir o que queremos fazer. Algumas pessoas entram na faculdade muito cedo e mudam de curso. Outras começam mais tarde. Algumas terminam uma graduação e depois percebem que querem outra coisa. A caminhada acadêmica não precisa ser uma linha reta. Ela pode ter pausas, mudanças e recomeços, e isso não torna a trajetória menos válida.

Foi com essa visão que o meu retorno à faculdade ganhou um significado diferente. Voltar não foi simplesmente continuar de onde eu havia parado. Foi começar novamente, mas levando comigo tudo o que eu já tinha vivido. Eu já não era exatamente a mesma pessoa da primeira vez. As experiências fora da faculdade, o trabalho, as responsabilidades e as situações que enfrentei contribuíram para que eu tivesse uma visão diferente sobre estudo, profissão e futuro.

Atualmente, cursando Pedagogia, tenho percebido que a faculdade também está sendo uma oportunidade de me conhecer melhor profissionalmente. Cada disciplina apresenta uma nova perspectiva e, principalmente, mostra que a educação é muito mais ampla do que eu imaginava. Os trabalhos, apresentações, atividades práticas e momentos de

troca com os colegas fazem com que o conteúdo deixe de ser apenas teoria e passe a ter relação com situações reais.

Também tenho aprendido a lidar melhor com aquilo que não sei. Antes, talvez eu enxergasse a dúvida como sinal de que estava no caminho errado. Hoje, consigo entender que ter dúvidas faz parte de aprender. Nem sempre preciso ter uma resposta pronta. Às vezes, o mais importante é justamente estar aberta para descobrir.

Novas oportunidades e novos caminhos

Essa nova fase acadêmica tem sido marcada principalmente pelas oportunidades. Depois de ter vivido uma primeira experiência e de ter passado por um período de afastamento, voltar para a faculdade trouxe uma sensação de recomeço. Ao mesmo tempo em que existem responsabilidades e desafios, existe também a possibilidade de experimentar coisas novas, conhecer pessoas, participar de atividades e construir experiências que podem contribuir para o meu futuro profissional.

Hoje consigo enxergar a graduação não apenas como uma obrigação para conseguir um diploma, mas como uma oportunidade de construir uma trajetória. As experiências que já tive fora da universidade também começam a ganhar outro significado quando relacionadas ao que estudo. Aquilo que vivi trabalhando com crianças, desenvolvendo atividades, participando de projetos e lidando com diferentes situações pode dialogar com os conhecimentos que estou adquirindo na Pedagogia.

Ainda tenho muitas dúvidas sobre o futuro, e acredito que isso seja normal. Não sei exatamente quais caminhos vou seguir depois da graduação, nem onde todas essas experiências vão me levar. Tenho interesses que podem abrir diferentes possibilidades, e justamente por isso quero aproveitar esse período para aprender e conhecer novas áreas. A ideia de continuar estudando e buscar novas oportunidades deixou de parecer algo distante e passou a fazer parte dos meus planos.

Quando olho para trás, percebo que entrar, sair e voltar para a faculdade não representa fracasso ou perda de tempo. Representa uma

trajetória real, com momentos em que eu precisei parar, pensar e escolher novamente. A questão da idade, que antes parecia tão grande, hoje ocupa um espaço diferente. Entendo que eu não preciso correr contra o tempo e muito menos seguir o ritmo de outra pessoa. O importante é continuar construindo o meu próprio caminho.

Minha caminhada acadêmica ainda está acontecendo. Talvez eu ainda mude de ideia algumas vezes, talvez apareçam oportunidades que eu nem imagino hoje. E tudo bem. O que mudou é que agora eu consigo enxergar essas possibilidades com mais tranquilidade. A faculdade deixou de ser apenas uma decisão sobre o futuro e passou a ser parte do meu presente. Estou aprendendo, experimentando, errando, acertando e, principalmente, descobrindo quem quero ser profissionalmente.

Quando refiz minha matrícula, eu ainda tinha medo. Medo de começar e acabar desistindo novamente. E então, veio a recepção dos calouros, e foi nesse momento que percebi que talvez, dessa vez, eu realmente estivesse me sentindo pertencente àquele lugar. Atualmente, o medo e a insegurança são menos presentes. Virei representante de turma, tenho amizades que sempre me incentivam, professores incríveis e agora um objeto claro, me tornar alguém que eu tenha orgulho, fazer essa trajetória ser inesquecível.

Literatura na educação básica: um direito humano



Magno Padilha

A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório).
(Antonio Candido)

Em 1988, o crítico literário Antonio Candido publicou seu famoso ensaio O direito à literatura (Candido, 2011), em que o autor argumenta sobre o poder da palavra e como a literatura - independentemente de suas formas e manifestações, dos contos de fada e narrativas folclóricas aos romances - deve ser encarada como um direito humano.

Essa perspectiva, de que há uma necessidade humana pela literatura, faz com que encaremos a prática de ensino da literatura, em especial na educação básica, de uma forma um pouco mais crítica e cuidadosa, pois sabemos que a leitura, no Brasil, tendo em vista a última pesquisa Retratos de Leitura no Brasil (2024), não se encontra em um cenário encantador.

A presença de uma parcela significativa de jovens que não mantém uma relação frequente com a leitura evidencia, entre outros aspectos, os limites ainda existentes para a efetivação do direito à literatura defendido por Candido. Este texto considera todo esse cenário para discutir quais são os desafios do letramento literário na educação básica e quais são as perspectivas possíveis nesse cenário.

O ensino da literatura na educação básica foi, e é, historicamente marcado por uma tradição que privilegia uma abordagem historicizante e, muitas vezes, concede menos espaço à experiência direta com a obra. A prática comum de apresentar o contexto histórico para depois inserir a obra dentro desse contexto tem o seu valor, mas apenas quando ela consegue identificar, a partir do texto literário, aquilo que se discute da história.

Esse modelo que historiciza o ensino de literatura acaba interferindo na maneira como os alunos compreendem um texto literário. Além disso, o ensino ainda deve lidar com a dificuldade de apresentar autores clássicos brasileiros do século XIX a alunos que não têm tanta intimidade com a leitura. Vê-se então a barreira que a própria organização do ensino de literatura no Brasil criou.

Na experiência escolar, nem sempre há espaço para o 'ler por ler'. A leitura frequentemente aparece vinculada ao preenchimento de formulários, à realização de provas ou a outras demandas avaliativas. O aluno, como leitor em formação, precisa também experimentar a leitura para além das demandas imediatas de avaliação e da instrumentalização do texto. Criar espaço para esse tipo de experiência é também uma forma de buscar concretizar, no contexto escolar, aquilo que Candido concebe como o direito à literatura.

A formação do leitor depende, em grande medida, da maneira como o professor compreende seu próprio papel nesse processo. Depende também da imagem que projeta diante dos alunos: a de alguém empenhado na relação com a palavra e capaz de acompanhá-los em seu percurso como leitores.

É nesse sentido que busco, e busquei nesta aula específica que relato em seguida, criar condições para que os alunos experimentem a leitura como uma experiência de fruição, isto é, para além de uma finalidade avaliativa imediata. Não fosse esse um desafio, tratava eu, nessa aula, do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* do autor Machado de Assis, que no senso comum é um autor difícil de ser lido.

A provocação inicial partiu de um jogo presente na própria apresentação do narrador: Brás Cubas não seria um simples autor que morreu, um 'autor-defunto', mas um 'defunto-autor', alguém que, depois de morto, escreve suas memórias. Foi partindo dessa estratégia, para cativar o interesse geral, que se abriu uma possibilidade de interesse pela obra por parte dos alunos: ou seja, não houve uma busca pelo recorte histórico inicial (que é

muito importante, sim, para essa obra) para apresentar o livro e sim o texto literário em si.

O resultado surgiu: alguns alunos me procuraram, comentando que haviam buscado o livro, interessados no defunto-autor Brás Cubas. Um deles chamou atenção para algo especial que conectava ainda mais a obra com a realidade que experienciava: um artista favorito havia lançado um álbum inspirado na obra de Machado de Assis. Fizemos uma troca: eu ouviria o artista e ela leria o livro.

Tendo isso em conta, uma das coisas que devemos considerar deve ser a experiência literária, pois ela tem pressupostos essenciais para a construção humana, pois permite, dentre outras coisas, saber da vida por meio da experiência do outro e também vivenciar essas experiências, como bem aponta Cosson (2006) em seu importante livro sobre Letramento Literário. Se a literatura muda a forma como experienciamos o mundo, nos torna mais humano e é uma necessidade universal, ela deve ter um espaço especial nas escolas e nas nossas práticas pedagógicas.

O que devemos pensar e levar em conta durante essas práticas pedagógicas deve ser na maneira como aproximamos o aluno da leitura e do objeto literário que é o livro. Essa aproximação deve, obviamente, levar em conta o público leitor que estamos lidando, pois a leitura e o interesse de uma criança e de um adolescente diferem - embora ainda possamos argumentar que em alguns casos há livros que ainda servem para os dois públicos, mas com abordagens que terão resultados distintos.

Tendo isso em conta, uma das coisas que devemos considerar, como professores que intermediam o processo de formação do leitor, deve ser a linguagem literária. É a partir dela que se constrói a análise literária, ou seja, lê-se um poema, um conto, um romance, e depreende-se que há, nesse tipo de texto, uma forma diferente daquela que observamos no dia a dia e, por isso, nos convida a refletir sobre as palavras de forma diferente.

Destaco, novamente, que esse nível de análise leva em conta sempre o público leitor. Ao contrário do que por vezes se pode supor, a análise literária não precisa afastar o aluno da experiência de leitura nem quebrar o encanto

produzido pelo livro. Pelo contrário, fará com que um aluno consiga compreender, a partir das palavras, como se constrói um mundo. Nesse processo cria-se, portanto, leitores capazes de experienciar a força que a literatura pode ter.

A experiência relatada não pretende apresentar uma solução para os desafios da formação de leitores na educação básica. Ela permite, contudo, pensar que a aproximação entre o aluno e a literatura pode começar por diferentes caminhos. No caso de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, não foi necessário abandonar a complexidade da obra nem simplificar Machado de Assis para torná-lo acessível. A entrada partiu justamente de um elemento do próprio texto: a figura curiosa e provocadora do defunto-autor.

A partir dessa aproximação inicial, tornou-se possível perceber que obras consideradas distantes do universo dos estudantes podem estabelecer relações com seus repertórios, interesses e experiências. Cabe ao professor, nesse processo, criar condições para o encontro com o texto literário e, ao mesmo tempo, mediar os caminhos de leitura que dele podem surgir. A fruição não exclui a análise; pelo contrário, compreender como a linguagem literária constrói sentidos pode ampliar a própria experiência do leitor.

Se a literatura, como afirma Antonio Candido, constitui um direito humano, a escola ocupa um espaço fundamental para sua efetivação. Garantir esse direito não significa apenas assegurar o contato com livros ou transmitir informações sobre autores e períodos literários, mas possibilitar que os estudantes vivenciem a literatura como experiência, estranhamento, descoberta e reflexão. Formar leitores, nesse sentido, é também permitir que eles descubram, nas palavras e nos mundos construídos pela literatura, novas formas de compreender os outros e a si mesmos.

Referências

CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2011, p. 171-193.

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO (IPL). 6ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. São Paulo: IPL, Ipec, 2024. Disponível em: <https://fundacaoitau.org.br/observatorio/biblioteca/retratos-da-leitura-no-brasil-6-edicao>. Acesso em: 31 ago. 2026.

Em metamorfose: memórias de uma formação



Lyandra Vitória Pereira de Sousa

Nasci no dia 21 de novembro de 2003, bem no dia do aniversário da irmã da minha mãe, minha madrinha Sonara. Sou um bebê arco-íris e, após uma longa espera, cheguei para os meus pais trazendo um suspiro. Eles sempre me dizem que eu sou o sonho que um dia se tornou realidade. Nasci um mês antes do planejado. Minha mãe tinha ido apenas para uma consulta de rotina, mas teve que ficar internada, pois meu coração estava parando de bater. Nasci tão pequenininha que nenhuma roupa servia e, para ajudar, não sabia respirar sozinha e tive que ficar na incubadora. Não durou muito tempo, já que logo aprendi e voltei a ficar com os meus pais.

Desde então, minha vida passou a soar como uma música, uma daquelas que traz aquela sensação de nostalgia, que traz de volta o cheiro dos lugares por onde passei e que me faz lembrar dos sentimentos experienciados. Sempre fui muito bagunceira e desafiadora. Desde sempre, mostrei que queria ser ouvida e, nem que para isso eu precisasse acabar com a paciência de todos aqueles que viviam comigo.

Cresci com meus primos, éramos mesmo melhores amigos e sempre fomos criados como irmãos, mas, em especial, o Gabriel. Filho da irmã do meio da minha mãe, nasceu em 22-09-2003, apenas três meses mais velho que eu. Sempre foi meu companheiro de aventuras e de problemas, mas confesso que sempre levava a culpa pelas bagunças, já que nunca foi do feitio da minha mãe bater como forma de punição.

Sempre fui amada em voz alta pelos meus pais. Não tive um aniversário sequer sem festa na minha infância, sempre tive muito afeto e palavras doces de carinho, sempre cuidaram de mim, me dando do bom e do melhor. Acredito que eu consiga mostrar isso às outras pessoas, pois sou a criança que a mãe olhou nos olhos.

Hoje, estudando sobre desenvolvimento infantil, consigo compreender que aquilo que eu vivia de forma tão natural tinha também uma importância enorme para a criança que eu estava me tornando. O olhar, o toque, a fala e a responsividade dos adultos participam da construção das relações e do desenvolvimento infantil (Bornstein; Putnick, 2020).

Mudei de cidade pela primeira vez aos 3 anos. Eu, juntamente com meus pais e minha coelha, fomos para União da Vitória. Ficamos um tempinho lá e eu tive a experiência de “estudar” em uma creche, e eu odiei cada segundo. Eu preferia brincar sozinha do que brincar com as outras crianças. Em vez de brigar pela balança, eu preferia brincar com telhas quebradas e terra, preparando meus mais variados pratos que, na minha concepção, deveriam ganhar as 3 estrelas mais brilhantes do céu. Fiquei nessa creche por um curto período de tempo, pois chorava todos os dias, durante 2 meses, e acabei vencendo minha mãe pelo cansaço.

Aos 7 anos, nos mudamos para Canoas-RS e, mesmo sem minha família por parte de mãe, a experiência de viver lá foi diferente e muito boa. Eu amava ir para a escola, amava brincar com meus amigos, morar naquele apartamento pequeno, mas super aconchegante. Amava brincar sozinha com meus ursinhos, minha boneca favorita e meus kits de chá, que poderiam até mesmo encantar o Rei da Inglaterra, já que, além dos meus lindos pratos de terra, meus chás feitos de folhas, gravetos e tudo o que eu podia encontrar recebiam elogios de todos os meus companheiros fiéis de brincadeiras: o cachorro dálmata que ganhei dos meus vizinhos, o elefante azul chamado Costelinha, que me acompanha desde os 3 anos de idade, e a boneca Maria Isis.

Nesse processo chamado vida fui me transformando, estudando cada vez mais, me preparando para algo que eu nem sei ainda. Técnico em enfermagem, administração, espanhol, danças... e nada parecia preencher aquele lugarzinho em meu coração. Até que decidi mudar de área. Em 2024 comecei a fazer pedagogia e apesar de ter tido muitos altos e baixos meu coração finalmente bate e ecoa o som do “propósito”.

Passei por momentos muito desafiadores referentes à saúde mental e isso durou até o início deste ano. E acredito que é muito difícil falar sobre mim sem falar um pouco das pessoas que me fizeram chegar até aqui.

A educação entrou na minha vida da forma que deveria ter entrado na vida dos que vieram antes de mim, com as oportunidades que tive e que os meus não tiveram, muitas vezes, nem mesmo a dignidade e o respeito para viver.

Talvez pelo fato de ver minha vó ensinar meu vô a ler e ver que a educação transforma e faz uma revolução, tanto no interior da alma quanto no exterior.

Minha trajetória com a educação começou muito antes da pedagogia. Começou quando eu aprendia algo novo e até mesmo quando eu não entendia e alguma professora tinha a paciência de me ensinar quantas vezes fossem necessárias.

Também iniciou quando eu tinha lição de casa e minha mãe ficava angustiada, com medo de que eu não soubesse fazer e ela precisasse me ajudar sendo que só havia estudado até o 5º ano.

Todos os dias estamos aprendendo algo novo, do mais simples que seja.

Quando me vi na pedagogia minhas experiências também fazem parte das minhas particularidades ao me comunicar com uma criança e também ao apresentar um conteúdo.

A Unifacear faz parte dessa história desde o momento que acolheu meus sonhos e ajudou a moldá-los. Fazendo parte da minha formação como pedagoga. Profissão que desejo exercer com excelência, levando comigo cada aprendizado da minha trajetória como pessoa e como universitária.

Sou descendente de uma grande miscigenação, tataraneta de indígenas por parte materna e de escravizados da parte paterna. Antes de ser Lyandra, fui também resultado de histórias que não eram minhas.

Carrego em mim pessoas que conheci, pessoas que já partiram e até mesmo pessoas que viveram antes que eu pudesse conhecê-las. Há em mim

gestos que aprendi observando, palavras que ouvi, valores que recebi, medos que herdei e sonhos que talvez tenham começado muito antes de mim.

A pesquisa de Blackiston, Silva Casey e Weiss (2008) me faz pensar que a transformação não significa necessariamente apagar aquilo que fomos. Assim como determinadas memórias podem atravessar a metamorfose, também carregamos conosco marcas das experiências, dos encontros e das pessoas que fizeram parte da nossa trajetória. Mudamos, crescemos e assumimos novas formas, mas aquilo que vivemos continua fazendo parte daquilo que nos tornamos.

E eu, ainda estou em processo de metamorfose.

Referências

ARPINI, Dorian Mônica et al. Interação mãe-bebê: um processo de descobertas. *Interação em Psicologia*, Curitiba, v. 19, n. 1, p. 1-11, 2015.

BORNSTEIN, Marc H. Et al. Maternal sensitivity and language in infancy each promotes child core language skill in preschool. *Early Childhood Research Quarterly*, v. 51, p. 483-489, 2020.

BLACKISTON, Douglas J.; SILVA CASEY, Elena; WEISS, Martha R. Retention of memory through metamorphosis: can a moth remember what it learned as a caterpillar? *PLoS ONE*, v. 3, n. 3, e1736, 2008.

A produção de fanzine como metodologia ativa no ensino de letramento e literatura infantojuvenil no curso de Pedagogia



Fábio Roberto da Silva Vasconcelos

1. Introdução

O ensino de literatura na formação de professores constitui um importante espaço para a construção de conhecimentos relacionados à leitura, à escrita, à criatividade e à formação do leitor. Nesse contexto, a utilização de metodologias ativas pode contribuir para que os estudantes assumam uma postura mais participativa no processo de aprendizagem, deixando de ocupar exclusivamente o papel de receptores de informações para se tornarem produtores de conhecimentos e de diferentes formas de expressão.

A partir dessa perspectiva, foi desenvolvida uma experiência pedagógica na disciplina de Letramento e Literatura Infantojuvenil no curso de Pedagogia da Unifacear, tendo como proposta a utilização da produção de fanzines como metodologia ativa. A atividade teve como base a obra *Bem lá no alto*, de Susanne Strasser, livro caracterizado por uma narrativa simples, visual, acumulativa e marcada pela participação de diferentes personagens na busca por alcançar um bolo que está no alto de um edifício.

A escolha da obra ocorreu em razão de suas características narrativas, que favorecem a exploração da sequência dos acontecimentos, da construção dos personagens, da linguagem, da interpretação e da criatividade. A estrutura acumulativa da história também possibilitou aos estudantes compreenderem como diferentes elementos podem ser reorganizados e ressignificados na construção de uma nova produção.

Nesse sentido, a proposta não se limitou à leitura e à interpretação da obra. Após o contato com a narrativa, os estudantes foram convidados a recontar e recriar a história, selecionando seus principais acontecimentos e

transformando-os em uma produção autoral no formato de fanzine. Dessa maneira, a atividade articulou leitura, interpretação, escrita, expressão artística e autoria.

O objetivo principal da experiência foi promover uma prática de ensino de literatura que possibilitasse aos estudantes vivenciar uma metodologia ativa, compreendendo, na prática, como a literatura infantojuvenil pode ser trabalhada de maneira criativa, participativa e significativa.

2. Materiais e métodos

A experiência foi realizada no contexto da disciplina de Letramento e Literatura Infantojuvenil, utilizando como recurso literário principal o livro *Bem lá no alto*, de Susanne Strasser, publicado no Brasil pela Companhia das Letrinhas em 2016.

A obra apresenta uma narrativa acumulativa na qual um urso observa um bolo que está no alto e busca uma maneira de alcançá-lo. Ao longo da narrativa, novos personagens são incorporados à tentativa de alcançar o bolo, criando uma sequência de acontecimentos que favorece a antecipação, a repetição e a participação do leitor.

A atividade foi organizada em diferentes momentos. Inicialmente, realizou-se a apresentação e leitura da obra, seguida de uma conversa coletiva sobre a narrativa, os personagens, o espaço, a sequência dos acontecimentos, o problema apresentado e a resolução da história.

Em seguida, os estudantes foram convidados a realizar uma recontação da história, identificando os acontecimentos considerados fundamentais para a compreensão da narrativa. Essa etapa teve como finalidade possibilitar que os estudantes reorganizassem mentalmente a sequência narrativa e percebessem os elementos que estruturam uma história.

Posteriormente, foi apresentada a proposta de produção do fanzine, compreendido como uma publicação autoral que permite diferentes possibilidades de organização textual e visual. Cada estudante deveria transformar a história lida em uma nova produção, utilizando recursos como

desenhos, ilustrações, palavras, frases, diálogos, colagens e outros elementos gráficos.

Durante a produção, os estudantes tiveram autonomia para decidir como representar os acontecimentos da narrativa, podendo manter elementos da história original ou acrescentar características próprias à sua recriação. Assim, a atividade possibilitou que cada produção apresentasse uma interpretação singular da obra.

Foram utilizados como materiais: o livro literário, folhas de papel, papel colorido, lápis, lápis de cor, canetas, canetinhas, tesoura, cola, revistas para recorte e outros materiais disponíveis para composição dos fanzines.

A avaliação ocorreu de maneira processual, considerando a participação dos estudantes, a compreensão da narrativa, a capacidade de recontar e organizar os acontecimentos, a criatividade e a autoria presentes nas produções.

3. Resultados alcançados

A realização da atividade demonstrou que a produção de fanzines pode constituir uma estratégia significativa para o trabalho com literatura e letramento, especialmente por possibilitar a integração entre leitura, interpretação, escrita e expressão artística.

Um dos principais resultados observados foi o envolvimento dos estudantes com a proposta. A possibilidade de transformar uma história conhecida em uma produção autoral favoreceu maior participação e envolvimento durante a atividade. Diferentemente de uma proposta centrada exclusivamente na elaboração de respostas sobre o texto, o fanzine possibilitou que os estudantes demonstrassem sua compreensão por meio de diferentes linguagens.

A etapa de recontação também se mostrou importante para o desenvolvimento da compreensão leitora, uma vez que os estudantes precisaram identificar personagens, acontecimentos, sequência temporal e elementos essenciais para a construção da narrativa.

Outro resultado relevante foi o desenvolvimento da autonomia e da criatividade. Ao produzir seus próprios fanzines, os estudantes tiveram liberdade para escolher como apresentar a história, quais acontecimentos destacar e quais recursos visuais utilizar. Dessa forma, a atividade favoreceu a construção de uma relação mais autoral com a literatura.

Também foi possível perceber que a proposta favoreceu a compreensão da literatura como uma experiência que ultrapassa a leitura do texto escrito. A obra literária passou a ser utilizada como ponto de partida para novas produções, permitindo que os estudantes reinterpretassem, recriassem e ressignificassem a narrativa.

A experiência ainda possibilitou uma reflexão sobre a prática pedagógica. Ao vivenciarem a produção de um fanzine enquanto estudantes, os participantes puderam compreender possibilidades de utilização dessa estratégia posteriormente em diferentes contextos educacionais, especialmente no trabalho com crianças e adolescentes.

4. Conclusões

A experiência realizada na disciplina de Letramento e Literatura Infantojuvenil evidenciou o potencial da produção de fanzines como metodologia ativa para o ensino da literatura. A partir da obra *Bem lá no alto*, de Susanne Strasser, foi possível desenvolver uma proposta que articulou leitura, interpretação, recontação, produção textual, expressão artística e autoria.

A atividade demonstrou que o trabalho com literatura pode assumir diferentes formatos e que a utilização de estratégias que envolvem a participação ativa dos estudantes pode ampliar as possibilidades de compreensão e apropriação da obra literária.

A produção do fanzine permitiu que os estudantes deixassem de ocupar uma posição exclusivamente receptiva diante do texto literário e passassem a atuar como produtores, recriando a narrativa a partir de suas próprias interpretações.

Nesse sentido, a experiência reforça a importância de práticas pedagógicas que valorizem a criatividade, a autonomia, a participação e a autoria no processo de ensino e aprendizagem da literatura.

A experiência com a produção de fanzines mostrou-se uma possibilidade pedagógica potente para o trabalho com Letramento e Literatura Infantojuvenil. A proposta permitiu estabelecer uma relação entre a leitura literária e a produção autoral, tornando o processo de aprendizagem mais participativo e significativo.

O uso da obra *Bem lá no alto* mostrou-se especialmente pertinente devido à estrutura acumulativa e visual da narrativa, que favoreceu a identificação dos acontecimentos e a posterior recriação da história. A partir da leitura, os estudantes puderam reconstruir a narrativa e expressar sua compreensão por meio de uma produção própria.

Mais do que produzir um material, a experiência possibilitou aos estudantes vivenciar uma prática que pode ser posteriormente adaptada para diferentes faixas etárias e contextos escolares. O fanzine pode ser utilizado como recurso para trabalhar compreensão leitora, produção textual, sequência narrativa, criatividade, oralidade, ilustração e diferentes formas de linguagem.

Assim, a experiência contribuiu não apenas para a aprendizagem dos conteúdos relacionados à disciplina, mas também para a formação pedagógica dos estudantes, ao possibilitar a vivência concreta de uma metodologia ativa que pode ser incorporada às futuras práticas docentes.

Referências

STRASSER, Susanne. *Bem lá no alto*. Tradução de Julia Bussius. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016.

BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2018.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 2011.

A docência para além da sala de aula: experiências e vínculos na formação acadêmica



Valéria Cristiane da Silva dos Santos Zirhut

Meu relato de experiência enquanto docente na Unifacear é sobre vivências que me encantam e me motivam cada vez mais. Teria muitos e muitos relatos para narrar, porém, neste momento, escolho destacar somente algumas experiências.

A experiência docente no ensino superior me permite confirmar a minha percepção sobre o que é ensinar, o ir além da mediação na formação dos acadêmicos da Pedagogia, pois envolve relações, afetos e oportunidades de construção do conhecimento.

Quero sinalizar, primeiramente, que todo esse processo começa antes mesmo de adentrar em sala de aula, ele começa na relação com nosso coordenador do curso, o qual nos proporciona segurança e autonomia para realizar aquilo que acreditamos, trazendo segurança para fazer a diferença na área da educação e contribuir para a formação de futuros professores e pedagogos, mantendo o compromisso coletivo com a formação acadêmica e profissional de nossos estudantes.

Início então, este relato, com uma das experiências mais fascinantes, como professora da graduação em Pedagogia, que foi o momento em que, mesmo após formados alguns acadêmicos me procuraram para pedir auxílio (quando foram participar de concursos públicos), para a elaboração das práticas exigidas em uma das etapas. Posteriormente recebi mais mensagens dizendo que realizaram a prova e lembraram de temas trabalhados em sala de aula. Uma das falas que mais me marcou foi: "Professora Valéria, na prova caiu muita coisa que eu aprendi na sua disciplina, lembrei muito das suas aulas". Segui recebendo mensagens por todas as etapas dos concursos e ao final a notícia sobre a aprovação de muitos. São momentos como esse que sinto o quanto minha profissão vale a pena, sempre digo aos acadêmicos que

minha maior conquista sempre será a conquista deles, pois é inenarrável o sentimento quando os vejo realizando seus sonhos profissionais e quando recebo esses relatos dizendo que faço parte dessa conquista.

Esses feedbacks me mostram o quanto relacionaram seus novos conhecimentos, enquanto profissionais da área da educação, às experiências anteriores, obtidas no meio acadêmico, e utilizaram essas construções diante de situações concretas, reforçando que a aprendizagem foi significativa, percebo que mesmo quando já dominam determinado conteúdo, continuam a procurar-me porque desejam contar com o meu olhar", minhas sugestões, ou minhas observações, com o intuito também de manter o vínculo que criamos na vida acadêmica, e quando conquistam a aprovação em um concurso ou alcançam uma nova etapa profissional, fazem questão de me contar, reconhecendo que também fiz parte dessa história.

Ao acompanhar os acadêmicos durante a graduação e, posteriormente, percebo suas conquistas profissionais, compreendo que minha atuação docente deixa marcas que ultrapassam o tempo e o espaço da sala de aula, pode ser em uma orientação, uma pergunta, uma explicação, um incentivo ou uma forma diferente de apresentar determinado assunto e que pode se tornar uma experiência mediadora capaz de contribuir para novas aprendizagens no futuro, mostrando-me o quanto meu olhar como professora faz a diferença em cada um que por mim passa e seguir imensamente agradecida pela permissão para que eu faça parte dessa caminhada.

Entre alguns dos meus relatos, escolhi compartilhar também um que me marcou de maneira especial, quando uma egressa do curso de Pedagogia, enviou uma mensagem contando que estava atuando na área da Educação Especial e relatou que buscou essa formação a partir dos conhecimentos adquiridos durante as minhas aulas, na disciplina de Fundamentos da Educação Especial e Inclusiva.

Segundo ela, essa formação contribuiu para que hoje desenvolva um trabalho diferenciado na escola em que atua, demonstrou, ainda, muito

orgulho por ter tido acesso a essa formação na Unifacear e destacou que consegue perceber, em sua prática profissional, a presença dos conhecimentos construídos durante a graduação.

Para mim, esse é um dos maiores significados da minha docência: perceber que aquilo que ensinamos vai além da sala de aula e se transforma em prática, temos um pouco dessa visão, porém ela se torna mais evidente quando recebemos esses relatos no decorrer dos anos, e isso se torna significativo para mim também, pois tenho a certeza de que o que foi apresentado em sala, teoria e prática, ganhou sentido quando utilizada para transformar a realidade.

A experiência dessa acadêmica também reforçou a importância da minha mediação no processo educativo, enquanto professora. O conhecimento construído durante a graduação não permaneceu restrito ao espaço acadêmico, foi ressignificado e aplicado em uma nova realidade profissional.

Outro momento muito marcante e significativo aconteceu durante a recepção dos calouros de 2025, os veteranos tiveram a oportunidade de nos apresentar aos novos estudantes. Eles foram além de uma simples apresentação: buscaram conhecer o currículo dos docentes, analisaram seus perfis e compartilharam a percepção que tinham sobre cada um de nós, seus professores, apresentando, de certa forma, a nossa essência não somente enquanto profissionais e educadores, mas como um ser também em construção, com suas singularidades e especificidades.

Essa experiência foi muito significativa para mim, porque, consegui me “enxergar” aos olhos deles, e isso contribuiu para que quando os calouros, começaram a ter contato conosco em sala de aula, eles já tinham um conhecimento prévio sobre nosso trabalho, nosso perfil e nossa essência, aproximando-nos de forma positiva, com uma vontade muito grande de fazer parte daquele grupo, aprender, crescer e construir sua trajetória acadêmica comigo e com os demais professores. Esta vivência foi muito especial para mim, pois mesmo me conhecendo foi muito importante saber que eles também têm outro olhar sobre o meu ser. Além disso, a interação entre os

acadêmicos veteranos e calouros foi incrível, pois os aproximou e criou a “nossa comunidade acadêmica da Pedagogia”, e essa relação é grandiosa para que tenham proximidade e possam aprender, não somente com nós professores, mas também com seus colegas, compartilhando seus olhares, experiências fazendo uma nova conexão e estabelecendo novas relações ao longo de sua formação.

Toda essa apresentação se deu pelos representantes do nosso curso e considero importante ressaltar e parabenizar o trabalho realizado por eles, e mais uma vez destacar o excelente trabalho realizado por nosso coordenador, que é o mediador desse processo, e fortalece cada vez mais essa vivência entre os acadêmicos, trabalhando com os mesmos práticas que fazem parte do currículo acadêmico e que os mesmos levarão para a prática após formados. Essa atuação contribui para que nossos acadêmicos sejam protagonistas não somente em sala de aula, mas também na organização e no desenvolvimento das ações do curso, preparando-os para seu futuro profissional.

Dessa forma, as experiências vivenciadas na Unifacear me permitem cada vez mais, compreender que a docência é um processo dinâmico, no qual estamos constantemente aprendendo e se transformando, enquanto professores não mediamos somente, mas compartilhamos conhecimentos, e ampliamos cada vez mais nosso processo formativo.

Minha experiência como professora na Unifacear é repleta de aprendizagens, vínculos, desafios e, principalmente, com a certeza de que a educação transforma e fazer parte da formação de futuros pedagogos significa, para mim, participar de histórias que continuam sendo construídas durante e após os acadêmicos deixarem a sala de aula e iniciarem no meio profissional, onde o conhecimento compartilhado encontra novos caminhos, chega às escolas e é transformado em práticas que farão a diferença na vida de muitas pessoas, e também compreender que cada acadêmico possui potencialidades que podem ser ampliadas quando encontra oportunidades, relações significativas e mediações intencionais ao longo de sua vida profissional.

Poder trabalhar com o que amo me faz aprender muito também, pois não só “contribuo”, faço a mediação e “ensino”, vejo que há troca, e essa troca é grandiosa, minha vivência é tão significativa e me motiva, cada vez mais, a continuar fazendo parte desta história. Tenho a certeza de que a docência não termina quando a minha aula acaba, ela perpetua nas experiências, nas escolhas, nas práticas e nas histórias daqueles que passaram e passam por mim, e que fazem toda a diferença na minha caminhada, me tornando uma pessoa extremamente feliz, agradecida e realizada enquanto profissional.

A Pedagogia na minha vida



Luana Alves Gonçalves

Iniciei a minha jornada educacional ainda muito pequena, por volta dos quatro para cinco anos de idade, no ano de 2010, quando ingressei na pré-escola municipal localizada em Araucária. Lembro-me com bastante clareza daquele momento que, de certa forma, marcou o início de toda a minha trajetória como estudante. No meu primeiro dia de aula, quem me acompanhou foi meu pai. A cena ainda permanece viva em minha memória, a maioria das crianças chorava bastante, provavelmente pela insegurança da separação dos pais ou pela adaptação ao novo ambiente. Eu, no entanto, não conseguia entender muito bem o motivo de tanto choro. Foi então que meu pai, ao me observar tão tranquila, perguntou: “Você não vai chorar também?”. E, de maneira firme e espontânea, respondi que não. Esse episódio simples já demonstrava algo muito presente em mim desde cedo: o gosto e o entusiasmo pela escola. Antes mesmo de iniciar oficialmente minha vida escolar, eu já insistia com meus pais para que me deixassem começar. Sempre enxerguei a escola como um espaço de descobertas, aprendizados e alegria, nunca como uma obrigação.

Mesmo tão pequeninha, guardo lembranças muito nítidas da minha primeira professora. Uma educadora extremamente atenciosa, carinhosa e criativa, que sempre trazia atividades divertidas e interessantes para a turma. Ela marcou profundamente a minha história, pois até hoje me recordo do quanto era querida e do quanto eu gostava dela. Seu jeito afetuoso certamente ajudou a consolidar em mim essa visão positiva sobre a escola e a aprendizagem. Na mesma instituição, também tive a oportunidade de conviver com uma amiguinha muito especial, que tinha síndrome de Down. Eu era muito próxima dela e, muitas vezes, a professora me colocava para realizar atividades em dupla com ela, pois percebia que eu tinha facilidade em ajudá-la. Anos mais tarde, compreendi nas aulas da faculdade que

aquela vivência infantil foi a minha primeira semente da educação inclusiva. Pude aprender, ainda criança, que cada aluno tem seu ritmo, suas necessidades e suas potencialidades, e que a empatia e a paciência fazem toda a diferença em qualquer relação de aprendizagem.

Com o passar dos anos, a jornada foi se transformando. Daquela menina curiosa e encantada com o novo, passei a ser uma jovem universitária. Foi no curso de Pedagogia da Unifacear que encontrei as respostas, a teoria e a sustentação para dar sentido a todas essas vivências. A graduação não tem sido apenas um espaço de acúmulo de saberes técnicos, mas o solo fértil onde meu amor pela profissão ganhou forma, criticidade e propósito. No primeiro semestre do curso, encarei o desafio do estágio na rede municipal de Araucária. Sem experiência na prática docente, fui tomada por muitas inseguranças e me perguntava se havia feito a escolha certa. Fui designada para atuar como apoio de uma criança com Transtorno do Espectro Autista. O desafio era imenso, agravado pela falta de orientações claras iniciais e por me deparar com uma postura docente mais tradicional. No entanto, foi justamente nesse cenário que a importância da faculdade se fez crucial, os debates acadêmicos, os textos estudados, as trocas com os colegas e o apoio dos professores do curso me deram o suporte teórico necessário para transformar a angústia em reflexão-ação. Essa situação exigiu de mim maturidade, resiliência e paciência. Uma das maiores lições desse período foi perceber que, mesmo sem saber exatamente que tipo de professora eu desejava ser, os aprendizados da faculdade me ajudavam a desenhar, com clareza, o que eu não queria reproduzir. Esse contraste entre a teoria humanizadora estudada na graduação e os entraves da realidade escolar foram essenciais nesse processo. Com o tempo, os frutos do aprendizado prático e teórico começaram a aparecer no dia a dia da sala de aula. É perceptível o quanto nós, educadores, fazemos a diferença na vida das crianças. Cada olhar acolhedor, cada escuta atenta e cada intervenção planejada com carinho revelam o poder transformador da nossa atuação, dando ao nosso trabalho um propósito muito bonito e significativo.

Hoje, ao olhar para trás e celebrar os 20 anos do curso de Pedagogia da Unifacear, percebo o quanto a faculdade foi e continua sendo um marco definitivo na minha vida. É nas vivências acadêmicas, nas trocas com os colegas e professores e nas práticas cotidianas que encontro o meu brilho no olhar.

Ainda tenho um longo caminho a percorrer, inúmeros pontos a melhorar e um universo de aprendizados a conquistar. Mas, sem dúvida, a Luana que iniciou no curso de pedagogia em 2023 e começou aquele estágio insegura, teria muito orgulho da profissional apaixonada que estou me tornando. Minha trajetória me ensinou que a formação docente é um processo contínuo, tecido pelo afeto, pela teoria e pela prática. Ninguém nasce professor; tornamo-nos professores a cada experiência, a cada desafio vencido na faculdade e na escola, e a cada aluno que encontramos no caminho. E é exatamente essa paixão pela Pedagogia que me move a seguir firme, com a certeza de que escolhi o melhor caminho para transformar o mundo através da educação.

Entre desafios e descobertas: minha experiência na Pedagogia



Keysse Camara

Voltar para a faculdade depois de tantos anos não estava nos meus planos exatamente da forma como aconteceu. Hoje, no segundo período de Pedagogia na Unifacear, percebo que essa escolha representa muito mais do que uma nova graduação. É o reencontro com um sonho antigo e com uma parte de mim que ficou guardada por muito tempo. A Pedagogia sempre esteve presente na minha história. Meu pai era professor e tenho cinco irmãos que também são professores. Quando jovem, cheguei a desejar seguir esse caminho, mas escolhi não fazer Pedagogia. Naquela época, carregava mágoas relacionadas à ausência do meu pai e fazer algo diferente do que ele esperava acabou sendo uma forma de contrariá-lo. Hoje, com mais maturidade, consigo compreender que a Pedagogia não era apenas um desejo dele. Era também um desejo meu. Eu já havia feito uma graduação. Aos 18 anos, comecei o curso de Tecnólogo em Gestão de Serviços de Saúde. Voltar a estudar agora, porém, é diferente. Hoje sou mãe, trabalho e tenho responsabilidades que não existiam naquela primeira experiência. Conciliar trabalho, faculdade e maternidade, sendo mãe solo, tem sido um dos maiores desafios dessa caminhada. Quando decidi começar Pedagogia, estava desempregada e “fazia taxas” no shopping praticamente todos os dias. Parte daquele dinheiro seria usada para pagar a faculdade, mas eu não sabia se conseguiria manter os pagamentos. Por isso, começar o curso foi um verdadeiro ato de fé. Eu estava com medo e insegura, mas decidi tentar. Hoje entendo que coragem não foi não sentir medo, mas continuar mesmo sentindo. Também havia tentado uma graduação totalmente on-line, mas percebi que não tinha me adaptado. A experiência presencial foi muito diferente. Estar em sala, ouvir os professores, participar das atividades e conviver com outras pessoas fez com que eu me sentisse parte daquele

ambiente. As aulas presenciais têm sido uma experiência muito boa e fizeram crescer em mim o gosto pela faculdade. Meu primeiro dia de aula foi bastante inusitado. Eu estava muito cansada, pois vinha “fazendo taxas” praticamente todos os dias e, algumas vezes, trabalhava por até 12 horas. Além disso, precisei levar meu filho comigo para a faculdade. Como ele é autista, minha preocupação era conseguir mantê-lo tranquilo. Dei o celular para que assistisse ao que gostava e, felizmente, ele ficou bem. Eu também estava com vergonha de falar. Em uma conversa com um professor, surgiu uma questão sobre crianças autistas, suas particularidades e comportamentos que muitas vezes são vistos como difíceis. Por ter uma experiência próxima com meu filho, senti-me instigada a falar. Mesmo com vergonha, falei. Foi um momento simples, mas significativo, porque senti que minha própria história começava a encontrar espaço dentro da escolha pela Pedagogia. No início, também me senti como um peixe fora d'água. Havia muitos colegas muito jovens e eu já estava em outra fase da vida. Por alguns momentos, pensei que talvez não me encaixasse. Com o tempo, percebi que a idade não impedia as trocas. Fiz amizade com uma colega que se tornou meu porto seguro, e aos poucos me aproximei dos demais. Descobri uma turma com pessoas diferentes, mas dispostas a aprender juntas, colaborar nos trabalhos e ajudar umas às outras.

Entre os professores, uma professora da disciplina de Didática tem me marcado especialmente. Percebo nela uma preocupação que vai além do conteúdo. Ela é muito alto astral, incentiva a turma e estabelece uma relação próxima com os alunos. Essa forma de ensinar e, ao mesmo tempo, olhar para as pessoas tem me feito pensar na professora que quero me tornar. A disciplina de Didática ampliou minha maneira de enxergar a educação. Tenho compreendido que não existe uma única forma de ensinar. O professor precisa observar, compreender quem está aprendendo e encontrar caminhos para mediar o conhecimento de acordo com o aluno, a turma e a situação. Essa compreensão me fez relacionar os estudos de Vygotsky, principalmente a importância da mediação e das interações na aprendizagem. Aos poucos, entendi que o professor não está apenas transmitindo um conteúdo pronto, mas criando caminhos para que o aluno construa conhecimento. Isso

reforçou em mim a ideia de que cada estudante precisa ser olhado de maneira individual, respeitando suas características, seu tempo e suas necessidades. Outro momento marcante foi uma atividade realizada em uma escola estadual durante uma Mostra de Profissões. Fomos à escola à noite para conversar com estudantes do ensino médio e apresentar situações fictícias para discussão. Foi um desafio, mas também uma experiência surpreendente. Percebi o envolvimento dos adolescentes e ampliei minha visão sobre a atuação do pedagogo. Entendi, na prática, que a Pedagogia pode estar presente em diferentes idades e contextos. Também guardo com carinho uma atividade de recreação. Em grupo, precisávamos criar uma brincadeira ou proposta didática usando balões. Sugeri que trabalhássemos com as emoções e participei da apresentação fazendo a mediação com minhas colegas. Enquanto apresentava, senti que aquilo fazia sentido para mim. Por alguns instantes, consegui me enxergar naquele lugar e tive a sensação de que estava começando a me encontrar.

Outro momento especial aconteceu em uma apresentação para os calouros, quando pude falar sobre quem eu era, minha experiência como mãe atípica e meu propósito de fazer a diferença na educação. Essa vontade está ligada a experiências vividas com meu filho e a situações em que senti que ele poderia ter recebido um olhar diferente nos primeiros anos no CMEI. Naquele momento, percebi que não estava entrando em outra faculdade apenas para obter um diploma. Estava levando comigo o desejo de fazer diferente e, se possível, fazer diferença na vida das crianças. Nem tudo tem sido fácil. O maior desafio continua sendo a falta de tempo e o cansaço. Existem dias em que gostaria de estar em casa com meu filho em vez de ir para a faculdade. Ao mesmo tempo, sei que também estou fazendo isso por ele. Esse conflito ainda existe, mas hoje consigo olhar para ele de outra maneira. O primeiro período foi muito difícil. Em vários momentos, pensei que poderia reprovar. Eu precisava conciliar o trabalho na escola, a maternidade e a faculdade e muitas vezes chegava cansada. Quando consegui concluir aquele período, senti uma felicidade enorme. Foi como respirar fundo e pensar: eu consegui. Agora, no segundo período, ainda tenho os mesmos

desafios, mas consigo me organizar um pouco melhor. No início, tinha muito medo das provas por sentir que não teria tempo suficiente para estudar. Aos poucos, estou descobrindo formas de estudar dentro da realidade que tenho. Ainda não encontrei a organização perfeita, mas já não sinto o mesmo medo de antes. Também aprendi com professores e com o coordenador do curso algo que ficou marcado em mim: uma prova não é a única forma de perceber se houve aprendizagem. A participação, as perguntas, as conversas, os trabalhos, as experiências, as tentativas e até os erros também fazem parte desse processo. Isso mudou minha maneira de enxergar a faculdade e o próprio ato de aprender.

Depois de dois períodos, percebo que já não sou a mesma mulher que entrou naquela sala no primeiro dia. Minha maneira de enxergar o professor e a educação mudou. A faculdade passou a fazer sentido também dentro da minha experiência como mãe. Hoje consigo enxergar a educação de dois lugares: como alguém que está se preparando para ser professora e como mãe, percebendo o impacto que um professor pode ter na vida de uma criança. Por isso, quando penso na professora que quero ser, não penso somente no conteúdo que quero ensinar. Quero ser aquela professora de quem o aluno se lembre. Quero que ele se sinta acolhido, seguro e respeitado. Acredito que toda criança precisa estar em um ambiente onde possa ser quem é, perguntar, tentar e aprender. Para mim, isso também faz parte da aprendizagem. Se eu pudesse conversar com a mulher que decidiu começar Pedagogia no primeiro período, diria: que bom que você teve coragem. Você enfrentou o medo mesmo sem saber se conseguiria pagar a faculdade no mês seguinte. E está dando certo. Ainda tenho muito para aprender e muitos desafios pela frente, mas agora sei que já consegui uma vez. Esses dois períodos foram desafiadores e, ao mesmo tempo, muito gratificantes. O primeiro terminou com alívio e felicidade. Entrar no segundo período sabendo disso me trouxe uma segurança diferente. Talvez eu ainda não saiba exatamente como será o caminho até o final da graduação, mas hoje tenho mais certeza de que quero continuar. A Pedagogia, que um dia deixei de lado por razões que pertenciam à jovem que eu era, voltou para minha vida por

uma escolha minha. Não estou apenas realizando um sonho antigo. Estou descobrindo, aos poucos, que esse sonho também faz parte de quem eu sou. Para as próximas etapas, quero continuar aproximando os conhecimentos estudados das experiências vividas nos espaços educativos, aprendendo com professores e colegas e construindo uma prática pedagógica baseada na escuta, no acolhimento, no respeito às diferenças e nas necessidades de cada estudante.

Referências

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes.

Muito além de um diploma



Gabriel Henrique Haluch

Quando penso em tudo o que eu vivi durante a faculdade, percebo que não foi somente uma etapa de estudos ou uma conquista de um diploma. Foram anos de aprendizados, desafios, descobertas, amadurecimento e de transformação. O Centro Universitário Unifacear fez parte de uma das minhas principais fases e contribuiu não somente com a minha formação acadêmica, mas também para o meu amadurecimento pessoal.

Quando iniciei minha faculdade, não tinha dimensão do que me esperava pelo caminho. Como acontece com muitas pessoas, comecei essa nova etapa carregando expectativas, dúvidas e muitos medos. Eu sabia que estava iniciando uma graduação, mas ainda não conseguia imaginar o quanto aquela experiência seria capaz de me transformar por completo.

O início da faculdade foi sem dúvidas a minha maior alegria e maior medo. Foi o começo de uma caminhada que me tirou da zona de conforto. No começo, muitas situações eram novas para mim. Aos poucos, porém, fui percebendo que cada desafio enfrentado dentro da faculdade tinha um propósito e que na maioria das vezes, eu estava aprendendo muito mais do que aquilo que estava escrito nos livros ou falado em sala de aula.

Uma das maiores mudanças aconteceu na minha forma de enxergar a educação. Antes da graduação, eu tinha uma visão simples sobre o que significava estudar. Durante o curso de Pedagogia, comecei a compreender que a educação vai além da sala de aula, dos conteúdos e das atividades. Parece clichê, mas foi uma realidade quando entrei, pois a educação envolve pessoas, histórias, sentimentos, diferenças, oportunidades e principalmente responsabilidade.

Passei a compreender que o professor não é apenas alguém que transmite conhecimento. É alguém que participa da formação de outras

peessoas e que pode marcar positivamente a vida de um aluno. Essa percepção mudou a forma como passei a olhar para a profissão que escolhi.

A graduação também me ensinou que cada pessoa possui seu próprio tempo, suas dificuldades e suas potencialidades. Aprendi a olhar para as situações com mais empatia e a compreender que, antes de julgar alguém, é necessário conhecer sua realidade. Essa foi uma das maiores contribuições que a Pedagogia trouxe para a minha vida pessoal e profissional.

Porém, quando penso no que o Centro Universitário Unifacear mudou em mim, percebo que a transformação não aconteceu somente na educação. A faculdade também desenvolveu em mim habilidades que eu talvez nem conseguiria adquirir.

Uma delas foi a comunicação. Eu nunca tive (ainda não tenho por completo) muita confiança para falar em público. Apresentar um trabalho, falar diante de várias pessoas ou simplesmente ter que me posicionar diante de um grupo muitas vezes era algo que me deixava inseguro. No início da faculdade, provavelmente eu não imaginava o quanto teria que enfrentar esse desafio.

Porém, com o passar dos semestres, as apresentações, trabalhos, seminários e atividades fizeram com que eu precisasse falar cada vez mais. No início, existia o nervosismo, a preocupação de errar e aquela sensação de que todos estavam prestando atenção em cada palavra que eu dizia. Mas aos poucos, fui percebendo que era possível.

Cada apresentação foi uma pequena superação. O que antes era motivo de insegurança passou a ser uma oportunidade de desenvolvimento. Aprendi a organizar minhas ideias, preparar aquilo que precisava, me posicionar diante das pessoas e principalmente, confiar mais em mim. Eu tenho muito a melhorar ainda, mas hoje consigo ver para trás e perceber o quanto evoluí.

Essa habilidade de falar em público não ficou limitada somente a faculdade. Ela se tornou uma ferramenta para minha vida profissional. Aprendi que saber se comunicar é fundamental em praticamente qualquer área. Não basta ter conhecimento, também é necessário saber apresentar uma ideia,

conversar com diferentes pessoas, explicar uma proposta, participar de uma reunião e defender aquilo que acreditamos.

Outra habilidade que desenvolvi durante minha trajetória foi a capacidade de organização. Os trabalhos, projetos, atividades e responsabilidades, exigiram que eu aprendesse a administrar melhor meu tempo e minhas tarefas. Com isso fui desenvolvendo uma responsabilidade maior e entendendo que organização é essencial para alcançar qualquer objetivo.

Além disso, algumas experiências relacionadas à faculdade contribuíram para que eu desenvolvesse habilidades ligadas à organização de eventos e atividades. Planejar algo, pensar nos detalhes, dividir responsabilidades, trabalhar em equipe, lidar com imprevistos e fazer com que tudo aconteça exige mais do que parece. Essas experiências me mostraram que organização, comunicação e responsabilidade caminham juntas.

Hoje percebo que essas habilidades serão importantes independentemente do caminho profissional que eu seguir. A faculdade não me preparou apenas para exercer uma profissão específica, mas também me preparou para situações que fazem parte da vida profissional de maneira geral.

Aprendi a trabalhar em equipe, ouvir opiniões diferentes, cumprir prazos, assumir responsabilidades e lidar com pessoas. Aprendi que nem sempre as coisas acontecem como planejamos e que nestes momentos, precisamos ter equilíbrio para encontrar soluções.

A convivência com colegas e professores também foi fundamental neste processo. Cada pessoa que passou pela minha trajetória deixou algum aprendizado. Algumas ensinaram através de seus conhecimentos, outras através de conversas, experiências e até mesmo de situações desafiadoras. A faculdade foi também um espaço de convivência onde aprendi que ninguém cresce sozinho.

Os trabalhos em grupo por exemplo, me ensinaram muito sobre respeito e colaboração. E sempre pensamos na mesma forma ou temos a mesma maneira de executar uma tarefa, mas é justamente nessa diversidade

que podemos aprender. Aprendi a ouvir, negociar ideias, ceder e reconhecer quando precisamos aprender com outras pessoas.

Outro aspecto que mudou durante esse período minha maturidade. Ao longo da graduação comecei a compreender melhor minhas responsabilidades e minhas escolhas. Passei a olhar para o futuro com mais seriedade e também com mais esperança.

A faculdade me fez pensar mais sobre aquilo que quero construir profissionalmente. Talvez eu enxergasse o futuro mais distante. Hoje consigo compreender que cada experiência, cada conhecimento e cada habilidade adquirida pode abrir novas possibilidades.

Compreendi que a formação não termina com o diploma. Pelo contrário o diploma representa o fim de uma etapa e o começo de outra. Como aponta Imbernón (2000), a formação permanente é essencial para a reinterpretação constante da nossa prática. A educação exige que continuemos estudando, buscando conhecimento e nos atualizando. Durante a graduação percebi que quanto mais aprendemos mais percebemos o quanto ainda temos para aprender.

Quando olho para a pessoa que iniciou a faculdade e comparo com quem está concluindo essa etapa, consigo compreender uma grande diferença. Não sou a mesma pessoa. Como nos ensina Paulo Freire (1996) em Pedagogia da Autonomia, a formação é um processo de transformação da consciência que nos constitui enquanto sujeitos autônomos. Hoje, tenho outra visão sobre educação, sobre trabalho, sobre responsabilidade e sobre as relações humanas. Principalmente, acredito que hoje confio mais em mim.

Talvez essa seja uma das maiores mudanças que a Unifacear me proporcionou. Eu entrei com insegurança, inclusive com dificuldades para falar um pouco e saí sabendo que sou capaz de enfrentar situações que antes pareciam muito difíceis. Não significa que todos os meus desapareceram, mas sim que hoje sei que posso enfrentá-los.

Por isso, quando penso no que ser universitário ou profissional representa na minha vida, não penso apenas em uma instituição onde estudei. Penso em um lugar que fez parte da minha construção profissional e

peçoal. Foi ali que adquiri conhecimento, mas também habilidades que levarei comigo para muitos outros momentos da minha vida.

Hoje, ao concluir esta etapa, sinto principalmente gratidão pelos desafios que enfrentei, pelas pessoas que conheci, pelos conhecimentos que adquiri e por todas as vezes em que precisei sair da minha zona de conforto.

O início da faculdade marcou o começo de uma grande transformação. A conclusão representa os resultados de todo esse caminho, mas não significa o fim do aprendizado. Pelo contrário, significa que estou preparado para começar uma nova etapa levando comigo tudo aquilo que a graduação me ensinou.

Se alguém me perguntasse hoje o que a faculdade mudou na minha vida, eu não responderia apenas que me deu uma formação em pedagogia. Diria que ela me ajudou a descobrir a capacidade que eu ainda não conhecia em mim.

Saio do Centro Universitário Unifacear não apenas com um diploma, mas com as experiências, conhecimentos, responsabilidades e habilidades que levarei para toda a minha vida profissional e pessoal. E, acima de tudo, saio com a certeza de que ainda existem muitos caminhos para percorrer muitas coisas para aprender e muitas oportunidades para transformar tudo aquilo que aprendi em prática.

A faculdade foi uma etapa da minha vida, mas as mudanças que ela provocou em mim continuarão fazendo parte de quem eu sou.



FONTE: ACERVO PESSOAL, 2026



FONTE: ACERVO PESSOAL, 2026



FONTE: ACERVO PESSOAL, 2026



FONTE: ACERVO PESSOAL, 2024

Referências

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IMBERNÓN, Francisco. Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2000.

O caminho que me trouxe até a Pedagogia



Anna Carolina Correia França Bozza

Ao pensar sobre Pedagogia, acho até graça em dizer que eu não entrei nela sabendo que queria ser professora, na verdade, por muito tempo não tinha tanta certeza sobre o que queria fazer. Minha trajetória até aqui foi feita de escolhas, dúvidas, mudanças de caminho e alguns recomeços. Talvez seja por isso que, quando olha para a minha formação, percebo que a Pedagogia não começou no dia em que fiz minha matrícula. Ela começou muito, muito, muito antes, foi quando pisei a primeira vez em uma sala quando era aluna, foi quando encontrei pessoas pelo caminho e também quando precisei enfrentar dificuldades pra aprender.

Uma das primeiras lembranças que me fazem pensar sobre educação é a minha própria experiência com a aprendizagem. Enquanto criança, tive dificuldades para aprender a ler, via outras crianças avançando e aprendendo com tanta naturalidade, enquanto eu precisava de mais tempo, mais explicações, mais tentativas. Houve até um tempo que pensei que tivesse algo de errado comigo, mas hoje, olhando para aquela menininha com os olhos de alguém que estudou educação, consigo entender que ela nunca precisou aprender mais rápido, ela só precisou de alguém que respeitasse seu tempo, e não desistisse dela e suas tentativas falhas.

Essa experiência ficou comigo, e talvez por isso que quando penso no que significa ensinar, penso primeiro em olhar para quem está aprendendo. Antes de qualquer conteúdo, existe uma pessoa, uma criança que vê o mundo de um jeito diferente, que tem suas facilidades, dificuldades, seus medos, suas curiosidades e principalmente seu próprio ritmo. A pedagogia me ajudou a dar nome a algo que já havia experimentado na prática muito antes de entender o que aquilo significava.

Também aprendi, ainda como estudante, que nem toda experiência escola é positiva. Passei por situações de medo, onde esse sentimento era

maior do que a vontade de aprender, passei por situações onde o errar era constrangedor, o perguntar era arriscado e a sala de aula assim deixava de ser um mundo de descoberta e se transformava num lugar em que era preciso ter cuidado.

Hoje, apesar de me recordar perfeitamente, não guardo estas experiências como lembranças ruins, pois elas me ensinaram de uma maneira diferente e muito clara o tipo de educadora que eu NÃO quero ser. A formação de um professor não acontece somente quando encontramos bons exemplos, ela também acontece quando reconhecemos que aquilo que nos marcou negativamente não é o que queremos reproduzir.

Por outro lado, tive professores que fizeram exatamente o contrário: eles despertaram curiosidades que eu nem sabia que existiam dentro de mim. Logo eu, que sempre fui de humanas, nunca imaginei que a matemática pudesse se tornar uma matéria que gostasse, também não imaginava que o inglês ocuparia um espaço tão importante na minha vida. Foram estes professores que conseguiram transformar o aprendizado em algo que ia além de decorar textos, perguntas e fatos. Eles me mostraram ao longo dos anos que uma pergunta não era sinal de falta de conhecimento, que errar era parte sim do processo e que aprender poderia ser, acima de tudo, interessante.

Talvez tenha sido exatamente a partir daí que comecei a notar a força que um professor pode ter na vida de um aluno.

Quando cheguei a Pedagogia, no entanto, não foi algo organizado quanto pode parecer quando contamos uma história depois que ela já terminou. Antes dela, comecei outro curso, mas a pandemia interrompeu aquele caminho. Me lembro de precisar lidar com uma pausa que não foi planejada e com a sensação constante de não saber qual era o próximo passo.

Mas quando finalmente entrei na Pedagogia, não tive todas as respostas. Tive expectativas (muitas), tive inseguranças (mais ainda) e, principalmente, uma vontade estranha e imensa de descobrir se aquele era o meu lugar.

Aos poucos, foi sendo.

Durante a graduação, fui entendendo que ser pedagoga não significava apenas aprender métodos, teorias e conteúdos sobre educação. Significava aprender a observar, a ouvir, a questionar aquilo que parecia óbvio. Aprender que uma estratégia pode funcionar perfeitamente bem para uma criança, mas não pra outra. Aprender que ensinar exige planejamento, mas também sensibilidade. Sensibilidade pra perceber quando é preciso mudar o caminho.

Foi nos estágios que muitas dessas ideias deixaram de ser apenas conceitos estudados na faculdade e passaram a ter rostos, vozes e nomes.

Na Educação Infantil, especialmente, encontrei uma versão de mim que não imaginava que existia, encontrei um lugar que sequer pensei que seria tão importante pra minha formação. As crianças pequenas me mostraram que a curiosidade não precisa ser estimulada o tempo inteiro, pois quase sempre, ela já está ali, transbordando de seus olhinhos brilhantes e suas cabecinhas pensantes. Cada pergunta, cada descoberta e cada “mas por quê, profe?” mostrava que aprender é algo tão vivo, muito mais do que aquilo que conseguimos colocar em um plano de aula.

Foi também nesse contato que percebi que educar não é controlar os caminhos, mas sim criar condições para que o outro possa caminhar.

Ao longo da graduação, fui mudando não só a forma com a qual enxergava a educação, mas também como eu enxergava as crianças e os alunos. Passei a entender que aquilo que, de fora, pode parecer falta de interesse, dificuldade ou desatenção, muitas vezes é apenas uma parte da história que o professor ainda não conhece.

E essa talvez seja uma das maiores aprendizagens que levo comigo: antes de deduzir ou questionar por que esse aluno, essa criança não aprende, é preciso aprender a perguntar “o que está acontecendo com essa criança? O que está acontecendo com esse aluno?”.

Em dezembro de 2025, quando terminei minha graduação, percebi que construir Pedagogia não queria dizer que eu tinha chego ao fim de

alguma coisa. Pelo contrário. A formatura representou o encerramento de uma etapa, etapa esta que abriu muitas outras portas para mim.

Talvez seja por isso que meu próximo passo também esteja ligado à educação. Quero continuar minha formação em Letras, me aproximar ainda mais das áreas que, de maneiras diferentes, já faziam parte da minha história antes mesmo de eu perceber.

Existe algo simbólico nisso tudo. A menininha que um dia teve dificuldade para aprender a ler, hoje escolhe continuar estudando linguagem. A aluna que encontrou professores capazes de despertar seu interesse por uma língua agora deseja compreender ainda mais esse universo. E a estudante que, por muito tempo, não tinha certeza sobre seu caminho, agora terminou a Pedagogia sabendo que ainda quer e pode caminhar.

Não sei exatamente onde esse caminho vai me levar, mas pela primeira vez eu não sinto que preciso saber.

A Pedagogia me ensinou que cada pessoa tem seu próprio tempo, e talvez eu também precise aplicar essa lição na minha própria trajetória. Nem todo percurso segue uma linha reta. Algumas coisas começam, outras termina, outras precisam ser interrompidas enquanto outras só fazem sentido quando olhamos para trás.

Hoje, quando penso na professora que estou me tornando, não penso em alguém que tem todas as repostas. Penso em alguém que aprendeu a importância de perguntas, de observa antes de julgar, de respeitar o tempo do outro e principalmente de reconhecer que ensinar é também continuar aprendendo.

Levo comigo os professores que me inspiraram, as experiências que me desafiaram, as crianças que encontrei durante a formação e até as partes mais difíceis do caminho. Tudo isso, de alguma maneira, faz parte da profissional que estou me tornando.

Minha graduação terminou, mas a minha formação não terminará tão cedo.

Talvez esse seja o melhor jeito de olhar para a Pedagogia. Não como o lugar onde finalmente encontrei todas as respostas, mas sim como o lugar onde aprendi que continuar procurando também faz parte de ser educadora.

O professor diante das dificuldades de aprendizagem: observação, intervenção e inclusão no contexto escolar



Elielton de Novais; Lavínia Mayara dos Santos

Este artigo tem como objetivo abordar dificuldades de aprendizagem em diversos contextos escolares, que podem se correlacionar à leitura, à escrita, à matemática, à concentração e à compreensão de conteúdos trabalhados em atividades propostas. Diante das demandas a serem trabalhadas no ambiente escolar, torna-se importante a compreensão do subjetivo de cada estudante, compreender que cada aluno tem sua particularidade de aprendizado do conteúdo que possa vir a ser desenvolvido.

O papel do docente se faz fundamental, pois é este que se faz presente no desenvolvimento e avanços do aluno, considerando a percepção do professor. Segundo LIBÂNEO (2013) afirma que “a direção do processo de ensino requer do professor o conhecimento das condições concretas dos alunos”. Dessa forma, compreender as particularidades dos estudantes torna-se fundamental para que o professor possa organizar sua prática de acordo com as necessidades apresentadas. Entretanto, identificar esses déficits de aprendizagem não significa que o aluno não está progredindo mediante a turma, mas sim buscar estratégias de compreensão de fatores relacionados à situação apresentada. O profissional deverá observar, planejar e intervir continuamente, também se faz necessário que o docente não seja visto como único responsável na resolução de dificuldades apresentadas pelos estudantes, mas que seja um trabalho multidisciplinar, ou seja, um trabalho em conjunto com a equipe pedagógica, família e profissionais especializados.

Nesse sentido, o profissional deverá refletir sobre suas condutas e se questionar quanto aos resultados, se benéficos ou não às necessidades do

aluno, certificando-se de que a aprendizagem trabalhada em sala contribua para a compreensão e o desenvolvimento desse aluno, tendo a compreensão da subjetividade de cada estudante, é necessário dispor de diferentes formas de ensino.

A instituição escolar deverá oferecer condições favoráveis, como a participação e sugestão do estudante em questões pedagógicas, sociais, emocionais e culturais, reforçando a importância de um olhar atento ao subjetivo, não apenas identificar erros, mas sim reconhecer e reforçar seus avanços, suas potencialidades e formas pelas quais ele consegue aprender com maior facilidade. Outro aspecto a ser considerado está relacionado a como os estudantes são vistos dentro do ambiente escolar. O profissional deverá contribuir para inclusão e construção de uma perspectiva positiva sobre a capacidade do aluno, ressignificando as dificuldades de aprendizagem no futuro, cabe ao contexto escolar buscar possibilidades para que esse estudante tenha oportunidade reais de aprendizagem, fazem se fundamental a inclusão quando esse aluno estiver presente fisicamente ou não na sala de aula. Faz-se necessário apresentar condições e facilitadores para a interação do aluno com os colegas e participação de atividades que corroborem com o desenvolvimento de habilidades e avanços no processo de aprendizagem.

Desenvolvimento

Diante das dificuldades de aprendizagem, o professor exerce um papel fundamental como mediador no processo educativo. Sua atuação não deve se limitar à transmissão de conteúdos, mas envolver a criação de condição que favoreçam a participação, a compreensão e o desenvolvimento da autonomia dos estudantes. Para isso, é necessário estabelecer estratégias pedagógicas diversificadas, considerando as necessidades e as possibilidades de cada aluno. O professor pode, por exemplo, utilizar recursos visuais, atividades lúdicas, jogos, trabalhos em grupo, diferentes formas de explicação, materiais concretos e propostas que

possibilitem ao estudante participar ativamente da construção do conhecimento.

É importante ressaltar que reconhecer uma dificuldade de aprendizagem não rotular ou definir o estudante a partir de suas limitações. Pelo contrário, significa compreender que existe diferentes caminhos para alcançar a aprendizagem, quando um professor identifica que uma estratégia não está produzindo os resultados esperados, torna-se necessário refletir sobre sua prática e buscar outras possibilidades de intervenção. Nesse sentido, o planejamento pedagógico precisa ser flexível e estar aberto as adaptações, permitindo que o professor acompanhe o desenvolvimento do aluno e faça as mudanças necessárias ao longo do processo. A mediação docente também envolve o acompanhamento contínuo dos avanços e das dificuldades apresentadas pelos estudantes. A avaliação, nesse sentido, não deve ser compreendida apenas como um instrumento utilizado para atribuir notas, mas como possibilidade de conhecer o processo e aprendizagem e identificar quais aspectos precisam ser retomados ou trabalhados de outras maneiras. Segundo Luckesi (2011) destaca que “a avaliação da aprendizagem não é e não pode continuar sendo a tirana da prática educativa”.

A partir dessa compreensão, a avaliação pode ser utilizada como instrumento de acompanhamento e reflexão sobre o processo de aprendizagem, permitindo ao professor identificar os progressos alcançados e planejar novas intervenções. Além disso, o trabalho diante das dificuldades de aprendizagem não deve ser realizado de maneira isolada.

A parceria entre professores, equipe pedagógica, família e, quando necessário, outros profissionais que acompanham o estudante podem contribuir para uma compreensão mais ampla de suas necessidades. A construção coletiva de estratégias possibilita que diferentes perspectivas sejam consideradas e que os estudantes recebam um acompanhamento mais adequado as suas necessidades educacionais. Ao realizar uma análise crítica sobre as condições oferecidas ao professor, percebe-se que frequentemente se espera que o docente desenvolva aulas diversificadas,

utilize metodologias lúdicas, trabalhe com diferentes recursos e atenda às necessidades individuais dos estudantes. Contudo, quando a escola não oferece materiais didáticos adequados, essa responsabilidade pode tornar-se ainda mais difícil.

A ausência desses recursos pode limitar as possibilidades metodológicas do professor, um conteúdo que poderia ser trabalhado por meio de um jogo, de um experimento, de imagens, de materiais concretos ou de recursos tecnológicos pode acabar sendo apresentado somente por meio de explicações orais, quadro e atividades escritas. Isso não significa que essas estratégias tradicionais sejam necessariamente inadequadas, mas demonstra que a falta de alternativas pode restringir a possibilidade de o professor adaptar sua metodologia as diferentes formas de aprendizagem existentes em uma sala de aula. Outra grande dificuldade docente está relacionada as salas numerosas, nas quais um único professor precisa atender diversos estudantes ao mesmo tempo, tornando mais difícil oferecer um acompanhamento individualizado, principalmente para aqueles que apresentam maiores dificuldades. Assim, as dificuldades deixam de ser compreendidas apenas como obstáculos individuais do aluno e passam a ser entendidas como situações que exigem investigação, reflexão, intervenção pedagógica e construção coletiva de possibilidades.

Essa perspectiva contribui para uma prática educativa mais inclusiva, na qual o estudante não é definido por aquilo que apresenta dificuldade, mas também por suas capacidades, potencialidades e possibilidades de desenvolvimento. Portanto, o compromisso do professor diante das dificuldades de aprendizagem consiste em criar caminhos que favoreçam a aprendizagem, observar atentamente o desenvolvimento dos estudantes, estabelecer estratégias adequadas, acompanhar os resultados e buscar continuamente novas possibilidades de intervenção.

Considerações finais

Ao longo desse artigo, foi possível compreender que as dificuldades de aprendizagem estão presentes em diferentes contextos escolares e podem

estar relacionadas a diversos fatores. Cada estudante possui sua própria maneira e ritmo de aprender, sendo necessário que suas dificuldades não sejam vistas apenas como limitações, mas como situações que precisam ser compreendidas e acompanhadas de forma individualizada, nesse sentido, o professor possui um papel fundamental no processo de aprendizagem, principalmente por estar diariamente em contato com os estudantes e poder observar seus avanços, dificuldades e potencialidades. Sua atuação envolve observar, planejar, avaliar e buscar diferentes estratégias para favorecer a aprendizagem. No entanto, é importante considerar que o trabalho docente também enfrenta desafios, como salas com muitos alunos, falta de materiais e recursos pedagógicos e a dificuldade de oferecer um acompanhamento individualizado diante da realidade escolar.

Portanto, as dificuldades de aprendizagem não deve ser responsabilidade somente do professor, a participação da equipe pedagógica, da família e, quando necessário, de outros profissionais é fundamental para compreender as necessidades do estudante e construir estratégias que possam contribuir para seu desenvolvimento. Dessa forma, compreender as dificuldades de aprendizagem significa reconhece as particularidades, capacidades e potencialidades de cada estudante, nesse sentido o professor precisa refletir sobre sua prática e buscar estratégias, adaptar suas ações quando necessário.

Dessa forma, o trabalho docente diante das dificuldades de aprendizagem deve ser baseado na observação, no planejamento, na intervenção e na inclusão. Mesmo diante dos desafios do cotidiano escolar, é fundamental respeitar o ritmo e as necessidades de cada estudante, buscando caminhos que favoreçam uma educação mais acolhedora e acessível para todos.

Referências

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Pedagogia Unifacear: um começo, de olho no futuro



Benéli Kosiba

Ao olhar para minha trajetória, algumas perguntas surgem: por que somente agora fazer uma faculdade? E por que escolhi a Pedagogia?

A primeira pergunta mexe muito comigo no momento de respondê-la, pois fui a única pessoa da minha família a concluir o Ensino Médio em uma escola regular. Meus pais não tiveram a oportunidade de estudar, pois, na época deles, as escolas eram distantes e eles precisavam trabalhar na lavoura. Meus irmãos também tiveram que interromper os estudos para procurar trabalho.

Somente há pouco tempo meus pais e irmãos conseguiram concluir seus estudos por meio da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), uma importante política educacional que possibilita a retomada dos estudos por pessoas que não tiveram a oportunidade de concluí-los no período regular. Foi justamente ao conhecer melhor essa realidade que passei a me interessar ainda mais pelas questões relacionadas à educação.

Nesse processo, tive contato com as ideias de Paulo Freire, um autor de grande importância para a educação brasileira. Antes de iniciar minha formação acadêmica, eu tinha pouco conhecimento sobre suas obras e sobre as discussões que envolvem a educação como instrumento de transformação. Com as leituras realizadas durante o curso, comecei a compreender melhor suas ideias e, ao mesmo tempo, a refletir sobre minha própria trajetória e sobre as mudanças sociais e culturais que a educação pode proporcionar.

Em sua obra *Educação como Prática da Liberdade*, Paulo Freire apresenta uma perspectiva de educação voltada para a liberdade, para a consciência crítica e para a compreensão da realidade social. A educação, nessa perspectiva, pode contribuir para que os indivíduos compreendam melhor o mundo em que vivem e reconheçam suas possibilidades de

transformação. Essa reflexão passou a ter um significado especial para mim, pois consigo relacionar essas ideias com a história da minha própria família e com as oportunidades educacionais que não estiveram presentes na vida dos meus pais e irmãos (Freire, 1967).

Relatando um pouco mais da minha história, concluí o Ensino Médio em 2010. Naquele período, tinha o sonho de fazer faculdade de Artes, mas esse sonho precisou ser adiado por conta de problemas familiares. Durante esse tempo, trabalhei e fiz alguns cursos, mas nunca deixei de pensar no meu futuro e de sonhar com a possibilidade de me tornar universitária.

Foi então que fiquei sabendo sobre o vestibular da Unifacear. Mesmo com muitas dúvidas e sem saber exatamente como seria essa nova etapa, decidi fazer a prova. Quando chegou o momento de escolher o curso, optei pela Pedagogia.

E, então, surge a segunda pergunta: por que Pedagogia? Escolhi a Pedagogia porque a vejo como uma porta aberta para novas possibilidades e novos caminhos. Para mim, ela representa o início de um sonho que ficou adiado durante alguns anos, mas que nunca deixou de existir. Além disso, hoje posso dizer, com grande alegria e orgulho, que fui a primeira pessoa da minha família a ingressar em uma instituição de ensino superior.

Confesso que, no começo, não foi fácil. Muitas coisas eram novas para mim, e ainda encontro dificuldades para compreender alguns assuntos e acompanhar determinadas atividades. Porém, apesar das dificuldades, posso dizer que estou feliz com a escolha que fiz. Durante essa caminhada, fiz novas amizades, aprendi coisas que antes não conhecia e descobri caminhos e possibilidades que talvez nem imaginasse quando comecei.

Entre as diferentes disciplinas e experiências vivenciadas ao longo do curso, Educação Inclusiva foi uma das que mais me marcou. Com a professora Valeria, pude me aproximar ainda mais dessa temática, principalmente por ter um familiar com deficiência intelectual. As aulas despertaram em mim sentimentos e reflexões importantes, pois me fizeram olhar para a inclusão de uma maneira mais ampla.

Foi uma experiência emocionante, daquelas em que nos sentimos acolhidos pela forma como o assunto é apresentado. A maneira próxima, humana e humilde com que a professora abordava os temas fez com que eu me sentisse à vontade para refletir e compartilhar experiências. Para mim, isso também representa uma forma importante de inclusão dentro da própria formação acadêmica.

Essa experiência me fez compreender que a inclusão não está relacionada apenas à presença da pessoa com deficiência no ambiente escolar. Ela envolve acolhimento, respeito às diferenças, compreensão das necessidades de cada pessoa e, principalmente, a busca por uma educação em que todos tenham a oportunidade de aprender e participar. Ao longo dessa caminhada, percebo que entrar na faculdade não significou apenas iniciar um curso superior. Significou também abrir uma nova etapa da minha vida. Hoje consigo olhar para a minha trajetória e perceber que as dificuldades enfrentadas anteriormente não impediram que eu chegasse até aqui. Pelo contrário, elas fizeram com que essa conquista tivesse ainda mais significado.

Estar na Pedagogia também tem me feito pensar sobre a profissional que quero me tornar. Ainda tenho muito a aprender, muitas dificuldades a superar e novos desafios pela frente, mas acredito que cada experiência vivenciada durante o curso contribui para a construção desse futuro.

Ao finalizar este relato, percebo o quanto minha trajetória até a faculdade foi importante para que eu chegasse até aqui. O ingresso no ensino superior representa uma conquista pessoal, mas também possui um significado especial para minha família, principalmente por ser a primeira pessoa entre nós a ter essa oportunidade.

A experiência na Unifacear tem me proporcionado novos conhecimentos, amizades, desafios e diferentes formas de enxergar a educação. Algumas dificuldades ainda fazem parte da minha caminhada, mas hoje compreendo que elas também fazem parte do processo de aprendizagem e crescimento.

A Pedagogia, que inicialmente surgiu para mim como uma porta aberta para realizar um sonho, aos poucos vem se tornando muito mais do que isso. Ela está me ajudando a compreender a importância da educação na vida das pessoas e na transformação da sociedade.

Espero continuar aproveitando as oportunidades oferecidas pelo curso, participando de novos projetos e aprendendo com meus professores e colegas. Ainda não sei exatamente tudo o que o futuro me reserva, mas tenho a certeza de que este é apenas o começo de uma nova etapa da minha vida e que ainda tenho muitos sonhos e conquistas pela frente.

Referências

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

Minha trajetória e experiência na Unifacear



Nayra Marques de Azevedo e Azevedo

Desde muito cedo, passei a me interessar pelo desenvolvimento e pela aprendizagem das crianças, especialmente pela maneira como elas descobrem, questionam, experimentam e constroem seus próprios conhecimentos. Sempre me chamou a atenção acompanhar a evolução de uma criança, desde a curiosidade inicial até a elaboração de suas próprias conclusões, sejam elas consideradas corretas ou não. Para mim, esse processo de descoberta sempre representou uma importante forma de aprendizagem.

Meu interesse pela educação começou a se fortalecer após ter a oportunidade de retornar aos estudos e participar de um projeto escolar desenvolvido pelo Colégio que eu frequentava. O projeto utilizava o contraturno escolar para possibilitar que alguns alunos atuassem como monitores e ajudantes gerais durante um dia da semana. Entre as atividades realizadas, estava o acompanhamento de turmas de aproximadamente 30 a 40 alunos durante aulas vagas, abrangendo diferentes séries do Ensino Fundamental II. Também auxiliávamos os professores na organização de materiais, equipamentos e atividades, além de colaborarmos com sua aplicação nas turmas.

Estar diante de uma turma numerosa de jovens despertava em mim uma sensação de segurança e pertencimento que, na época, eu ainda não sabia explicar. Mesmo sem possuir formação no magistério, percebia que conseguia interagir com os alunos, compreender determinadas situações e lidar com as demandas apresentadas de maneira natural. Essa experiência despertou em mim um interesse cada vez maior pela área da educação.

A partir disso, passei a me envolver de forma mais ativa nas atividades escolares, atuando entre dois e quatro dias por semana como monitora e participando de diferentes projetos desenvolvidos pelo colégio. Na Feira de Profissões de 2024, por exemplo, participei desde os momentos iniciais de

organização, chegando cedo para auxiliar na preparação do espaço e permanecendo até o encerramento das atividades. Também participei de gincanas, festas e outros eventos, contribuindo com a organização e o desenvolvimento das atividades.

Essas experiências foram importantes porque, mesmo sem possuir naquele momento conhecimentos teóricos aprofundados sobre educação, comecei a compreender, por meio da prática, algumas das responsabilidades envolvidas no trabalho com crianças e adolescentes. A convivência com diferentes turmas também me permitiu perceber que cada aluno possui suas próprias características, formas de interação e maneiras de aprender.

No ano seguinte, minha participação nos projetos e eventos do colégio chegou ao fim. Nesse período, participei de um concurso para concorrer a uma vaga de estágio pela Prefeitura. Após ser aprovada no processo seletivo e também no processo de cotas, que foi uma etapa bastante difícil e dolorosa para mim e para minha família, fui encaminhada para a Secretaria Municipal de Educação (SMED).

Tive a oportunidade de atuar em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI). Inicialmente, minha função estava direcionada à área administrativa. Entretanto, devido à falta de profissionais, surgiu a possibilidade de acompanhar e auxiliar nas salas de aula. Essa experiência foi fundamental para minha trajetória, pois foi nesse momento que meu interesse pela educação se transformou em uma decisão mais concreta sobre o meu futuro profissional. Estar diariamente em contato com as crianças e observar suas formas de interação, comunicação e aprendizagem fez surgir em mim a certeza de que queria seguir esse caminho.

Em determinado momento, havia interrompido meus estudos em razão de um emprego. Com o passar do tempo, percebi que essa escolha não me aproximaria do objetivo de me tornar professora, tanto no município quanto no estado. Por esse motivo, decidi retomar minha formação. Concluí o Ensino de Jovens e Adultos (EJA) pelo próprio colégio, fui aprovada e,

posteriormente, comecei a buscar uma instituição de ensino superior para iniciar a graduação em Pedagogia.

A escolha da instituição não foi simples. Eu tinha interesse em estudar na Unifacear ou em uma universidade federal, mas precisava considerar também minhas condições pessoais e profissionais. Após realizar diversas pesquisas e não encontrar uma instituição que se adequasse à minha rotina naquele momento, tomei uma decisão importante: pedi demissão e realizei minha matrícula na Unifacear.

Essa escolha representou uma mudança significativa na minha vida. Atualmente, não possuo emprego ou renda própria, mas tenho a felicidade de contar com uma rede de apoio que incentiva minha formação e acredita no meu potencial. Mesmo diante das incertezas, iniciar o curso de Pedagogia trouxe uma sensação de realização e de recomeço.

Ao iniciar minha trajetória acadêmica na Unifacear, passei a perceber uma relação cada vez mais significativa entre as experiências que já havia vivenciado e os conhecimentos teóricos apresentados no curso. Os conteúdos estudados começaram a dar novos significados para situações que anteriormente eu compreendia apenas a partir da experiência. Entre os primeiros conhecimentos que despertaram minha atenção estão os estudos relacionados à abordagem de Reggio Emilia e às contribuições de Loris Malaguzzi. Nesse contexto, conhecemos o conceito das “100 linguagens da criança”, que representa as diferentes formas pelas quais as crianças podem pensar, aprender, comunicar e expressar seus conhecimentos, sentimentos e percepções sobre o mundo.

Essas linguagens podem ser manifestadas por meio do desenho, da pintura, da música, da dança, da brincadeira, do movimento, da fala, da escrita e da exploração de diferentes materiais e ambientes. Na atividade prática desenvolvida durante o curso, tivemos a oportunidade de aplicar esse conceito a partir da pergunta: “O que é uma cidade?”. A criança poderia representar sua compreensão por meio de desenho, escrita, colagem ou imagem, utilizando os materiais disponibilizados.

A colagem foi a forma de representação mais escolhida. Essa experiência me possibilitou compreender, de maneira mais concreta, que a criança possui diferentes possibilidades para expressar aquilo que pensa e compreende. A atividade também reforçou a importância de oferecer diferentes recursos e possibilidades de expressão, respeitando as particularidades e a criatividade de cada criança.

Outro autor estudado foi Henri Wallon, psicólogo e filósofo francês que contribuiu significativamente para os estudos sobre o desenvolvimento infantil. Para Wallon, o desenvolvimento ocorre de maneira integrada, envolvendo aspectos como a afetividade, o movimento, a inteligência e as relações sociais. Nesse sentido, a afetividade possui um papel fundamental no processo de aprendizagem, uma vez que a criança necessita sentir-se acolhida, segura e emocionalmente envolvida para desenvolver-se de maneira significativa.

Durante a atividade prática relacionada aos estudos de Wallon, participamos de uma roda de conversa utilizando balões que representavam diferentes emoções. A atividade também contou com música e, posteriormente, com perguntas relacionadas às emoções apresentadas. A proposta permitiu compreender, na prática, como o trabalho com as emoções pode favorecer a expressão, a interação e a participação das crianças.

Essas experiências têm me feito compreender que a prática pedagógica não deve acontecer de maneira isolada ou improvisada. Antes de desenvolver uma atividade, é necessário compreender seus objetivos, conhecer os fundamentos teóricos que a sustentam, analisar o ambiente e considerar as características dos alunos envolvidos. Dessa forma, os conhecimentos teóricos estudados ao longo da formação contribuem para que o futuro professor desenvolva uma prática mais consciente, organizada e significativa. A relação entre teoria e prática também tem me mostrado que a formação docente envolve um processo contínuo de aprendizagem. Ao vivenciar as atividades práticas, nós também assumimos, em alguns momentos, a posição de alunos, o que nos permite compreender diferentes perspectivas do processo educativo. Essa experiência contribui para o

desenvolvimento da empatia e para uma compreensão mais ampla sobre o papel do professor.

Mesmo estando no início da graduação em Pedagogia, percebo que cada experiência vivenciada tem contribuído para a construção da profissional que desejo me tornar. Minha trajetória até a Unifacear foi marcada por mudanças, dificuldades, dúvidas e decisões importantes, mas também por oportunidades que me fizeram reconhecer meu interesse pela educação.

Hoje compreendo que minha escolha pela Pedagogia não surgiu de um único momento, mas foi sendo construída ao longo das experiências que tive dentro da escola e, posteriormente, no contato com as crianças no CMEI. A graduação tem possibilitado transformar essas experiências em conhecimento, permitindo que eu compreenda melhor aquilo que antes fazia apenas intuitivamente.

Por isso, considero que iniciar minha trajetória acadêmica na Unifacear representa mais do que começar uma graduação. É a continuidade de um caminho que começou com pequenas experiências e que, aos poucos, foi se transformando em um projeto de vida. A cada novo conhecimento adquirido, fortaleço a certeza de que escolhi a profissão com a qual me identifico e na qual desejo continuar aprendendo, contribuindo para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. NBR 10520 – Informação e documentação. Citação em documentos. Apresentação. Rio de Janeiro, ago. 2002a.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (org.). As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MALAGUZZI, Loris. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (org.). As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 59-104.

WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

O brincar no processo educativo



Kamile Oliveira de Paula; Camila Rodrigues de Oliveira

Introdução

Quando falamos em brincar, imaginamos uma das formas mais naturais que a criança possui para compreender o mundo e se expressar. Trata-se de uma atividade espontânea e carregada de significado, por meio da qual a criança explora o mundo, expressa emoções e recria a realidade ao seu redor.

É por meio dessa vivência lúdica que se manifesta a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), conceito-chave de Lev Vygotsky, que corresponde à distância entre aquilo que a criança já consegue realizar de forma autônoma e aquilo que é capaz de realizar com a ajuda de alguém mais experiente. Ao imitar papéis sociais e criar situações no faz de conta, a criança atua para além de seu comportamento cotidiano, favorecendo seu desenvolvimento cognitivo, social e emocional.

É por essa razão que o brincar se revela indispensável para a aprendizagem. A experiência lúdica contribui para o desenvolvimento das funções executivas, estimulando o controle inibitório, a memória de trabalho e a flexibilidade cognitiva, permitindo que a criança controle impulsos, respeite regras, mantenha informações e adapte pensamentos, estratégias e comportamentos durante a brincadeira.

Desenvolvimento

O brincar se torna algo muito importante tanto na Educação Infantil quanto nos anos iniciais, pois, por meio dele, a criança vivencia a ludicidade, que é o uso de brincadeiras, jogos, músicas e atividades divertidas como forma de aprendizagem. Na Educação Infantil e nos anos iniciais, a ludicidade permite que a criança aprenda de maneira prazerosa, desenvolvendo aspectos cognitivos, motores, sociais, emocionais e sua criatividade. Além

disso, o brincar contribui para o desenvolvimento da autonomia, da coordenação motora, da socialização e da compreensão de regras, tornando a aprendizagem mais significativa.

Com isso, podemos citar Jean Piaget, que fala sobre o desenvolvimento cognitivo, que acontece em quatro estágios. O estágio sensório-motor (0 a 2 anos) é marcado pela aprendizagem por meio dos sentidos e movimentos. O estágio pré-operatório (2 a 7 anos) é quando a criança desenvolve a linguagem, a imaginação e o pensamento simbólico, mas ainda apresenta dificuldade para compreender o ponto de vista do outro. O estágio operatório concreto (7 a 11 anos) envolve o desenvolvimento do raciocínio lógico aplicado a situações concretas. Por fim, o estágio operatório formal (a partir dos 12 anos) caracteriza-se pela capacidade de pensar de forma mais abstrata, formular hipóteses e resolver problemas mais complexos.

A partir das contribuições de Piaget, podemos compreender que o brincar acompanha o desenvolvimento da criança e pode assumir diferentes formas de acordo com sua idade e suas capacidades. Na infância, a criança aprende principalmente por meio da ação e da experimentação, construindo conhecimentos a partir da interação com os objetos e com o ambiente. Ao brincar, ela pode experimentar situações, testar possibilidades, perceber consequências e construir novas compreensões sobre aquilo que está ao seu redor. Assim como Piaget fala sobre a linguagem no estágio pré-operatório, podemos entender que ela é importante no brincar, pois auxilia na expansão do vocabulário, da expressão oral e da representação simbólica, aspectos necessários para a alfabetização e para o desenvolvimento da criança.

Além de Piaget, podemos destacar as contribuições de Lev Vygotsky, que compreende o desenvolvimento da criança a partir das relações sociais e culturais. Para o autor, a aprendizagem acontece por meio da interação com outras pessoas e, nesse processo, a criança pode realizar atividades com o auxílio de alguém que possui maior conhecimento ou experiência. Essa ideia está relacionada à Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que representa

a distância entre aquilo que a criança consegue fazer sozinha e aquilo que consegue realizar com ajuda.

Nesse sentido, o brincar possui grande importância, pois permite que a criança interaja com outras crianças e com os adultos, troque experiências, desenvolva sua linguagem e aprenda novas formas de agir e pensar. Nas brincadeiras de faz de conta, por exemplo, a criança pode assumir diferentes papéis, como professora, médica, mãe, pai ou outros personagens, reproduzindo situações que observa em seu cotidiano e atribuindo novos significados a elas. Ao realizar essas representações, ela desenvolve a imaginação, a comunicação e a compreensão das relações sociais.

Com isso, podemos citar também a criatividade, que envolve olhar para aquilo que já existe e enxergar novas possibilidades. Ao inventar um uso diferente para um objeto cotidiano, a criança desenvolve habilidades cognitivas importantes, semelhantes às utilizadas por um adulto na busca de soluções para um problema. Para isso, é necessário oferecer um ambiente seguro, no qual o erro possa ser encarado como uma etapa natural do processo de aprendizagem.

Outro aspecto importante é o desenvolvimento da autonomia. Durante as brincadeiras, a criança pode fazer escolhas, decidir com o que quer brincar, estabelecer estratégias e solucionar pequenos problemas sem depender constantemente do adulto. Essa possibilidade de escolha ajuda a criança a desenvolver confiança em suas próprias capacidades. O professor pode atuar como mediador, oferecendo materiais, fazendo perguntas e criando situações que incentivem a criança a pensar e encontrar suas próprias soluções.

Além disso, o brincar também contribui para o desenvolvimento das funções executivas, que são habilidades responsáveis por ajudar a criança a organizar seus pensamentos e comportamentos. Entre elas estão o controle inibitório, a memória de trabalho e a flexibilidade cognitiva. Durante as brincadeiras, a criança aprende a esperar sua vez, seguir regras, lembrar instruções, manter a atenção e adaptar-se às mudanças. Dessa forma, o brincar não proporciona apenas diversão, mas também favorece o

desenvolvimento de habilidades importantes para a aprendizagem, para a resolução de problemas e para a autonomia da criança no cotidiano escolar.

Dessa forma, podemos considerar o brincar como uma estratégia pedagógica, pois ele pode ser utilizado pelo professor de maneira intencional para favorecer a aprendizagem. O brincar não está presente somente nas brincadeiras livres, mas também em jogos de tabuleiro, caça-palavras, jogos de memória, quebra-cabeças, desafios matemáticos, jogos de perguntas e respostas e outras atividades lúdicas. Essas estratégias podem tornar os conteúdos mais interessantes e facilitar a participação dos alunos.

Nesse sentido, o jogo pode ser utilizado para trabalhar diferentes áreas do conhecimento. Um jogo de tabuleiro pode estimular o raciocínio lógico e a compreensão de regras; um caça-palavras pode auxiliar no reconhecimento e na escrita de palavras; jogos de memória podem estimular a atenção e a memória de trabalho; enquanto desafios matemáticos podem contribuir para o desenvolvimento do raciocínio e da resolução de problemas.

Por outro lado, o excesso de atividades formais pode limitar experiências importantes da infância, principalmente quando a rotina escolar é baseada somente em exercícios escritos, cópias e atividades dirigidas. A criança também precisa de momentos para brincar, imaginar, criar, movimentar-se, explorar e interagir com outras crianças.

Isso não significa que as atividades formais não sejam importantes. Elas também fazem parte do processo de ensino e aprendizagem e contribuem para o desenvolvimento de diferentes conhecimentos. O problema está quando existe um desequilíbrio e o brincar passa a ser visto apenas como um momento de descanso ou recompensa depois das atividades consideradas "sérias". O brincar também pode ser um momento de aprendizagem e desenvolvimento, principalmente quando o professor compreende suas possibilidades e cria condições para que as crianças explorem, criem e interajam. Por isso, é importante encontrar um equilíbrio entre as atividades formais e as experiências lúdicas, garantindo que a criança tenha contato com diferentes formas de aprendizagem. O professor possui um papel fundamental nesse processo, pois pode planejar atividades que envolvam

conteúdos escolares sem retirar da criança o prazer de aprender. Dessa maneira, o ensino pode ser mais significativo, respeitando o desenvolvimento infantil e proporcionando diferentes oportunidades de participação.

Conclusão

Diante disso, podemos concluir que o brincar é fundamental para a aprendizagem e para o desenvolvimento integral da criança, pois permite que ela explore o mundo, desenvolva sua imaginação, interaja com outras pessoas e construa conhecimentos de forma prazerosa e significativa.

As teorias de Piaget e Vygotsky mostram que o brincar está diretamente relacionado ao desenvolvimento cognitivo e social, além de estimular as funções executivas, a criatividade, a autonomia e a socialização. O brincar também pode ser utilizado como uma estratégia pedagógica por meio de jogos e outras atividades lúdicas. Por isso, é importante que a escola encontre um equilíbrio entre as atividades formais e os momentos lúdicos, garantindo que a criança tenha espaço para criar, imaginar, explorar e interagir.

Assim, brincar não é apenas diversão, mas uma forma de experimentar, criar, aprender e transformar conhecimentos.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018.
- COSTA, Ileana C. P. da. A teoria de Jean Piaget. Material didático.
- COSTA, Ileana C. P. da. A teoria de Vygotsky. Material didático.
- PIAGET, Jean. A linguagem e o pensamento da criança. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- VYGOTSKY, Lev Semionovitch. Pensamento e linguagem. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Relato de experiência



Amanda Orchel

A formação no curso de Pedagogia tem proporcionado experiências importantes para minha construção acadêmica e profissional. Ao longo desse percurso, tive contato com diferentes atividades teóricas e práticas que contribuíram para ampliar minha compreensão sobre o desenvolvimento, a aprendizagem e o papel do professor no contexto educacional.

Durante as aulas e atividades realizadas na faculdade, foram estudadas as teorias de Lev Vygotsky, Sigmund Freud e Henri Wallon, além de conteúdos relacionados às metodologias ativas, aos jogos e às propostas lúdicas. Esses estudos possibilitaram relacionar os conhecimentos apresentados em sala com situações que podem fazer parte do cotidiano escolar.

Este relato tem como objetivo apresentar algumas das experiências vivenciadas durante minha formação em Pedagogia, destacando os aprendizados que mais contribuíram para minha compreensão sobre a prática docente e sobre a importância de uma educação voltada ao desenvolvimento integral dos estudantes.

Desenvolvimento

Durante o curso de Pedagogia, participei de diferentes atividades que favoreceram uma aprendizagem mais ativa, como pesquisas, trabalhos individuais e em grupo, apresentações, discussões em sala, dinâmicas e práticas pedagógicas. Cada uma dessas experiências contribuiu de maneira diferente para minha formação e possibilitou que eu desenvolvesse conhecimentos e habilidades importantes para minha futura atuação profissional.

Entre os conteúdos estudados, a teoria de Lev Vygotsky foi especialmente significativa para compreender a importância das relações

sociais no desenvolvimento e na aprendizagem. O estudo do conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) permitiu perceber que o estudante pode avançar em seu processo de aprendizagem com o apoio de outras pessoas, especialmente do professor. Essa perspectiva me ajudou a compreender a importância da mediação docente e das interações estabelecidas no ambiente escolar.

Os estudos relacionados à teoria de Sigmund Freud também contribuíram para ampliar minha visão sobre o desenvolvimento infantil. A partir deles, pude refletir sobre a influência dos aspectos emocionais e das experiências vivenciadas pela criança. Essa abordagem mostrou que a escola não é um espaço voltado apenas para a transmissão de conteúdos, mas também um ambiente no qual os estudantes estabelecem relações, expressam sentimentos e vivenciam situações que podem influenciar seu desenvolvimento.

Outro conteúdo que despertou meu interesse foi o estudo de Henri Wallon, principalmente por sua compreensão do desenvolvimento humano como resultado da integração entre afetividade, movimento e inteligência. Essa teoria possibilitou refletir sobre a importância de considerar a criança em sua totalidade, reconhecendo que os aspectos emocionais, motores e cognitivos estão relacionados. A partir desse estudo, passei a perceber com mais clareza como a afetividade pode influenciar a aprendizagem e as relações estabelecidas em sala de aula.

Também foram desenvolvidas atividades relacionadas às metodologias ativas de aprendizagem, como gamificação, sala de aula invertida, aprendizagem por projetos e cultura maker. Esses conteúdos contribuíram para que eu compreendesse a importância de colocar o estudante em uma posição mais participativa no processo educativo. Além de favorecerem a autonomia, essas metodologias podem estimular a criatividade, a colaboração e a capacidade de buscar soluções para diferentes situações.

As atividades envolvendo jogos e propostas lúdicas também foram importantes durante minha formação. Por meio delas, pude compreender

que o jogo não deve ser visto apenas como uma forma de entretenimento, mas também como um recurso pedagógico capaz de favorecer o desenvolvimento de diferentes habilidades e tornar a aprendizagem mais significativa.

Entre as experiências realizadas, destacou-se uma atividade relacionada ao sentido do olfato, na qual os participantes deveriam identificar diferentes elementos por meio de seus aromas. Embora fosse uma proposta simples, a atividade possibilitou perceber como os sentidos podem ser utilizados no processo educativo. Além de estimular a percepção e a atenção, a dinâmica também envolveu a memória, a curiosidade e a interação entre os participantes. Essa experiência me fez refletir sobre a importância de utilizar estratégias diversificadas, principalmente quando se busca tornar as aulas mais dinâmicas e envolventes.

Os trabalhos em grupo também tiveram uma contribuição significativa para minha formação. A realização de pesquisas, a divisão de tarefas, a elaboração dos materiais e as apresentações exigiram organização, responsabilidade e colaboração. Em alguns momentos, foi necessário lidar com diferentes opiniões e formas de trabalhar, o que também representou uma oportunidade de aprendizagem. Essas situações contribuíram para desenvolver minha comunicação, minha criatividade e minha capacidade de trabalhar em equipe. Durante esse processo, enfrentei alguns desafios relacionados à organização das atividades, à realização de trabalhos coletivos e à apresentação dos conteúdos. No início, algumas situações geravam insegurança, principalmente quando era necessário falar diante da turma. Entretanto, com a participação nas atividades, fui desenvolvendo mais confiança para expressar minhas ideias e compartilhar os conhecimentos construídos.

As experiências vivenciadas também contribuíram para que eu compreendesse que a atuação do pedagogo vai além da simples transmissão de conteúdos. O professor precisa planejar suas ações, conhecer as características dos estudantes, observar suas necessidades e buscar diferentes estratégias para favorecer a aprendizagem. Essa compreensão foi

importante para que eu percebesse a responsabilidade envolvida na prática pedagógica.

Reflexão sobre a experiência

A participação nas atividades realizadas durante o curso possibilitou uma compreensão mais ampla sobre a educação e sobre o papel do profissional da Pedagogia. Os conteúdos teóricos estudados tornaram-se mais claros quando foram relacionados às práticas, às discussões e às experiências desenvolvidas em sala de aula.

Ao longo desse processo, compreendi que não existe uma única maneira de ensinar ou de aprender. Cada estudante possui características, necessidades, experiências e formas próprias de compreender os conteúdos. Por esse motivo, o professor precisa estar disposto a utilizar diferentes estratégias e a adaptar sua prática sempre que necessário.

O estudo das teorias de Vygotsky, Freud e Wallon, associado às metodologias ativas e às atividades lúdicas, ampliou minha compreensão sobre o desenvolvimento infantil e sobre as possibilidades de atuação docente. Esses conhecimentos contribuíram para que eu percebesse a importância de considerar não apenas os aspectos cognitivos, mas também as dimensões sociais, emocionais, afetivas e motoras dos estudantes.

A experiência acadêmica também me permitiu reconhecer a importância do planejamento, da criatividade, da comunicação e da afetividade na prática pedagógica. Esses elementos serão fundamentais para minha futura atuação profissional, pois acredito que o professor precisa estar preparado para ensinar, mas também para ouvir, observar, acolher e compreender os estudantes.

Além disso, as atividades realizadas contribuíram para que eu refletisse sobre minha própria formação. Percebi que ainda existem muitos conhecimentos a serem construídos, mas também reconheci avanços importantes em relação à minha participação, à minha autonomia e à minha segurança para desenvolver atividades e apresentar ideias.

Conclusão

As experiências vivenciadas durante o curso de Pedagogia foram fundamentais para minha formação acadêmica e profissional. A participação em atividades teóricas e práticas, trabalhos em grupo, apresentações, jogos e dinâmicas possibilitou ampliar meus conhecimentos e desenvolver habilidades importantes para minha futura atuação na área da educação.

Os estudos sobre Vygotsky, Freud e Wallon contribuíram para que eu compreendesse diferentes aspectos relacionados ao desenvolvimento e à aprendizagem. Da mesma forma, o contato com as metodologias ativas e com os jogos pedagógicos possibilitou conhecer novas formas de tornar o processo educativo mais participativo, dinâmico e significativo.

Ao refletir sobre esse percurso, compreendo que a formação em Pedagogia não acontece apenas por meio da leitura e do estudo dos conteúdos, mas também pelas experiências práticas, pelas discussões, pelos desafios e pelas relações estabelecidas ao longo da graduação. Cada atividade contribuiu, de alguma maneira, para a construção da profissional que pretendo me tornar.

Dessa forma, considero que as vivências realizadas fortaleceram minha preparação para a futura prática profissional e ampliaram minha compreensão sobre a importância de uma educação que valorize o desenvolvimento integral, a participação, a afetividade e as singularidades de cada estudante.

Referências

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Por trás da desatenção



Lyandra Vitória Pereira de Sousa; Khetelyn Fernanda dos Anjos de Freitas

Muitas das vezes, comportamentos como não prestar atenção, não realizar uma atividade ou até mesmo se recusar a participar podem estar relacionados a diferentes fatores que precisam ser observados com mais atenção.

Dessa forma, torna-se possível compreender melhor o comportamento apresentado e buscar maneiras de auxiliar a criança durante o seu processo de aprendizagem.

Não prestar atenção significa não querer aprender?

Quando o termo dificuldades de aprendizagem é citado, não estamos falando de um transtorno em específico, mas sim de quaisquer dificuldades que possam afetar o desempenho acadêmico ou as funções do cotidiano. As dificuldades de aprendizagem podem ser divididas em alguns tipos, mas para que isso seja analisado é necessário um olhar atento, de maneira que a criança seja vista como um indivíduo pensante e possuidor de opiniões e gostos.

Muitas das vezes, algumas dificuldades de aprendizagem são tão sutis que identificá-las torna-se difícil, portanto, quando passam a afetar outras olhar ainda mais atento. Existem diferentes dificuldades que podem afetar o processo de aprendizagem e cada uma delas pode se manifestar de uma maneira diferente. A dislexia, por exemplo, pode apresentar dificuldades relacionadas à leitura e à escrita, enquanto a discalculia pode afetar a compreensão de números e do raciocínio matemático. Já a disgrafia pode afetar a escrita. Além disso, também existem dificuldades relacionadas à atenção, organização e controle dos impulsos, que podem interferir no desempenho acadêmico.

Infelizmente, quando alguns desses comportamentos são apresentados pelas crianças, são inicialmente compreendidos como falta de cooperação ou simplesmente falta de interesse pelo aprendizado. Muitas vezes, até mesmo os próprios estudantes se frustram com as próprias dificuldades, o que acaba afetando muito a autoconfiança e até mesmo desenvolvendo problemas emocionais em crianças e/ou adolescentes. Para conseguir sustentar uma atividade escolar, a criança precisa utilizar diferentes habilidades ao mesmo tempo. necessário conseguir direcionar e manter a atenção, compreender o que está sendo pedido, organizar os materiais e os passos da atividade, controlar os impulsos e lidar com possíveis frustrações quando algo não acontece como esperado. Por isso, quando uma criança não consegue permanecer em uma atividade, não significa necessariamente que ela não queira realizá-la, pois pode existir alguma dessas habilidades que naquele momento ela ainda não consegue utilizar da mesma maneira.

Nessa perspectiva, Vygotsky (1991) compreende a aprendizagem em sua relação com o desenvolvimento e destaca a importância das interações e das mediações no processo de aprendizagem. Dessa forma, é importante considerar não apenas o comportamento apresentado pela criança, mas também as condições em que esse aprendizado está acontecendo e as formas como esse conhecimento está sendo apresentado.

Para saber se uma criança está apenas com dificuldade de manter a atenção ou se está passando por um momento de desregulação, é necessário observar o comportamento como um todo e também o que aconteceu antes dele. Na falta de atenção, a criança pode se distrair, perder o foco ou não acompanhar uma explicação, mas pode conseguir retomar a atividade quando recebe uma orientação. Já em uma situação de desregulação, pode apresentar maior dificuldade para controlar suas emoções e comportamentos, podendo ficar agitada, irritada, chorar, se afastar da atividade ou não conseguir responder às orientações que normalmente compreenderia.

Uma criança que estava em um ambiente com muitos estímulos, que recebeu uma atividade muito difícil ou que passou por alguma situação que

a deixou sobrecarregada pode não estar simplesmente “desatenta”. Ela pode estar demonstrando que naquele momento não está conseguindo lidar com aquilo que está acontecendo ao seu redor. Por isso, observar o contexto e o que acontece antes e depois do comportamento pode ajudar a compreender melhor o que a criança está tentando comunicar.

Por outro lado, quando existe uma recusa persistente e consciente em participar das atividades, pode se tratar de falta de disposição. Mesmo assim, é necessário observar o que está causando essa recusa e não considerar imediatamente que a criança não queira aprender.

É necessário ter muito cuidado para não interpretar a falta de atenção ou o baixo desempenho acadêmico de uma criança como falta de vontade de aprender. Muitas vezes, aquilo que parece desinteresse pode ser consequência de uma dificuldade que ainda não foi identificada, de uma desregulação ou das próprias condições em que o aprendizado ocorre. Em se tratando dos objetivos de ensino que impulsionam o papel da escola nesta etapa de aprendizagem, Fabri et al. (2022), ao mencionarem as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997), apontam a importância da participação construtiva do educando durante o processo de aprendizagem, bem como o papel de intervenção do educador, cujo objetivo é favorecer o desenvolvimento das capacidades do educando para sua formação. Sendo assim, é evidenciada a aprendizagem autorregulada, na qual o estudante é protagonista do seu processo de aprendizagem, sendo capaz de fortalecer sua capacidade de aprender e de controlar seus processos psicológicos ao longo de seu desenvolvimento escolar (FABRI et al., 2022). A autorregulação pode ser compreendida como um processo no qual o indivíduo ativa, orienta, monitora e se responsabiliza pela sua própria aprendizagem. Nesse processo, são envolvidos aspectos cognitivos, metacognitivos, motivacionais, emocionais e comportamentais, que se desenvolvem ao longo da vida por meio de experiências e das interações estabelecidas com o meio social (Fabri et al., 2022).

Diante do exposto, fica evidenciado que o fato de não prestar atenção não significa, necessariamente, não querer aprender. O

comportamento da criança deve ser analisado como um todo, considerando suas dificuldades, emoções, necessidades e as condições em que ocorre o processo de aprendizagem. Sendo assim, cabe à escola, juntamente com o professor, evitar julgamentos precipitados e buscar compreender o que está por trás de tais comportamentos.

Por sua vez, a aprendizagem não depende exclusivamente da disposição do educando, mas também das oportunidades e condições oferecidas para que ele desenvolva sua atenção, organização, controle emocional e demais habilidades necessárias para participar do processo de aprendizagem. Dessa maneira, compreender a criança para além de seu comportamento aparente permite que a escola ofereça intervenções mais adequadas às suas necessidades, favorecendo tanto o desenvolvimento da autorregulação quanto sua participação e autonomia no processo de aprendizagem.

Referências

FABRI, Nayla Beatriz; OLIVEIRA, Katya Luciane de; INÁCIO, Amanda Lays Monteiro; SCHIAVON, Andreza; BZUNECK, José Aloyseo. Autorregulação, estratégias de aprendizagem e compreensão de leitura no Ensino Fundamental I. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 27, e270068, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782022270068>.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GARDNER, Howard. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

O erro: fracasso ou oportunidade de aprender?



Izabelle Rosa De Jesus; Renata Nunes Neves

Introdução

Errar faz parte da experiência humana e, consequentemente, também está presente no processo educativo. No contexto escolar, entretanto, o erro nem sempre é compreendido como uma etapa natural da aprendizagem. Ainda nos dias atuais, é frequentemente associado ao fracasso, à falta de capacidade e ao baixo desempenho do estudante, sendo muitas vezes utilizado como elemento de classificação e julgamento. Essa compreensão pode fazer com que o aluno desenvolva insegurança e medo de errar, deixando de participar ativamente das atividades escolares.

A maneira como o erro é interpretado pode influenciar diretamente o processo de ensino e aprendizagem. Quando o estudante é constantemente julgado por seus erros, pode desenvolver uma percepção negativa sobre sua própria capacidade.

A avaliação não deve limitar-se à atribuição de notas, mas possibilitar ao professor identificar dificuldades e compreender o processo percorrido pelo estudante. Da mesma forma, o feedback pode orientar o aluno sobre aquilo que precisa ser revisto, permitindo novas tentativas e favorecendo sua aprendizagem.

Diante disso, este artigo tem como objetivo discutir o papel do erro no processo educacional, considerando sua relação com a avaliação, o feedback, a construção do conhecimento e a autoestima. Para tanto, busca-se refletir sobre três questões centrais: Como o aluno interpreta seus próprios erros? O erro pode ser utilizado como instrumento pedagógico? O medo de errar pode interferir na aprendizagem?

O erro no processo de aprendizagem

A forma como o erro é compreendido está relacionada à concepção de aprendizagem adotada pela escola. Quando aprender é visto apenas como reprodução de conteúdos, o erro tende a ser considerado uma falha que precisa ser corrigida. Entretanto, quando a aprendizagem é entendida como um processo de construção, o erro pode fornecer informações importantes sobre os conhecimentos que o estudante já possui e aqueles que ainda precisa desenvolver. O erro pode revelar dificuldades, hipóteses ou estratégias utilizadas pelo estudante. Essas informações podem auxiliar o professor a planejar novas intervenções e escolher estratégias mais adequadas às necessidades da turma.

A interpretação do aluno sobre o próprio erro

A maneira como o estudante interpreta seus erros é influenciada pelas experiências vivenciadas no ambiente escolar. Quando o erro é acompanhado de punição, exposição ou ridicularização, pode ser associado à incapacidade e ao fracasso. Como consequência, o aluno pode evitar situações em que exista a possibilidade de errar.

Por outro lado, quando o professor demonstra que errar faz parte do processo de aprendizagem e oferece oportunidades para corrigir, refletir e tentar novamente, o estudante pode desenvolver uma relação mais positiva com suas dificuldades. Franco (2009) destaca a importância das experiências sociais na construção da percepção que o sujeito possui de si, mostrando que o ambiente escolar também pode influenciar a autoestima do estudante, a postura do professor é fundamental.

O erro como instrumento pedagógico

O erro pode ser utilizado como instrumento pedagógico quando o professor procura compreender sua origem e utiliza essa informação para orientar novas ações. Nessa perspectiva, corrigir não significa apenas indicar

que determinada resposta está errada, mas possibilitar ao aluno compreender o motivo do erro e encontrar caminhos para superá-lo.

A avaliação possui papel importante nesse processo. Para Luckesi (2005), a avaliação deve possibilitar o diagnóstico da situação de aprendizagem e contribuir para a tomada de decisões. O resultado obtido pelo estudante não deve representar apenas uma classificação, mas servir como informação para que o professor possa repensar sua prática.

Ao identificar uma dificuldade, o professor pode retomar determinado conteúdo, modificar sua estratégia, utilizar outros recursos ou propor novas atividades. O estudante, por sua vez, pode rever seu raciocínio e realizar novas tentativas. O professor passa a exercer uma função mediadora, acompanhando o processo de aprendizagem e criando condições para que o estudante desenvolva autonomia.

Avaliação e feedback

A avaliação e o feedback estão diretamente relacionados à forma como o erro é trabalhado. Uma avaliação centrada apenas na nota pode fazer com que o estudante se preocupe mais com o resultado do que com aquilo que realmente aprendeu. Em uma perspectiva formativa, entretanto, a avaliação acompanha o processo e fornece informações para orientar novas aprendizagens. O estudante compreende que uma resposta incorreta não significa que ele seja incapaz de aprender, mas que existe algo que pode ser revisto e aprimorado.

O erro e a construção do conhecimento

A construção do conhecimento ocorre por meio de experiências, questionamentos, hipóteses, tentativas e reorganizações. Dessa forma, a aprendizagem não acontece de maneira completamente linear. O estudante pode apresentar uma resposta incorreta e, a partir da reflexão sobre ela, desenvolver uma compreensão mais elaborada.

O erro, portanto, pode indicar que determinado conhecimento ainda está em processo de construção. Nesse processo, o aluno também desenvolve maior autonomia.

O medo de errar e a aprendizagem

O medo de errar pode interferir na aprendizagem quando o estudante acredita que será julgado ou ridicularizado por apresentar uma resposta incorreta. Esse comportamento pode prejudicar a aprendizagem, pois o aluno passa a evitar justamente as situações que poderiam contribuir para seu desenvolvimento. Além disso, experiências negativas repetidas podem afetar sua confiança e autoestima, levando-o a acreditar que não possui capacidade para aprender. O professor pode valorizar as tentativas, incentivar perguntas e possibilitar novas oportunidades para que o aluno desenvolva suas habilidades.

A construção de um ambiente acolhedor contribui para que o estudante se sinta mais seguro para participar. Quando compreende que o erro não será utilizado para diminuí-lo, mas para ajudá-lo a aprender, tende a enfrentar os desafios com maior confiança.

Considerações finais

A discussão apresentada permite compreender que o erro não precisa ser visto exclusivamente como fracasso. Embora faça parte das dificuldades encontradas pelos estudantes, ele também pode fornecer informações importantes para o processo de ensino e aprendizagem.

A maneira como o professor reage ao erro influencia a forma como o aluno passa a compreendê-lo. Quando tratado como motivo de punição ou julgamento, pode gerar medo, insegurança e desmotivação.

O erro pode ser compreendido como uma oportunidade de aprendizagem. Transformá-lo em instrumento pedagógico exige uma postura docente que valorize o processo, incentive novas tentativas e preserve a autoestima do estudante. Dessa maneira, a escola pode contribuir para que

o aluno compreenda que aprender também significa experimentar, questionar, errar, refletir e tentar novamente.

Referências

FRANCO, Adriana de Fátima. O mito da autoestima na aprendizagem escolar. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 13, n. 2, p. 325-332, 2009.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação mediadora: uma prática na construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 1993.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 2005.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico. São Paulo: Cortez, 2011.

Minha história



Ana Maria Fritzen

Minha trajetória na Pedagogia começou logo após a conclusão do Ensino Médio, quando chegou o momento de escolher uma profissão. Naquele período, eu estava dividida entre Direito e Pedagogia. Não foi uma escolha feita a partir de um grande planejamento, mas pensando naquilo de que eu gostava e com que me identificava. Por gostar de crianças e ter interesse pela área da educação, a Pedagogia acabou fazendo mais sentido para mim. Na época, não imaginava o quanto essa escolha seria importante para minha vida e para minha formação.

No início da graduação, eu ainda não tinha muita clareza sobre tudo o que significava ser pedagoga. Entrei na faculdade sem conhecer ninguém e, aos poucos, fui construindo amizades que se tornaram muito importantes. Entre elas, destaco a amizade com Millena, com quem compartilhei grande parte dessa trajetória. Dividimos dúvidas, dificuldades, medos, conquistas e muitas aprendizagens. Com o tempo, percebi que a faculdade não é formada apenas pelos conteúdos estudados, mas também pelas relações e pelas pessoas que caminham conosco.

Meu primeiro contato mais próximo com a escola aconteceu por meio do estágio da graduação. Naquele momento, eu trabalhava em outra área e ainda não possuía experiência profissional diretamente relacionada à educação. O estágio aconteceu em uma escola particular, com uma turma do segundo ano do Ensino Fundamental. Foi uma experiência muito significativa, pois pude estabelecer um contato próximo com as crianças e compreender melhor a realidade escolar. Posteriormente, essa experiência também contribuiu para que eu passasse a trabalhar naquela instituição. Quando descobri que teria estágio já no terceiro período, confesso que fiquei bastante insegura. Ainda estávamos construindo muitos conhecimentos e, de repente, precisaríamos vivenciar na prática aquilo que estudávamos nos livros

e nas aulas. Hoje, percebo que essa aproximação com a realidade escolar foi essencial para minha formação, pois me mostrou que a teoria é importante, mas que a prática também nos ensina muito.

Nesse processo, tive a oportunidade de contar com a professora Alessandra, que teve um papel muito importante na minha trajetória. Sua maneira de ensinar e incentivar fez com que eu acreditasse mais nas minhas capacidades e enfrentasse os momentos de insegurança com mais confiança. Mais do que uma professora, tornou-se alguém que marcou minha formação e que guardo com muito carinho. Depois dessa primeira experiência, vieram outros estágios, cada um com suas particularidades. Essas vivências me permitiram conhecer diferentes realidades e compreender que não existe uma única maneira de ser profissional da educação. Entre elas, o estágio de gestão escolar foi especialmente importante, pois me possibilitou observar a escola por uma perspectiva diferente daquela que temos quando estamos apenas em sala de aula.

Durante esse estágio, percebi que o trabalho da equipe gestora envolve muito mais do que aquilo que aparece para quem observa de fora. A gestão precisa lidar diariamente com documentos, organização, atendimento às famílias, acompanhamento dos professores, necessidades das crianças e diversas outras demandas. Essa experiência mudou meu olhar e me ensinou que, muitas vezes, julgamos aquilo que não conhecemos. Passei a compreender melhor a complexidade do trabalho realizado pela equipe gestora e a importância de cada profissional para o funcionamento da escola.

Depois dos estágios, comecei a trabalhar como estagiária pela Prefeitura, experiência que ampliou ainda mais meus conhecimentos. Muitas situações que encontrei na prática eram diferentes daquilo que eu imaginava a partir das aulas e dos livros. Foi nesse período que compreendi ainda mais a importância de relacionar teoria e prática, pois cada criança e cada situação exigem sensibilidade, reflexão e diferentes formas de agir.

Também enfrentei alguns desafios importantes nesse período. Acompanhar uma criança com necessidades específicas despertou dúvidas

e inseguranças, principalmente por eu ainda estar em formação. Aos poucos, porém, fui aprendendo a observar, escutar e buscar compreender melhor aquela realidade. Essa experiência me ensinou que, diante de uma situação difícil, nem sempre precisamos encontrar imediatamente uma resposta pronta. Muitas vezes, precisamos primeiro compreender o que está acontecendo e pensar no que podemos fazer de maneira diferente. Ao longo da graduação, também tive a oportunidade de participar da iniciação científica. Em 2025, desenvolvi, juntamente com minha professora orientadora Alessandra, uma pesquisa sobre a história dos profissionais da Educação Infantil, com atenção especial a períodos anteriores. Essa experiência foi muito importante, pois representou meu primeiro contato mais aprofundado com a pesquisa, a escrita acadêmica e a produção de um artigo. No início, escrever um trabalho científico parecia muito difícil, mas, com orientação e dedicação, fui aprendendo a pesquisar, organizar ideias e construir um texto acadêmico. Hoje, percebo que essa experiência contribui diretamente para a realização do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Agora, no oitavo período de Pedagogia e próxima da conclusão, começo a perceber que essa etapa está chegando ao fim. Ao mesmo tempo em que sinto alegria por concluir o curso, também começo a sentir falta das coisas simples que fizeram parte desses anos: as conversas, as amizades, as aulas, as risadas, as dificuldades e as conquistas compartilhadas. Nem sempre foi fácil conciliar estudos, trabalho e responsabilidades, mas aprendi que persistir também faz parte da formação. Atualmente, trabalho como profissional de apoio em uma escola do campo onde anteriormente fui estagiária pela Prefeitura. Essa experiência me permite continuar aprendendo diariamente e observar o mesmo espaço a partir de uma nova perspectiva. Antes, eu estava ali como estagiária; hoje, estou como profissional, com outras responsabilidades e um olhar diferente sobre o cotidiano escolar.

Ainda não tenho certeza sobre qual caminho profissional seguirei depois da graduação, e acredito que tudo bem não ter essa resposta neste momento. Tenho alguns desejos e possibilidades, entre eles a vontade de continuar estudando e, futuramente, talvez realizar um mestrado. Sei que será

um desafio e exigirá dedicação, mas gosto de estudar e, quando decido fazer algo, procuro dar o meu melhor. Quando penso em toda essa trajetória, percebo que a Pedagogia me ensinou muito mais do que conteúdos e teorias. Ela me ensinou a olhar para as pessoas com mais atenção, compreender que cada criança possui sua própria história, respeitar diferentes formas de aprender e perceber que o trabalho na educação é muito mais complexo do que parece.

Também aprendi que teoria e prática precisam caminhar juntas. A faculdade me proporcionou conhecimentos fundamentais, enquanto os estágios e as experiências profissionais me permitiram perceber como esses conhecimentos se concretizam na realidade. Algumas situações que pareciam simples nos livros mostraram, na prática, que é necessário ter sensibilidade, reflexão, paciência e disposição para aprender. Hoje, quando comparo a Ana que entrou na faculdade com a Ana que está chegando ao final dela, percebo o quanto mudei. Entrei sem conhecer ninguém, sem ter certeza absoluta de que a Pedagogia seria realmente meu caminho e sem imaginar quantas experiências viveria. Agora, saio dessa etapa levando amizades, professores, experiências e aprendizagens que contribuíram para a profissional que estou me tornando.

Se no início escolhi a Pedagogia porque precisava escolher uma profissão e porque gostava de crianças, hoje permaneço nela porque compreendo sua importância. Aprendi que educar exige responsabilidade, sensibilidade, paciência, escuta e vontade de fazer a diferença.

Minha história na Pedagogia ainda não terminou. Pelo contrário, sinto que estou apenas encerrando o primeiro capítulo de uma trajetória que ainda poderá seguir por muitos caminhos. Talvez venha uma nova especialização, talvez o mestrado ou talvez outras oportunidades que ainda não consigo imaginar. O que permanece é a vontade de continuar aprendendo e de fazer bem aquilo que escolhi.

Talvez esse seja o maior aprendizado que levo da Pedagogia: não precisamos estar prontos para começar, mas precisamos estar dispostos a aprender durante todo o caminho. Cada estágio, cada criança, cada

professor, cada colega, cada dificuldade e cada conquista deixaram uma marca na profissional que estou me tornando. No final, percebo que não fui apenas eu que escolhi a Pedagogia; de certa forma, a Pedagogia também me escolheu e me transformou.

As experiências que transformam



Loriene Ribeiro Kukla

Quando estava sóbrio, meu pai era uma boa pessoa, mas, quando bebia, se transformava. Presenciei agressões físicas e psicológicas contra minha mãe e situações em que ele tentou me machucar. Lembro, por exemplo, de quando derrubei meu ursinho e quase apanhei com um arame, sendo protegida pela minha mãe. Esses episódios se repetiam e, mesmo sem querer, minha mãe também descontava em mim o peso do cansaço e da sobrecarga.

Ainda no 2º ano do ensino fundamental I, passei a estudar à tarde para, pela manhã, ajudar minha mãe e cuidar da minha avó. Eu me sentia muito sozinha. Minha avó era minha companhia, até falecer quando eu tinha 9 anos, deixando um grande vazio. Desde cedo aprendi a cuidar da casa, cozinhar, lavar e passar, porque queria ajudar. As brigas e os gritos, porém, continuavam presentes, e eu chorava com frequência.

Depois da morte da minha avó, meu pai finalmente parou de beber e, aos poucos, melhorou. Minha mãe decidiu permanecer com ele, acreditando que seria melhor para mim, e muitas situações acabaram sendo mascaradas dentro de casa.

Na escola, também enfrentei dificuldades. Desde cedo sofria com crises de ansiedade, principalmente durante as provas. Eu me cobrava muito porque sabia que meus pais depositavam em mim o sonho de estudar e ter um futuro melhor. Minhas madrinhas também cobravam notas altas.

Essa pressão fazia com que eu me esforçasse ao máximo, mas cada prova se tornava uma batalha. No 4º ano, tive um branco durante uma avaliação e entrei em pânico, chegando a tentar copiar outra prova. A professora me acalmou e permitiu que eu terminasse depois. Nunca reprovei, mas enfrentei durante muito tempo uma cobrança que me fazia acreditar que precisava estar sempre acima das expectativas.

Aprender a ler também foi um desafio. Minha mãe me ensinava com o pouco que sabia, e eu errava bastante. Em momentos de irritação, ela chegou a bater o caderno na minha cabeça. Ainda assim, aprendi e sempre fui uma aluna esforçada. Como filha única, muitas vezes guardava minhas dores para mim.

O ensino médio foi mais tranquilo e, na faculdade, minha relação com essas experiências começou a mudar. Hoje consigo lidar melhor com a ansiedade. Não culpo meus pais, pois compreendo que também carregavam suas próprias feridas. Meu pai sofreu na infância e minha mãe cresceu convivendo com um pai alcoólatra e agressivo. Como afirma Bronfenbrenner (1996, p. 27), “A família é o primeiro espelho social da criança, um reflexo que pode tanto fortalecer quanto fragilizar o seu desenvolvimento”.

Hoje meus pais são diferentes. Meu pai parou de beber e procura ajudar, enquanto minha mãe continua sendo uma importante fonte de apoio, inclusive contribuindo para que eu possa continuar pagando a faculdade. Eles reconhecem os erros do passado e tornaram-se pais melhores. Eu os amo e os perdoei, mesmo reconhecendo que fui obrigada a amadurecer muito cedo.

Apesar de tudo, não posso dizer que não fui uma criança feliz. Nunca me faltaram brinquedos, roupas, calçados ou presentes. Tive momentos especiais com minha família, como as cartinhas de Dia dos Pais e Dia das Mães, a bicicleta que ganhei no Natal, os passeios e o carinho de pessoas importantes. O que me faltava não era o material, mas o apoio emocional e a estabilidade dentro de casa. Hoje compreendo que essa ausência teve grande influência na minha escolha profissional.

Quando entrei na faculdade, acreditava que havia escolhido Pedagogia porque gostava de crianças ou porque havia muitas professoras na minha família. Com o tempo, percebi que o motivo era mais profundo. Quero cuidar das crianças, protegê-las e estar atenta aos sinais que, durante minha infância, muitas vezes passaram despercebidos. Quero oferecer o apoio que tantas vezes me faltou. Como afirma Paulo Freire (1996, p. 69), “Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante”. Para mim,

educar é mais do que ensinar conteúdos: é cuidar, apoiar, escutar e perceber.

Minha primeira experiência de estágio confirmou esse propósito. Auxiliei um aluno chamado Afonso, que tinha autismo e apresentava comportamentos que exigiam atenção e acompanhamento. Ele falava sobre morte, dizia que queria se machucar, batia em si mesmo e, muitas vezes, se isolava. Algumas pessoas o enxergavam principalmente como uma criança difícil, que precisava apenas de limites. Para mim, essa situação também foi desafiadora, especialmente porque os gritos no ambiente escolar despertavam lembranças difíceis da minha infância.

Com o tempo, percebi que Afonso não precisava apenas de disciplina, mas também de acolhimento. Passei a lidar com ele com paciência, calma e voz baixa, demonstrando apoio. Aos poucos, ele criou confiança em mim e apresentou mudanças significativas. Começou a realizar atividades que antes recusava, participar das brincadeiras e interagir mais com os colegas. No final do ano, descobri que ele se importava muito comigo, mesmo tendo dificuldade para demonstrar seus sentimentos. Sua mãe chegou a me presentear e afirmou que nunca havia visto o filho tão acolhido. Quando o estágio terminou, Afonso ficou triste e chorou ao pensar que não me veria novamente.

No início do estágio, também acompanhei outras crianças e, posteriormente, permaneci com Afonso e Alex, que também era autista. Alex era mais tranquilo, realizava as atividades normalmente e encontrava no desenho uma forma de autorregulação. Essa experiência marcou profundamente minha trajetória na Pedagogia. Compreendi que muitas vezes uma criança não precisa de gritos ou imposições, mas de alguém disposto a escutá-la e compreender suas necessidades. Como afirma Vygotsky (1991, p. 57), "é na relação com o outro que o indivíduo se constitui". Wallon (2007, p. 34) também destaca que "a afetividade é parte indissociável do desenvolvimento humano", mostrando que educar exige compreender o sujeito em sua totalidade.

Hoje posso dizer que estou bem. Aprendi a lidar com meu passado, compreendo meus pais e reconheço o quanto essas experiências contribuíram para a pessoa que me tornei. Também amo a Pedagogia, porque cada criança que passa pela minha trajetória me ensina algo novo. Vejo nelas a oportunidade de oferecer aquilo que muitas vezes me faltou: apoio emocional, escuta e cuidado. Como defende Ariès (1981, p. 126), “a infância é uma construção social que precisa ser reconhecida em sua singularidade”. Quero ser uma profissional capaz de reconhecer e respeitar essa singularidade em cada aluno.

Ainda carrego algumas marcas da infância, entre elas o medo de ambientes fechados. Essa dificuldade surgiu após um episódio traumático envolvendo um carro. Durante uma viagem, o veículo começou a soltar fumaça, os vidros não abriram e acabei inalando aquela fumaça, ficando sem ar e quase perdendo a vida. Meu pai conseguiu me salvar, mas a experiência deixou um medo que ainda hoje se manifesta em lugares fechados.

Como aponta Freud (1920, p. 29), “as experiências traumáticas na infância podem reaparecer na vida adulta em forma de sintomas, ansiedades ou fobias”. Embora essa experiência tenha deixado marcas, também aprendi a enfrentá-las. As viagens para a faculdade, por exemplo, nem sempre são fáceis, mas continuo porque tenho um propósito. É pelas crianças que encontro força para seguir.

Winnicott (1975, p. 103) afirma que “o ambiente suficientemente bom é aquele que sustenta a criança em sua fragilidade e ajuda a enfrentar suas ansiedades primitivas”. Talvez por ter sentido a ausência desse ambiente estável na infância, busco hoje oferecer aos meus alunos acolhimento, escuta, paciência e cuidado. Minha própria experiência me ensinou que determinados comportamentos podem carregar histórias que nem sempre conseguimos enxergar.

Durante a infância, também aprendi a permanecer constantemente atenta para evitar conflitos dentro de casa. Talvez por isso eu me sensibilize tanto quando crianças se aproximam para compartilhar suas dores. Em uma

das minhas experiências na escola, uma aluna me procurou para contar que o pai batia nela. Ao ouvi-la, reconheci em seus olhos uma angústia que me era familiar. Essa situação fortaleceu ainda mais minha compreensão sobre a importância do professor como alguém que pode ser um ponto de apoio e acolhimento.

Uma das lembranças mais especiais da infância é a companhia do meu cachorro, Toby, que esteve ao meu lado quando eu me sentia sozinha. Mesmo após sua morte, guardo seu carinho como uma lembrança de afeto e companheirismo. Essas memórias mostram que, mesmo em meio às dificuldades, também existiram momentos de alegria. Todas essas experiências moldaram quem sou hoje. Aprendi a reconhecer minhas emoções, controlar melhor minha ansiedade e refletir antes de agir. Como afirma Goleman (1995, p. 43), "inteligência emocional é a capacidade de reconhecer nossos próprios sentimentos e os dos outros, de motivar-nos e de gerir bem as emoções dentro de nós e nos nossos relacionamentos".

Sei que ainda estou em processo de amadurecimento, mas acredito que estou construindo meu caminho de forma consciente. Cada passo na Pedagogia representa também um passo no meu crescimento pessoal. Não posso mudar o passado, mas posso transformar meu presente e meu futuro, fazendo da minha história uma ponte de acolhimento, cuidado e amor pelas crianças.

Atualmente, atuo auxiliando uma aluna com necessidade especial do 3º ano do Ensino Fundamental I e um aluno com necessidade especial do 6º ano do Ensino Fundamental II. Essas experiências têm ampliado minha compreensão sobre as diferentes necessidades presentes no ambiente escolar e reforçado a importância de adaptar o olhar e as estratégias de acordo com cada aluno. Cada vivência tem contribuído para minha formação e reafirmado minha escolha pela educação.

Assim, cada experiência vivida, tanto as dores quanto as alegrias, me trouxe até aqui. Ser pedagoga é mais do que exercer uma profissão: é assumir uma missão de cuidado, escuta e transformação. Quero ser a professora que vê além da dificuldade e enxerga o ser humano por trás de cada

comportamento. Sei, por experiência própria, que muitas vezes o que falta não é o material, mas o afeto, a escuta e a presença verdadeira. Meu desejo vai além da conclusão da Pedagogia. No futuro, quero também cursar Psicologia, para aprofundar meus conhecimentos sobre a mente humana e unir as duas áreas, ampliando minhas possibilidades de ajudar, acolher e transformar. Quero continuar estudando e buscando conhecimentos que me tornem uma profissional e uma pessoa melhor. Tenho a alegria de contar com pessoas que me apoiam nessa caminhada, entre elas minha família, minhas amigas e meu namorado.

Como disse Paulo Freire (1996, p. 25), "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção". Essa é a certeza que levo comigo: cada passo no caminho do conhecimento pode gerar transformação.

Referências

- ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BRONFENBRENNER, Urie. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. Rio de Janeiro: Imago, 1920.
- GOLEMAN, Daniel. Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- VYGOTSKY, Lev Semionovich. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- WINNICOTT, Donald Woods. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

O percurso para brilhar: memórias acadêmicas



Luiza Mendes de Campos

Ao entrarmos na universidade somos invadidos por muitos sentimentos conflituosos, muitas dúvidas e medos. Comigo foi assim, cheguei acanhada - sempre muito tímida mesmo indo para um curso que requer brilhar - recém formada no ensino médio, muito nova, mas com o coração alegre por pertencer a um novo lugar.

E de forma muito nostálgica relembro a sensação de ser caloura de Pedagogia em 2022. Me vejo no auditório da Unifacear, com o coração acelerado. Na época não imaginava que nesse curso iria me encontrar e me sentir tão realizada. Mas a Pedagogia me acolheu como filha e me ensinou, preparou e cuidou para que eu pudesse crescer profissionalmente de forma ética e responsável, criando consciência de que nossos atos impactam e mudam vidas.

Nesses quatro anos de curso eu fui impactada por professores ótimos, que guardo com muito carinho. Esses professores, assim como Paulo Freire, sempre me mostraram que "saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção" (Freire, 2019, p. 47). E ao interiorizar esse pensamento, o meu desejo é ser uma mediadora para que meus alunos possam ser autônomos na construção dos seus saberes.

Ser professora não foi algo que almejei desde sempre, mas a ideia nasceu ao final do ensino médio, quando lidei de perto com o universo infantil e entendi que nessa profissão eu poderia fazer diferença na vida de tantas crianças.

Foi no período de estágio obrigatório - principalmente no de Educação Infantil - que confirmei tudo que já sentia. Foi no berçário, rodeada de bebês, que me senti completamente realizada, parecia que todos aqueles espaços estavam me esperando. Tive o repertório acadêmico necessário para realizar

o estágio com um olhar muito atento para o cuidar e educar que se materializam de forma indissociável. Um local onde, com muita orientação, pude compreender como relacionar teoria e prática.

Ressalto que Pedagogia é um curso que requer brilhar e me formei iluminada. Essa confiança só foi possível com todo o apoio que tive durante a graduação. Expresso aqui meu agradecimento ao corpo docente que compôs meu percurso acadêmico, agradeço ao coordenador Thiago pela dedicação em propiciar um ambiente fértil para os futuros professores-pedagogos.

Referências

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

Os diferentes tempos de aprendizagem no contexto escolar



Damaris Peres e Esther Batista Sornas

Introdução

No contexto escolar, os estudantes podem apresentar diferentes ritmos de aprendizagem. Embora a escola estabeleça objetivos para cada etapa, nem todos desenvolvem os conhecimentos esperados no mesmo momento ou da mesma maneira. Alguns necessitam de mais tempo, explicações, exemplos ou diferentes formas de mediação.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, essas diferenças podem ser observadas em processos como alfabetização, leitura, escrita e Matemática. Diante disso, surge a questão: existe um tempo certo para aprender? Para refletir sobre essa questão, é necessário compreender como ocorre a aprendizagem e qual é o papel do professor diante dos diferentes ritmos.

Desenvolvimento

A aprendizagem está relacionada às experiências e aos conhecimentos que o estudante já possui. Por isso, dois estudantes diante da mesma proposta podem apresentar respostas diferentes. Essas diferenças não significam maior ou menor capacidade, mas fazem parte dos diferentes processos de construção do conhecimento.

Piaget (2015) compreende o estudante como sujeito ativo na construção do conhecimento. Para o autor, aprender não significa apenas receber informações do professor, mas construir conhecimentos por meio da interação com o ambiente e das experiências vivenciadas.

Dessa forma, o professor precisa considerar aquilo que o estudante já sabe e propor situações que favoreçam novas aprendizagens. Cada estudante pode construir seus conhecimentos de maneira diferente, sendo

importante observar seu processo e não apenas comparar seus resultados com os dos colegas.

Vygotsky (2007), por sua vez, destaca a importância das relações sociais e da mediação no desenvolvimento e na aprendizagem. O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal demonstra que existem atividades que o estudante ainda não consegue realizar sozinho, mas que pode realizar com a ajuda e orientação de outra pessoa.

Nesse sentido, uma dificuldade apresentada em determinado momento não deve ser entendida como incapacidade permanente. A mediação do professor pode possibilitar novos avanços. Cabe a ele observar o que o estudante já consegue fazer e identificar quais intervenções podem ajudá-lo a desenvolver novas aprendizagens.

As contribuições de Piaget e Vygotsky mostram que os estudantes não precisam necessariamente aprender da mesma forma ou no mesmo momento. Entretanto, respeitar essas diferenças não significa deixar de estabelecer objetivos de aprendizagem. A BNCC apresenta aprendizagens essenciais que devem ser desenvolvidas ao longo da Educação Básica (Brasil, 2018).

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, as diferenças podem aparecer na alfabetização, na leitura, na escrita e na Matemática. Enquanto alguns estudantes compreendem determinados conteúdos com maior facilidade, outros podem precisar de mais exemplos, materiais concretos, explicações ou acompanhamento do professor.

Por isso, quando um estudante apresenta dificuldade, é importante compreender o que está interferindo em sua aprendizagem e buscar estratégias que favoreçam seu avanço. A avaliação também possui papel importante nesse processo, pois permite acompanhar o desenvolvimento, identificar dificuldades e avanços e repensar as estratégias utilizadas.

A comparação entre estudantes deve ser evitada. Realizar uma atividade primeiro não significa necessariamente ter aprendido mais, assim como precisar de mais tempo não significa ter aprendido menos. O tempo

utilizado em uma atividade, sozinho, não determina a qualidade da aprendizagem.

Respeitar os diferentes tempos de aprendizagem também não significa esperar passivamente que o estudante aprenda. O professor continua tendo o papel de planejar, observar, intervir e buscar diferentes estratégias. Jogos, histórias, imagens, materiais concretos e atividades práticas podem contribuir para que os estudantes tenham diferentes possibilidades de compreender os conhecimentos trabalhados.

Assim, respeitar os diferentes tempos significa reconhecer que os estudantes podem precisar de caminhos diferentes para alcançar objetivos comuns. O professor não deve reduzir suas expectativas, mas oferecer condições para que cada estudante possa avançar.

Considerações finais

A reflexão realizada permite compreender que não existe um único tempo de aprendizagem que possa ser aplicado igualmente a todos os estudantes. Cada um pode apresentar diferentes ritmos e formas de construir seus conhecimentos.

Piaget e Vygotsky contribuem para essa compreensão ao destacarem, respectivamente, a participação ativa do estudante e a importância das interações e da mediação no processo de aprendizagem.

Nesse contexto, o professor possui papel fundamental, pois deve acompanhar os estudantes, identificar suas necessidades e buscar estratégias que favoreçam seu desenvolvimento. Respeitar as diferenças não significa deixar de ensinar ou reduzir os objetivos, mas oferecer condições para que cada estudante avance.

Como futuras pedagogas, compreendemos que mais importante do que estabelecer um único tempo para aprender é pensar em estratégias que possibilitem a aprendizagem dos estudantes, considerando suas particularidades e mantendo o compromisso da escola com o ensino.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Referencial Curricular do Paraná: princípios, direitos e orientações. Curitiba: SEED-PR, 2018.

PIAGET, Jean. Seis estudos de psicologia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Entre vivências e aprendizagens: minha trajetória na Pedagogia



Willian Opalinski

Meu nome é Willian Opalinski, nasci em 1º de julho de 2004, na cidade da Lapa-PR, e hoje moro em Contenda, onde curso Pedagogia na Unifacear, localizada na cidade de Araucária, e trabalho na rede municipal de ensino.

Minha infância foi marcada por algumas mudanças familiares e experiências que contribuíram para minha formação pessoal. Fui criado pela minha mãe, junto com meus dois irmãos, e durante alguns anos vivi com minha família no interior, onde tive uma convivência muito próxima com minha avó e aprendi, por meio da rotina do campo, valores como responsabilidade, cuidado e dedicação. Essas experiências fizeram parte da minha trajetória e contribuíram para a pessoa que sou hoje, mas foi a partir da minha aproximação com a educação que comecei a descobrir o caminho profissional que gostaria de seguir.

Em 2019, surgiu a oportunidade de fazer o Magistério no Colégio Estadual Professor Júlio Szymanski. Eu queria muito entrar, mesmo minha mãe tendo algumas preocupações por causa da distância. Insisti e consegui. Foi durante o Magistério que comecei a descobrir o quanto gostava da educação e tive a certeza de que queria ser professor.

Em 2023, comecei a cursar Pedagogia na Unifacear e, em maio daquele mesmo ano, comecei a trabalhar na rede municipal de ensino de Contenda. A partir daí, minha relação com a educação mudou ainda mais. A faculdade passou a ocupar um espaço muito importante na minha vida e, principalmente, na maneira como passei a enxergar a profissão de professor.

Quando comecei a faculdade, no primeiro ano, eu não tinha grandes expectativas sobre o curso. Eu já trabalhava na área, mas ainda tinha uma visão bastante ingênua sobre o que realmente significava ser professor. Com o passar do tempo, os estudos, as experiências e as conversas com os

professores foram mudando minha forma de pensar. Comecei a perceber que ser professor vai muito além de transmitir conteúdos: envolve compreender os alunos, conhecer diferentes realidades, buscar conhecimento constantemente e ter responsabilidade com aquilo que fazemos.

Essa mudança aconteceu principalmente porque tive a oportunidade de conciliar a teoria da faculdade com a prática do trabalho. Enquanto aprendia determinados conceitos em sala, muitas vezes conseguia perceber como eles apareciam no meu dia a dia com os alunos. Isso fez com que os conteúdos tivessem outro significado para mim.

A partir do segundo ano, com o início dos estágios supervisionados, essa transformação ficou ainda mais evidente. Nesse período, tive a professora Alessandra Giacomiti como responsável pelos estágios. Ela teve um papel muito importante na minha formação, pois sempre procurou mostrar o lado bonito da educação, aquele que faz a gente se apaixonar pela profissão, mas sem esconder os desafios que existem nela. Por meio das aulas, das conversas e das experiências, fui ampliando minha visão sobre o que é ser professor.

Também passei a conhecer diferentes autores, teorias e metodologias. Quanto mais eu estudava, mais percebia que a Pedagogia era muito maior do que eu imaginava quando comecei. A faculdade não apenas me ensinou conteúdos, mas me fez questionar minhas próprias ideias e repensar a forma como eu atuava com os alunos.

Por isso, não posso deixar de destacar a importância dos professores e do coordenador do curso de Pedagogia. Vejo neles um esforço verdadeiro para formar novos profissionais. Algo que considero um grande diferencial é perceber que muitos deles ensinam com amor pelo que fazem. Esse entusiasmo acaba contagiando os alunos e torna a aprendizagem muito mais significativa. Para mim, é difícil aprender sobre educação com alguém que não demonstra paixão pelo ato de ensinar, e tive a sorte de encontrar professores que demonstram isso na prática.

No terceiro ano da faculdade, percebi outra mudança em mim. Nunca fui um aluno que buscava conhecimento por vontade própria. Eu tinha facilidade para aprender, mas não gostava muito de estudar além do necessário. Com o tempo, as experiências na faculdade e as conversas com os professores despertaram em mim uma vontade maior de pesquisar, aprender e conhecer coisas novas. Essa mudança também refletiu diretamente na minha atuação em sala de aula, pois passei a interagir melhor com os alunos e a buscar novas maneiras de ensinar.

Esse novo interesse pelo conhecimento também me incentivou a participar mais ativamente das experiências proporcionadas pela faculdade. Entre elas, uma das que mais marcou minha trajetória foi a Feira de Profissões realizada pela universidade. Participar desse momento e poder falar para alunos do Ensino Médio de Araucária sobre o curso de Pedagogia foi muito gratificante. Poder contar um pouco da minha experiência, falar sobre a profissão e despertar o interesse de alguém pela área foi algo muito significativo para mim. Saber que uma pessoa pode conhecer a Pedagogia por meio daquilo que compartilhei e, posteriormente, escolher esse caminho é uma sensação difícil de explicar.

Além de todo o conhecimento adquirido, a faculdade também me proporcionou amizades e momentos de convivência, que tornaram essa caminhada mais leve. A troca de experiências, as conversas, os trabalhos e até as dificuldades compartilhadas fazem parte da formação. A Pedagogia é um curso que eu gosto muito, mas, como qualquer outra graduação, também pode ser cansativo. Ter pessoas ao nosso lado para dividir essas experiências faz uma grande diferença.

Hoje, olhando para esses anos de faculdade, percebo o quanto mudei. Entrei na Pedagogia sem saber exatamente o tamanho da responsabilidade de ser professor e, aos poucos, fui compreendendo a importância dessa profissão. A faculdade me ajudou a ampliar meus conhecimentos, mas também mudou minha maneira de enxergar os alunos, a escola e a própria educação.

Ainda tenho muito a aprender e sei que minha formação não termina quando eu receber o diploma. Pelo contrário, acredito que ser professor é estar sempre aprendendo. Quero levar comigo os ensinamentos dos meus professores, as experiências dos estágios, os momentos vividos com meus colegas e, principalmente, o amor pela educação que fui construindo ao longo dessa caminhada.

Hoje posso dizer que a Pedagogia não é apenas um curso que estou fazendo. Ela passou a fazer parte de quem eu sou e daquilo que quero construir para o meu futuro. E talvez essa seja uma das maiores aprendizagens que a faculdade poderia me proporcionar: entender que ser professor não é apenas uma profissão, mas uma escolha que exige conhecimento, responsabilidade e, acima de tudo, amor pelo que se faz.

Jornada acadêmica de Pedagogia da Unifacear Fazenda Rio Grande



Yasmin da Silva Ferreira Batista

1. Introdução

A formação em Pedagogia não acontece somente dentro da sala de aula, mas também por meio de experiências que nos permitem conhecer diferentes situações e realidades da educação. Nesse sentido, participei da Jornada Acadêmica de Pedagogia da Unifacear – Fazenda Rio Grande, realizada nos dias 18, 19 e 20 de maio de 2026.

Durante os três dias, foram abordados temas relacionados à inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista, à rede de proteção da criança e do adolescente e à inserção da Computação na Educação Infantil. Para mim, foi uma oportunidade de conhecer assuntos diferentes e perceber como eles podem estar presentes no cotidiano escolar.

Considero essa experiência importante para minha formação, principalmente porque pude relacionar alguns dos assuntos apresentados com conteúdos que já venho estudando no curso de Pedagogia. Além disso, as palestras me fizeram pensar sobre situações que, futuramente, poderei encontrar na minha atuação como professora.

2. Materiais e métodos

As atividades aconteceram de forma presencial, por meio de palestras, apresentações, momentos de interação e troca de experiências. Durante os encontros, foram utilizados diferentes recursos para tornar as apresentações mais dinâmicas e facilitar a compreensão dos temas abordados.

No primeiro dia, foram apresentados recursos e estratégias relacionados à inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista. Foi um dos momentos que mais chamou minha atenção, principalmente pela

utilização de músicas, atividades e diferentes recursos durante a apresentação. Isso me fez perceber que pequenas mudanças nas estratégias utilizadas pelo professor podem contribuir para que os alunos participem mais das atividades.

No segundo dia, a palestra apresentou informações e situações relacionadas ao atendimento de crianças e adolescentes, abordando também a atuação da escola e do Conselho Tutelar. Esse tema me fez refletir sobre a responsabilidade que a escola possui para além do ensino, principalmente quando é necessário buscar apoio para proteger crianças e adolescentes. Também tivemos um sorteio de livros relacionados ao tema apresentado.

No terceiro dia, a apresentação abordou a inserção da Computação na Educação Infantil. Eu achei interessante conhecer uma forma diferente de pensar a Computação com as crianças, pois percebi que ela não precisa estar relacionada somente ao uso de computadores e outros equipamentos tecnológicos. Durante as atividades, pude perceber que também pode ser trabalhado o pensamento, a criatividade e a resolução de problemas.

3. Resultados alcançados

A participação na Jornada me proporcionou aprendizados diferentes em cada um dos três dias. Mesmo sendo temas distintos, consegui perceber que todos possuem relação com situações que podem fazer parte da rotina escolar e da atuação do professor.

No primeiro dia, a inclusão foi o tema que mais me marcou. As atividades, músicas e recursos utilizados durante a apresentação me fizeram pensar que cada aluno possui suas próprias necessidades e que o professor precisa estar preparado para buscar diferentes formas de possibilitar a participação de todos. Essa foi uma reflexão que considero importante levar para minha futura prática profissional.

No segundo dia, pude compreender melhor o papel da escola diante de situações que envolvem crianças e adolescentes. Algumas informações apresentadas eram assuntos que eu ainda não conhecia de forma

aprofundada. Por isso, a palestra contribuiu para que eu entendesse melhor quando a escola precisa buscar apoio e como pode acontecer a atuação conjunta com o Conselho Tutelar.

Já no terceiro dia, a apresentação sobre Computação na Educação Infantil ampliou minha visão sobre o assunto. Antes, eu pensava mais na Computação relacionada aos equipamentos tecnológicos, mas a apresentação mostrou outras possibilidades de trabalhar esse tema com as crianças. Percebi que atividades simples também podem estimular o pensamento, a criatividade e a resolução de problemas.

De maneira geral, participar dos três dias foi uma experiência importante para mim. Além de conhecer novos conteúdos, pude relacioná-los com aquilo que venho aprendendo durante a graduação. Também percebi que a formação do professor não termina na faculdade, pois é necessário continuar aprendendo, refletindo sobre a própria prática e buscando novas possibilidades para trabalhar com os alunos.

Segundo Freire (1996), o papel do professor não se limita à transmissão de conhecimentos, mas envolve a criação de possibilidades para que os estudantes participem ativamente do processo de aprendizagem e construam seus próprios conhecimentos. Essa ideia se relaciona com o que vivenciei durante a Jornada, principalmente quando percebi a importância de utilizar diferentes estratégias para favorecer a participação e a aprendizagem dos alunos.

4. Conclusões e considerações finais

Participar da Jornada Acadêmica de Pedagogia da Unifacear foi uma experiência significativa para minha formação. Cada dia trouxe um aprendizado diferente e me fez olhar para algumas situações da educação de uma maneira que eu ainda não tinha pensado.

Além dos conhecimentos adquiridos, gostei de participar de uma atividade diferente da rotina da faculdade e de acompanhar profissionais compartilhando experiências e conhecimentos. Também foi interessante

vivenciar esses momentos junto com os colegas, podendo acompanhar as apresentações e trocar percepções sobre os assuntos abordados.

Ao final, considero que os três dias foram muito proveitosos para minha formação. Saio dessa experiência com uma visão mais ampla sobre algumas situações que podem fazer parte da atuação do pedagogo e com a percepção de que preciso continuar buscando conhecimento para estar preparada para minha futura profissão. A Jornada contribuiu, assim, para minha trajetória acadêmica e para minha preparação como futura profissional da educação.

Referências

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Aprendizagem ativa no ensino superior: dinâmicas de pareamento conceitual e investigação prática em Engenharia



Márcia Manfra; Heloísa Pinheiro; Lauri Lenz

O presente relato de experiência tem como objetivo descrever e discutir a aplicação de metodologias ativas em duas disciplinas do curso de Engenharia da Unifacear, Campus Araucária: Fundamentos de Mecânica e Estatística e Probabilidade. Busca-se evidenciar como a adoção de dinâmicas de pareamento conceitual, duplas rotativas e aprendizagem baseada em projetos pode favorecer a participação dos estudantes, a compreensão de conceitos abstratos e o desenvolvimento de competências essenciais para a formação profissional. Para isso, são apresentadas experiências desenvolvidas no contexto das turmas de 1º período de Engenharia Civil, Elétrica, Mecânica e de Produção.

A experiência na disciplina de Fundamentos de Mecânica partiu da observação de que as principais dificuldades dos estudantes na resolução de exercícios não residem apenas no cálculo matemático em si, mas na correta interpretação de enunciados, identificação de símbolos algébricos e conversão de ordens de grandeza. Para romper com o modelo tradicional de resolução isolada de problemas, foi desenvolvida uma metodologia ativa que une o resgate conceitual imediato à aprendizagem colaborativa, estruturada por meio de cartões didáticos de pareamento e a formação estratégica de duplas rotativas.

A dinâmica consistia na utilização de um conjunto de cartões físicos divididos em categorias, como grandezas físicas, unidades de medida, prefixos e representações vetoriais. Os alunos realizavam um pareamento imediato entre os cartões, funcionando como um "aquecimento cognitivo" que garantia o domínio da linguagem técnica básica antes de enfrentar os desafios matemáticos. A cada nova aula de exercícios, os integrantes das

duplas eram obrigatoriamente trocados, removendo os estudantes de suas zonas de conforto sociais e estimulando competências como empatia, comunicação clara, paciência e capacidade de negociar caminhos para a resolução de um mesmo problema.

Essa rotatividade também treinava a docência entre pares, com a co-construção do conhecimento. Ao explicar um raciocínio mecânico para um colega diferente a cada semana, o aluno que já dominava o conteúdo era forçado a estruturar seu pensamento de forma didática, consolidando seu próprio aprendizado. Por outro lado, o estudante que enfrentava dificuldades recebia o apoio de uma linguagem acessível e de múltiplos pontos de vista ao longo do semestre.

Já na disciplina de Estatística e Probabilidade, foi realizada uma atividade prática igualmente fundamentada em metodologias ativas, mas com foco na aprendizagem baseada em projetos e na investigação prática. O objetivo foi desenvolver competências de observação, registro sistemático e elaboração de gráficos, utilizando o Excel como ferramenta de apoio. A turma foi dividida em seis equipes que percorreram os corredores dos blocos da Unifacear, coletando dados sobre manifestações patológicas presentes nas estruturas físicas do campus.

Para a coleta de dados, foram observados seis blocos da Engenharia Civil, em seus três pavimentos, registrando manifestações como umidade ascendente na fundação, afundamento de piso, trincas nas paredes e degradação do revestimento de argamassa. Essa atividade aproximou os conceitos estatísticos da realidade da construção civil, permitindo que os alunos compreendessem como apresentar os dados de forma clara, com a finalidade de um bom entendimento dos problemas construtivos observados.

Após a coleta, os alunos organizaram as informações e elaboraram gráficos no laboratório de informática da Unifacear. Foram sorteados diferentes tipos de gráficos, como de coluna, de barras, linhas, de setores e radar, com o objetivo de verificar qual deles melhor representava os dados coletados. Ao final, foi realizada uma enquete no grupo de WhatsApp da

turma para a votação do gráfico que melhor representou os resultados, estimulando o engajamento coletivo e o senso de pertencimento à atividade.

A atividade desenvolvida na disciplina de Estatística e Probabilidade colocou o estudante como protagonista do processo de ensino. Ao realizar a coleta de dados, organizar as informações e elaborar gráficos no Excel, os alunos deixaram de ser apenas receptores de conteúdo e passaram a vivenciar a aplicação prática dos conceitos estatísticos. Essa abordagem promoveu o desenvolvimento de competências essenciais, como pensamento crítico, autonomia, trabalho em equipe e tomada de decisão baseada em evidências. A interação entre os grupos durante a coleta e análise dos dados favoreceu o diálogo e a troca de experiências, tornando o aprendizado mais dinâmico e significativo.

O uso de ferramentas digitais, como o Excel, ampliou a compreensão dos conteúdos, permitindo que os estudantes visualisassem os resultados de forma clara e objetiva. Além disso, a votação dos gráficos mais representativos, realizada por meio de enquete, estimulou o engajamento coletivo e o senso de pertencimento à atividade. Entre os principais benefícios observados estão: maior motivação e envolvimento dos alunos nas aulas; desenvolvimento de habilidades práticas aplicáveis à Engenharia Civil; compreensão mais profunda da importância da estatística na análise de fenômenos reais; e fortalecimento da aprendizagem colaborativa e da capacidade de comunicação técnica.

As duas experiências relatadas evidenciam que a articulação entre diferentes estratégias de metodologias ativas, seja por meio de dinâmicas de pareamento conceitual e duplas rotativas, seja por meio de projetos de investigação prática com uso de tecnologia, pode transformar o aprendizado em uma vivência concreta. Mais do que reproduzir conteúdos de forma tradicional, as propostas permitiram que os estudantes desenvolvessem habilidades de comunicação, colaboração, pensamento crítico e autonomia, preparando os futuros engenheiros para lidar com dados e tomar decisões fundamentadas na realidade profissional.

A experiência demonstrou que o uso de metodologias ativas, aliado à tecnologia e à prática de campo, contribui significativamente para a formação de profissionais mais preparados para os desafios do mercado de trabalho e para a construção de uma aprendizagem mais significativa e duradoura.

Agradecimentos

Celebrar 20 anos de história é, antes de tudo, celebrar pessoas. Pessoas que ensinaram, aprenderam, compartilharam, acreditaram, transformaram e ajudaram a construir, dia após dia, a trajetória do curso de Pedagogia da Unifacear.

Aos autores e autoras dos textos que compõem esta obra, professores, alunos e egressos, nosso sincero agradecimento pela confiança, pela generosidade em compartilhar suas experiências e pela contribuição para que diferentes saberes e vivências pudessem ser registrados nesta edição especial. Cada relato representa uma parte dessa história e contribui para preservar a memória de uma trajetória construída coletivamente.

Aos alunos e egressos do curso de Pedagogia da Unifacear, nossa gratidão. Vocês são a razão de ser de nossa caminhada e aqueles que nos desafiam, diariamente, a repensar práticas, ampliar conhecimentos e buscar uma formação cada vez mais humana, qualificada, inovadora e ética. Ao longo desses 20 anos, muitas histórias se entrelaçaram nas salas de aula, nos estágios, nos projetos e nas experiências acadêmicas, deixando marcas que ultrapassam os limites da universidade.

Aos professores e professoras do curso de Pedagogia da Unifacear, nosso reconhecimento pelo compromisso, pela dedicação e pelo empenho na formação de profissionais e, sobretudo, de pessoas comprometidas com a educação e com a transformação da sociedade. São muitos os saberes compartilhados, os desafios enfrentados e as experiências vivenciadas que contribuíram para a construção e o fortalecimento do curso ao longo dessas duas décadas.

À coordenação do curso de Pedagogia, nosso agradecimento pelo compromisso com a gestão, pelo cuidado com as atividades acadêmicas e pela dedicação à construção de uma formação de qualidade. Estendemos esta homenagem a todos os coordenadores e coordenadoras que, ao longo desses 20 anos, assumiram essa importante missão e deixaram sua contribuição para a história do curso. Cada gestão, com suas

particularidades, desafios e conquistas, fez parte da construção do caminho que hoje celebramos.

Aos demais coordenadores e coordenadoras e à Direção Acadêmica, agradecemos pelo comprometimento, pelo apoio e pela confiança depositada no trabalho desenvolvido pelo curso de Pedagogia. A construção de uma trajetória acadêmica sólida é resultado do esforço e da colaboração de muitas pessoas, e cada contribuição foi fundamental para chegarmos até aqui.

À Unifacear, nosso agradecimento pelo suporte institucional e por acolher, ao longo desses 20 anos, tantos sonhos, projetos, aprendizagens e histórias. A instituição foi e continua sendo espaço de formação, encontro, diálogo e transformação.

A todos que, de alguma maneira, fizeram parte dessa trajetória, deixamos nosso mais profundo agradecimento. Alguns nomes permanecem registrados, outros vivem nas lembranças e nas histórias compartilhadas, mas todos fazem parte da identidade que o curso de Pedagogia construiu ao longo dessas duas décadas.

Que esta edição especial do Saberes seja, portanto, mais do que um registro comemorativo. Que seja uma forma de celebrar o caminho percorrido, reconhecer aqueles que ajudaram a construí-lo e reafirmar nosso compromisso com os caminhos que ainda estão por vir.

Vinte anos de Pedagogia na Unifacear: uma história construída por muitas mãos, muitos saberes e muitas histórias.



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFACEAR

Av. das Araucárias, 3802 - Tomaz Coelho
83707-065 Araucária - PR

www.unifacear.edu.br • @unifacear

ORGANIZAÇÃO

Andreia Helena Pasini Guareski
Heloísa Pinheiro
Thais Barbosa Marochi
Thiago Boaventura

ISBN: 978-65-977931-0-5

CDL



9 786597 793105

Araucária - PR, 2026